

RICARDO KELMER

O irresistível charme da insanidade



RICARDO KELMER

O irresistível charme da insanidade

ROMANCE
São Paulo-SP - 2011
artepaubrasil.com.br

PERSONALIZE ESTE LIVRO

Este livro eletrônico pode ser baixado gratuitamente no blogdokelmer.wordpress.com. Caso você deseje ter um exemplar eletrônico exclusivo com dedicatória personalizada para você, entre em contato. Você pode também personalizar seu exemplar inserindo um texto de apresentação escrito por você e com sua foto. Seria um presente interessante para dar aos amigos, não?

Contatos: rkelmer@gmail.com

CONTRACAPA

Luca é um músico, obcecado pelo controle da vida, que se envolve com Isadora, uma viajante taoísta que afirma ser ele a reencarnação de seu mestre-amante do século 16. Ele inicia uma estranha aventura onde somem os limites entre sanidade e loucura, sonho e realidade, e, por fim, descobre que para merecer a mulher que ama terá antes de saber quem na verdade ele é.

Nesta insólita história de amor, que acontece simultaneamente na Espanha quinhentista e no Brasil do século 21, os *déjà-vu* (sensação de já ter vivido uma certa situação atual) são portais do tempo através dos quais temos contato com nossas outras vidas.

Blues, sexo e uísques duplos. Sonhos, experiências místicas e ordens secretas. Este romance exercita, numa história divertida e emocionante, intrigantes possibilidades do tempo, da vida e do que seja o "eu".

ORELHA

A história de Luca e Isadora é na verdade duas histórias. Uma acontece no século 21, pelas praias do Nordeste, entre shows e agitos da noite, e a outra aconteceu no século 16, num mundo de intrigas políticas e religiosas, ordens secretas e rituais misteriosos.

Aconteceu? Talvez seja mais correto dizer que as duas histórias acontecem pois ambas se cruzam e se influenciam, levando os personagens a vivenciar o tempo de um modo diferente, a questionar suas noções sobre a vida e a morte e a viver no emocionante e perigoso limite da própria sanidade.

Existirá mesmo a reencarnação? Ou essa crença será apenas o nível superficial de um entendimento bem mais profundo e abrangente da realidade? Haverá outros "eus" vivendo vidas simultâneas? Será possível alterar o passado?

O encontro, ou reencontro, de Luca e Isadora traz à tona todas essas questões. Convidamos você a acompanhá-los nesta intrigante história de amor, temperada com humor, erotismo e mistério.

AGRADECIMENTOS

Publicado originalmente em 1996, este romance foi reescrito quinze anos depois. É a mesma história, sim, mas agora está contada da forma que sempre deveria ter sido. Devo isso em boa parte a alguns leitores que durante anos me incentivaram a republicá-la. Meu obrigado, portanto, a essa gente insistente.

E obrigado também aos meus parceiros, que compuseram comigo a trilha sonora deste romance.

*A você
que me ensinou a voar
sobre o abismo dos meus medos*

Prólogo

ELE A ABRAÇOU e assim se deixou ficar, juntinho a ela, inteiramente envolvido pela sensação de já ter vivido aquilo antes... Fechou os olhos e tentou lembrar quando vivera aquela mesma situação mas tudo que lhe veio foi a sensação de estar girando, girando... Era como se estivesse num círculo, girando, sempre passando por aquele mesmo lugar... girando num círculo, sempre passando pelo mesmo ponto, sempre...

Abriu os olhos assustado, voltando a si. Sentia-se levemente tonto. Olhou ao redor, certificando-se que continuava ali, no cais de Barcelona, naquela manhã enevoada. Ela ainda estava abraçada a ele, no meio da pressa dos funcionários do cais. Quanto tempo se passara? Alguns segundos? Séculos?

– O que foi? – ela perguntou.

– Não sei, uma tontura...

– Há dias que você está estranho.

– Preciso ir agora.

– Tem certeza que não posso mesmo ir?

– Já falamos sobre isso, Catarina.

– E se você não voltar?

– Claro que voltarei. Em um mês ajeitarei as coisas em Lisboa e voltarei. E iremos juntos para o Brasil. Não foi o que combinamos?

– Estou com medo, Enrique... – Ela o abraçou novamente, mais forte.

– Já estão a subir as velas – ele respondeu, sentindo o vento soprar. Desfez o abraço e saiu caminhando em direção ao navio, o passo rápido, sem olhar para trás.

Minutos depois o navio começou a afastar-se e, da amurada, ele a viu acenando, sozinha no cais, no meio da né-

voa. E de repente foi como se ela repetisse um gesto muito antigo, feito muito tempo atrás, um aceno triste que lhe cortava a alma. Quando haviam se despedido assim?

Preciso de um trago, ele pensou, sentindo a alma pesada. E se dirigiu à cabine.

Ele não queria pensar nisso mas sabia: era só o início de uma longa e difícil viagem.

LUCA DESPERTOU ASSUSTADO. Sonhara com um abismo, imenso e escuro, bem à sua frente, um abismo aterrorizante... Esfregou os olhos e soltou um longo bocejo enquanto esticava as pernas sob a poltrona da frente. Olhou pela janela do ônibus e viu a paisagem passando, a vegetação próxima, as casinhas simples à beira da estrada, uma serra mais adiante... Felizmente não havia abismos por ali, ele pensou, aliviado.

Mais um pouco e estaria em Pipa, a famosa praia no litoral sul do Rio Grande do Norte. Fazia seis meses, desde quando acertara a folga com a gráfica, que sonhava com aquela viagem. Agora tudo que faria pelos quatro dias seguintes, até domingo, seria descansar a cabeça e esquecer dos problemas em Fortaleza. Sozinho. Sem relógio, sem celular e sem internet.

Na verdade levava o celular, sim. Com acesso à internet. Mas, como ele mesmo se prometera, era só para conferir se alguma garota havia deixado um recado urgente, nada mais. E também para ver se um amigo depositara em sua conta a grana que lhe devia. Ah, e também para acompanhar a venda de ingressos para o próximo show da banda, isso era muito importante. Pequenos cuidados, só isso, para que a vida não saísse do controle.

Pelo reflexo da janela pôde ver seu rosto, o cabelo assanhado, a expressão sonolenta... Viu a cicatriz na face direita e lembrou do acidente, um passeio de jangada, o pau da vela lhe batendo no rosto, ainda era adolescente. Tudo porque queria impressionar uma garota. Amar era mesmo um perigo.

No fim da tarde, poucos quilômetros antes de Pipa, o

ônibus passou por uma cidadezinha e, do alto da encosta, Luca gostou do que viu. À sua esquerda, lá embaixo, se espalhava uma grande lagoa, que mais à frente se transformava em rio e corria suave para o mar. Além da lagoa, por sobre a copa das árvores, o sol se punha devagar, salpicando a água de reflexos que se misturavam aos botos que saltavam.

Encantado com a paisagem, Luca sentiu seu olhar capturado por aquela beleza poética, quase musical...

– Que cidade é esta? – perguntou à senhora do banco ao lado.

– Tibau do Sul. É uma antiga vila de pescadores.

Luca lembrou do que os amigos falavam sobre Pipa, as praias lindas, as pousadas, o agito dos barzinhos, gente do mundo todo. No entanto, aquela paisagem...

Levantou da poltrona, foi até a cabine do motorista e pediu que ele parasse. Mudara de ideia. Ficaria em Tibau do Sul.

Mochila às costas e violão debaixo do braço, ele caminhou de volta pela estrada e, à entrada da cidade, seguiu em direção ao mar, até a beira da encosta, onde havia um barzinho de estilo rústico. Escolheu uma mesa sob a palhoça, pediu uma dose de cachaça e sentou, deliciando-se com a brisa marinha e o cheiro da maresia. Havia um barco ancorado e um bando de gaivotas brincava no céu. A luz do fim de tarde banhava a paisagem de uma atmosfera meio onírica e de repente ele sentiu-se fora do tempo, tudo ao seu redor flutuando feito um pedaço de terra que se solta do continente da realidade...

Foi nesse momento, feito uma ânsia, que a canção quis sair. Não apenas queria, ela precisava sair. Rapidamente, ele puxou o violão e... a música não saiu. Tentou vários acordes mas nenhum deles conseguiu expressar devidamente a alma daquele instante. Outra hora talvez, ele pensou, levemente frustrado, encostando o violão. E virou de um gole a bebida.

* * *

JÁ ERA NOITE quando Luca alcançou o camping, um pequeno espaço arborizado próximo ao rio que a dona do terreno, dona Zezé, uma senhora divorciada, alugava para campistas. Ao lado ficavam sua casa, uma pequena pousada e o restaurante, tudo muito simples. Como não estavam na alta estação e nem era feriado, a pousada estava vazia e no camping havia apenas uma barraca azul e nenhuma outra mais.

– Embaixo daquela mangueira é um lugarzinho bom pra você ficar, faz muita sombra – sugeriu dona Zezé. – Mas antes não quer comer alguma coisa? Você tá muito magro.

– Eu venho depois, obrigado.

Em poucos minutos Luca armou a barraca e trocou de roupa. Alguns passos para o norte e estaria à beira da encosta, o rio alguns metros lá embaixo esperando-o para um banho. Melhor impossível. Mas o banho ficaria para o dia seguinte, estava muito cansado.

No restaurante ele comeu um sanduíche com refrigerante, conversou mais um pouco com dona Zezé e conheceu seus dois filhos adolescentes, que moravam com ela e a ajudavam a administrar o negócio. Depois voltou à barraca e deitou. O sono, porém, não veio rapidamente como ele queria. A simplicidade e a beleza daquele lugar, em vez de relaxá-lo, de repente lhe trouxeram muitos pensamentos...

Por que a vida não era mais fácil de ser vivida?, ele se indagou. Em vez disso, era preciso estar sempre atento para que a vida não fugisse do controle, sempre esperto para que a mão traçoeira do destino não se metesse em suas chances de ser feliz. Por quê?

Um contínuo e angustiante esforço de se estabilizar e economizar dinheiro – era a isso que se resumira sua vida. Quando tinha dezoito anos e cursava administração na faculdade, imaginava que logo estaria numa situação tranquila, sem afobações financeiras. Mas o futuro aconteceu diferente. Após empregar-se numa gráfica, abandonou a faculdade e passou a se dedicar mais ao violão, um velho prazer da adolescência. Tinha agora vinte e oito anos e tudo continuava difícil e em-

pacado.

Dois anos antes ainda morava com a mãe, dona Glória, e a irmã Celina, que namorava o baterista da banda. O pai morrera quando eles eram bem pequenos e a mãe não casara novamente. Agora o emprego de gerente na gráfica lhe garantia o aluguel da quitinete, onde morava sozinho. Meia dúzia de shows por mês ajudavam a manter a duras penas o velho fusca, a comprar comida, pagar as contas, tomar uns uísques e pronto, era só. As despesas eram medidas e contadas e recon-tadas nos mínimos detalhes, um sufoco permanente. Dona Glória já desistira de aconselhar o filho a tentar concurso público e se casar. Ser gerente de gráfica, dizia ele, era o máximo de concessão que podia fazer. E quanto a casamento...

– Tô fora, mãe. O amor descontrola muito a vida da gente.

Sentia-se cansado. A sensação era de que, apesar de todos os esforços dos últimos anos, continuava andando em círculos, girando sobre o mesmo ponto, sempre girando, sempre...

Olhou para o violão deitado ao lado. Pelo menos havia a música. E a banda. Dois anos antes conhecera Junior Rível, que o convidou a cantar na banda que estava montando. Inseguro, hesitou em aceitar.

– Pensa bem, cidadão – insistiu Junior – Muito show, muito uísque. E muita mulher!

Argumento irresistível.

– Topado – respondeu Luca, apertando a mão do novo amigo. – Festa é o que nos resta nessa vida.

– Opa. Isso dá um blues.

Nascia assim a amizade entre Luca e Junior Rível. E nascia também a Bluz Neon. Festa é o que nos resta – era o lema da banda. Blues, rock e irreverência na noite de Fortaleza. Os cachês eram baixos e muitas vezes se apresentavam de graça mas o prazer de tocar compensava tudo. E para Luca a Bluz Neon era o refúgio perfeito, onde podia se esconder da claridade traiçoeira dos dias. À noite ele estava a salvo, tudo

sob perfeito controle. A noite sim, era segura, com seus bares, uísques e amores sob controle. Era como um sonho bom. O único defeito era que no outro dia ele sempre tinha que acordar.

*Teus olhos se acendem nos neons
É o frisson de bar em bar
É preciso ser feliz, é urgente
Um romance caliente
Antes do dia nos lembrar
Que o sonho não resiste à luz solar*

* * *

NO DIA SEGUINTE Luca levantou tarde, sentindo-se ainda cansado. Demorara bastante a adormecer, envolto em seus mil pensamentos. Será que nem ali, naquele paraíso, conseguiria relaxar de verdade?

Fazia uma manhã de sol claro em Tibau do Sul. Luca pôs o óculos escuro, deixou a barraca e foi ao restaurante da pousada tomar café. Mais tarde, após um demorado banho de rio, ele voltou ao camping. Sentia-se mais disposto. Qual fora a última vez em que entrara num rio? Nem lembrava. Mas precisava fazer aquilo mais vezes.

Após trocar de roupa, dirigiu-se ao restaurante para almoçar e foi nesse momento que ela surgiu.

– Oi...

Ele virou-se e viu uma garota. Era bonita e aparentava a mesma idade que ele. Usava short jeans, camiseta e sandália.

– Oi – ele respondeu, simpático.

– Sou sua vizinha de barraca. Isadora.

– Prazer. Luca.

– Luca... – ela repetiu, experimentando o nome em sua boca. – Luca...

Ela riu, mantendo nele o olhar. Está tão diferente..., pensou, reparando em seu corpo magro, o cabelo despenteado,

a cicatriz na face...

– Está sozinho?

– Agora não estou mais.

– Que bom! Já almoçou?

– Não. Minha vizinha me daria a honra? – Ele brincou de fazer um galanteio, como se tirasse um chapéu da cabeça.

– Hummm... Como recusar?

No restaurante, ele sugeriu moqueca de peixe e ela aceitou. Luca percebeu que ela tinha belos olhos cor de mel. Percebeu também que ela o olhava de um modo estranho e sentiu-se incomodado. A cerveja chegou e ele sugeriu um brinde:

– Aos encontros.

– Encontros, não – ela corrigiu. – Reencontros.

Reencontros? Ele não entendeu mas deixou para lá. E bebeu. Ela quis saber de onde ele era e ele respondeu que morava em Fortaleza.

– Fortaleza... Um dia vou conhecer. E o que você faz?

– Trabalho numa gráfica mas meu negócio é música.

Tenho uma banda, a Bluz Neon.

– O que vocês tocam?

– Blues, rock e o que der na telha futebol clube.

– Deve ser bem legal. Eu sou de São Paulo. Conhece?

– Não. Mas você não tem muito sotaque.

– É que morei em vários lugares quando era pequena.

Peguei gosto por viagem. Me sinto cidadã do mundo, sabe?

– Não tem medo de viajar sozinha?

– Claro que não.

– Se precisar, tem uma lan house na entrada da cidade.

– Ah, não, nada de computador nessa viagem. Não trouxe nem o celular.

– Sério? Por quê?

– Digamos que eu... preciso me conectar mais comigo mesma.

– Sei – ele respondeu, sem ter certeza se realmente sabia.

– E o que você faz em São Paulo?

– Trabalhava num banco. Mas pedi as contas pra poder

fazer essa viagem. Faz um mês que viajo pelo litoral nordestino.

Bonita e interessante, Luca pensou, enquanto tomava um longo gole de cerveja. Mas por que o olhava daquele jeito estranho?

– Posso perguntar uma coisa, Isadora?

– Claro.

– Por que você está me olhando assim?

– Ahn... é que você... você me lembra alguém.

– Quem?

Ela girou o copo entre os dedos, nervosa.

– E você, não tem a impressão que também me conhece?

– Por quê? A gente se conhece?

Ela sorriu e novamente não respondeu. Luca achou melhor não insistir, talvez ele a fizesse lembrar de alguém que ela não queria lembrar, é, talvez fosse isso.

– Nossa moqueca chegou – ele avisou, mostrando o garoto que se aproximava com a bandeja.

Serviram-se e comeram. Luca pediu outra cerveja, animado. Segundo dia e um almoço com uma gata daquele naipe... Nada mal. Cervejinha, barracas vizinhas... Nada mal mesmo.

– Você por acaso já viveu na Espanha, Luca?

– Não. Por quê?

– Tem certeza?

– Claro. Mas por quê? Você morou lá?

E de novo ela não respondeu. Em vez disso, sorriu desconcertada e olhou para fora do restaurante. Ele continuava intrigado. Ela o confundia com outro, devia ser isso. Mas que era uma gracinha, isso era.

– E daqui você vai pra onde, Isadora?

– Por aí. Sem planos.

– Sem planos? Caramba, você deve ser uma pessoa bem otimista.

– Claro. No final tudo sempre dá certo.

- Admiro essa sua confiança na vida.
- E por que eu iria desconfiar dela?
- Pelo simples fato de que se você não planejar e se precaver, as coisas saem do controle. Não acha?

Ela riu como se ele houvesse contado uma boa piada e respondeu:

– Você sabe quando é que começamos a ter controle sobre as coisas?

– Não. Mas é o tipo da coisa que eu gostaria muitíssimo de saber.

– É quando abdicamos de ter controle sobre elas.

Luca pensou um pouco, buscando compreender. Mas desistiu.

– Não entendi.

– Ora... Se não há tentativa de controle, como as coisas vão sair do controle?

– Ah... – Luca riu, achando que era uma brincadeira. Mas logo percebeu que não era.

– Você está falando sério?

– Claro que sim.

Lógica perfeita..., ele pensou. Mas absurda demais para ser levada a sério. As suas coisas, por exemplo, de que modo se ajeitariam por si próprias? O trabalho, a banda, o aluguel do apartamento, a manutenção do carro... E os casos amorosos? Como tudo isso se resolveria por si só? Não, definitivamente não era possível. A vida era uma grande boiada e era preciso domá-la o tempo todo. O que Isadora propunha não passava de um mero romantismo. No entanto, tinha de admitir que, vindo dela, aqueles absurdos até que possuíam um certo charme...

Após o almoço pegaram um ônibus e seguiram para Pipa, onde passearam, conheceram as pousadas e as lojinhas e tomaram sorvete na pracinha. Isadora contou das praias que conheceu naqueles dias, o quanto se sentia em casa em todos os lugares e como se aproximava mais de si mesma assim, solta pelo mundo.

- E você, Luca? Gosta de viajar também?
- Gosto. Mas não assim como você.
- Tem medo de se perder?
- Acho que eu gosto mais da segurança da minha cidade. Lá eu sei me mover bem.
- Entendi. E essa cicatriz aí?
- Lembrancinha de um passeio de jangada. Fizemos um blues pra ela. Quer ouvir?
- Ela respondeu que sim e ele cantou:

*Amar é um perigo
Só eu sei o que eu passei
Nesse abismo deu vertigem
E a angústia não se desfez
Não quero a dor de mais um bis
Depois só resta a cicatriz
Só não me peça, beibe
Não me peça pra te amar*

- Você teve uma decepção amorosa muito forte? – ela quis saber.
- Tive. Mas já faz tempo.
- Até esses sofrimentos têm seu lado positivo.
- Claro que têm. Depois disso fiquei vacinado.
- Como assim? Não quer mais amar novamente?
- Prefiro não me arriscar. Amar é um perigo.
- É mesmo – Ela riu. – O melhor perigo do mundo.
- Luca riu também. Mas não concordava, é claro.

* * *

CHEGANDO AO CAMPING, de volta a Tibau do Sul, Luca perguntou se Isadora gostaria de beber algo, ele tinha um vinho na barraca.

- Preciso te dizer uma coisa, Luca.
- O quê?

- Eu sonhei com você.
- Comigo? Quando?
- Seis meses atrás.
- Mas a gente nem se conhecia...
- Era você.
- Sério? Era eu mesmo, assim como você me vê agora?
- Não, sua imagem não era muito nítida. Mas era você.
- Não entendo. Como pode uma coisa dessa?
- Mistérios da vida. E você?
- Eu o quê?
- Nunca sonhou comigo?

Eu adoraria dizer que sim, bebe... – ele quase respondeu.

– Não.

Isadora sorriu sem graça, desapontada.

– No sonho que eu tive, você me pedia pra gente se encontrar nessa praia.

– Você realmente está falando sério?

– Estou. Eu lembrei de tudo quando acordei, só não sabia qual era a praia. Mas sabia que ficava nessa região. E que havia um rio. Aí, na semana passada, quando cheguei em Tibau do Sul, senti que seria aqui que eu encontraria você.

O que significava aquilo?, pensou Luca, coçando a cicatriz no rosto, cada vez mais intrigado. Seria uma cantada? Se fosse, então era bem original.

– Você disse mais uma coisa no sonho.

– O quê?

– Que eu precisava te ajudar.

– Ajudar em quê?

– A saltar no abismo.

– Que abismo?!

– Não sei. Foi o que você disse. Então aqui estou.

– Juro que não sei de nenhum abismo – ele respondeu. E de repente lembrou... lembrou vagamente de um sonho... Sonhara com um abismo aqueles dias. Sim, um abismo... escuro... ameaçador...

Coincidência, ele pensou, livrando-se da lembrança incômoda. Apenas coincidência.

– Não sabe mesmo? – ela perguntou novamente.

– E mesmo que soubesse, quero distância de abismo.

Não gosto deles.

Ele queimava os neurônios, procurando entender tudo aquilo... Ela devia estar brincando, devia ser isso, uma brincadeira. Ou então não batia bem da cabeça. Seria louca?

– Se você realmente veio de tão longe por causa de um sonho... Então o que aconteceria se eu não aparecesse?

– Bem... Na verdade eu não quis pensar muito nisso.

– Acho que devia ter pensado.

– E você devia ter lembrado de mim.

Ele percebeu uma certa irritação no tom da frase. Isadora olhava para o céu estrelado e torcia as mãos, impaciente.

– Desculpa, Luca, não quis ser grosseira – ela falou, voltando-se para ele. – É que eu... estou confusa. Eu achava que você... que você também...

– Foi só um sonho, uma coincidência.

– Não pode ter sido só isso – ela respondeu, quase interrompendo-o. E prosseguiu sussurrando, mais para si mesma que para ele: – Não pode.

Luca sentia-se meio perdido, sem saber o que deduzir de tudo aquilo. Como alguém podia sonhar com uma pessoa que não conhece e sair por aí em busca dela, sem qualquer garantia de encontrá-la? Isso era tão absurdo, tão inconcebível... Ela não podia estar falando sério. Mas também não parecia estar brincando. Só havia uma explicação: era louca. E com loucos não se podia argumentar.

– Escuta, por que a gente não esquece esse assunto e toma um vinho? Você gosta de...

– Você acredita em vidas passadas, Luca? – ela o interrompeu.

– Vidas passadas? Por quê?

– Acredita ou não?

Ele pensou rápido. Não acreditava, claro, impossível a-

creditar naquelas bobagens. Mas e se o sucesso da noite estivesse nas mãos de uma boa resposta?

– Depende.

– De quê?

– Depende do dia.

– Sei. E como estará seu dia amanhã?

– Amanhã... Acho que é um bom dia pra se acreditar em tudo.

– Ótimo. Porque tenho uma história bem louca pra te contar.

– Por que não conta hoje?

– Porque... – Ela pensou um pouco. – Porque eu é que não estou num bom dia pra acreditar em tudo.

Enquanto ele procurava algo para dizer, ela abriu a barraca e entrou.

– Boa noite, Luca.

DO RESTAURANTE, enquanto tomava café, Luca observava o camping ao lado. A barraca azul estava lá, no mesmo lugar, a alguns metros da sua. Mas Isadora não estava. Moça interessante..., ele pensou. Interessante mas infelizmente maluca. Aquelas ideias de levar a vida sem planos... Então ela estava ali porque sonhara com um cara que não conhecia e que devia encontrá-lo numa praia do Nordeste? E o cara era ele? E aquela história de saltar no abismo? Não. Era muita doidice.

Após o café Luca pegou a trilha, rumando para leste, em direção ao mar. Quando chegou à encosta, o sol já ia alto no céu, a bola de fogo sobre o horizonte impondo-se lentamente dia adentro. Enquanto admirava a paisagem, ele não pôde evitar de se comparar a ela: a Natureza não fazia força alguma para ser o que era, ao passo que sua vida era o oposto...

De repente os gritos de uns garotos pegando onda o despertaram de seus devaneios. Ficou olhando para eles, admirado de suas habilidades, os corpos feito pranchas, deslizando firmes na água. Levantou e desceu a encosta, disposto a se divertir um pouco com o mar. Quando chegou, percebeu que as ondas eram maiores que imaginava mas entrou mesmo assim, escolhendo ficar um pouco distante dos garotos para não atrapalhar.

Na primeira onda que se ergueu à sua frente, faltou-lhe coragem e ele mergulhou para escapar, quase sendo arrastado pelo repuxo. Desistiu também na segunda, com medo. Na terceira, a mesma coisa. Começou a se achar ridículo.

Quando a onda seguinte veio, jurou para si mesmo que não desistiria e aguardou sua chegada. Ela veio e, quando

chegou, ele deixou-se erguer. A onda ganhou mais força e de repente quebrou. No instante seguinte ele viu-se solto no ar, caindo, e a imensa massa de água caindo por cima dele. Luca perdeu totalmente o controle do próprio corpo e, submerso, passou a girar e girar, feito um boneco desengonçado. Em certo momento bateu a cabeça na areia e ficou tão zozzo que sequer sabia para que lado estava o céu.

De repente, quando já estava esgotado e respirando água, tudo ficou silencioso e sem dor. Parecia não estar mais na água. Parecia estar fora do tempo. Então ela surgiu bem à sua frente... uma mulher de vestido branco... Era bonita e olhava silenciosa e compreensiva para ele. Soube instantaneamente que a conhecia de muito tempo atrás, tanto tempo que seria inútil tentar lembrar. Ela lhe estendeu a mão e ele compreendeu que se a aceitasse, todo sofrimento se dissiparia como um sonho ruim do qual se desperta. Tudo que precisava era segurar sua mão, só isso...

Então sentiu agarrarem seus cabelos. Percebeu que o puxavam à superfície. Por um segundo pensou em protestar, em pedir para ficar ali embaixo, mas não teve forças. Foi levado pelos garotos para a areia, onde vomitou e aos poucos foi melhorando. Eles explicaram que ele não deveria mergulhar sozinho, que aquelas ondas eram muito perigosas. Luca agradeceu e ficou ali, sentado na areia, enquanto os garotos voltaram para o mar e continuaram desafiando com naturalidade as enormes ondas. Como conseguiam controlá-las?

Quando chegou ao camping foi que realmente se deu conta de que quase morrera. Que merda! Estava vivo por um triz. Entrou na barraca e sentou-se, assustado, ainda envolvido pelas sensações. Lembrou da alucinação, a mulher de branco – por que ela lhe era tão familiar? E lembrou também que, por um rápido instante, teve em suas mãos a decisão do que aconteceria, que poderia tentar o derradeiro esforço para se salvar ou poderia aceitar a morte.

Não teve tempo de decidir. Mas... e se realmente tivesse tido chance de optar? Prosseguiria lutando, se debatendo e

sofrendo até o último instante ou se deixaria levar, tranquilamente, para longe do sofrimento, junto à mulher de branco?

Levantou, buscando afastar o incômodo que sentia. Não gostava daquelas coisas, a morte, o além... Melhor não contar para ninguém e esquecer o assunto. Então armou a espreguiçadeira e pegou o violão. Um pouco de música para afugentar o além.

* * *

UMA LUA MINGUANTE subia no céu de Tibau do Sul junto com as primeiras estrelas. Em frente à barraca azul uma pequena fogueira crepitava, mantendo afastado o frio da noite. Sobre uma toalha, Isadora arrumava um prato com queijo.

– Faz séculos que não faço um piquenique – disse Luca, chegando com o vinho.

– Aproveita que está em pé e guarda este livro, por favor.

– I Ching, o livro das mutações... – ele disse, pegando o livro das mãos dela e pondo dentro da barraca. – Já ouvi falar.

– É o oráculo do Taoísmo – ela respondeu. – Funciona como um instrumento pra você se investigar psicologicamente, pra captar os seus movimentos internos e harmonizá-los com os externos.

– Muito místico pro meu gosto.

– Você se concentra numa questão, mexe as varetas ou as moedas, anota os resultados e no final lê a mensagem. Mas o objetivo de todo taoísta é um dia não precisar mais de oráculo pra conseguir captar os movimentos.

– E pra quem não acredita, como eu, funciona?

– Sempre funciona. Mas talvez você não capte a essência da mensagem.

Luca abriu o vinho e serviu.

– Vamos brindar a quê? – ele perguntou.

– Aos movimentos que nos trouxeram até essa fogueira.

– Boa.

Tocaram os copos e beberam. E ele reparou como ela estava bonita sob a luz bruxuleante da fogueira.

– E a história que você disse que ia me contar?

Ela olhou séria para ele. Em seus olhos Luca pôde ver o reflexo inquieto do fogo, a dança colorida das labaredas... Nesse momento teve uma sensação estranha, um princípio de vertigem. Sentiu-se puxado para dentro de um outro estado de ser, mais leve, mais distante...

– Dois anos atrás comecei a ter um sonho recorrente – ela começou. – Era sempre o mesmo lugar, na Espanha, um povoado pequeno... Parecia final da Idade Média, século dezesseis, por aí. No sonho tinha uma criança brincando mas eu nunca via os olhos dela. Esse sonho se repetiu durante meses. Fiz hipnose com uma terapeuta e as imagens vieram mais fortes. Aí eu pude ver os olhos da menina. E me vi neles. E percebi que aquela criança era eu.

– Ora veja – comentou Luca, tentando não transparecer sua incredulidade em relação aqueles assuntos.

– Vi vários fatos da vida dessa menina passarem diante de mim, como num filme. Não só vi – eu vivi. Ou melhor, revivi, sentindo as sensações da menina. Não lembrei tudo mas lembrei muita coisa dessa vida.

– Como era a menina?

– Ela se chamava Catarina. Era uma adolescente pobre quando se casou com um alemão e foi morar com ele na Alemanha. Ele era um homem rico e ela aprendeu a ser uma dama. Ela tinha tudo pra levar uma vida tranquila e confortável mas um dia conheceu um missionário português e se apaixonou perdidamente... Enrique, o nome dele. Era jesuíta e conhecia pessoas importantes, viajava pra muitos países, sabia outras línguas. E era meio bruxo.

– Como assim?

– Pertencia a uma ordem secreta, essas coisas. Usava os sonhos pra saber o que rolava na Corte, as tramas políticas da Igreja, entrava no sonho dos outros... Ele visitava Catarina nos sonhos e juntos viviam experiências em outros planos da rea-

lidade, uma coisa bem louca. Um dia ela fugiu com Enrique. Mas algo deu errado na fuga e ele desapareceu.

– Morreu?

– Não sei. Porque na verdade Catarina nunca soube. Mas é uma curiosidade que eu tenho. É provável que tenha sido preso ou algo assim. Catarina procurou por ele durante anos, de cidade em cidade. Mas não encontrou. Nem nos sonhos ele apareceu mais.

– Deve ter arrumado outra.

– Não. Ele a amava demais.

– Esse negócio de amar demais nunca termina bem. Mas e depois?

– Ela... Bem, ela enlouqueceu.

– Enlouqueceu? De verdade?

Isadora demorou a responder. Luca percebeu que ela estava emocionada.

– Sim, ficou louca, de verdade. A falta de Enrique a consumiu até o fim da vida. E ela morreu assim, procurando por ele.

Durante algum tempo ninguém falou nada e o silêncio que se formou era como uma sombra entre eles. Luca teve vontade de perguntar que interesse ela tinha em lhe contar aquela história mas sentia que não devia fazê-lo, que era melhor ficar quieto. Em vez disso, perguntou:

– Você lembrou mesmo de tudo isso?

– É mais que lembrar, Luca. Eu vivi de novo.

– E você acredita mesmo que foi essa Catarina?

– Eu não acredito. Eu fui.

Isadora olhou para a fogueira. Apanhou algumas pedrinhas e atirou às chamas.

– E você, Luca? Essa história não lhe diz nada?

– Não acredito em reencarnação.

– E o bruxo português?

– O que é que tem ele?

Ela continuou jogando pedrinhas na fogueira. Luca abriu a boca para repetir a pergunta quando outra ideia lhe veio.

– Peraí. Você não está achando que eu sou esse Enrique, né?

Ela não respondeu.

– Naquele seu sonho, eu disse isso, que fui esse Enrique?

– Não. Mas eu reconheci Enrique em você – Ela virou o rosto, olhando calmamente em seus olhos.

Luca riu, constrangido.

– Foi depois desse sonho que decidi largar tudo. E vim atrás de você.

Ele simplesmente não sabia o que dizer.

– Só que tem algo errado... – ela falou, esforçando-se para sorrir. – Era pra você lembrar também.

Ele respirou fundo, tentando organizar as ideias. Então aquela mulher largara tudo para encontrar alguém de outro tempo, de outra vida, que ela agora procurava nessa vida, viajando pelas praias do Nordeste? E ela achava que ele era o tal alguém? Então estava explicado o comportamento estranho dela, as insinuações... Mas aquilo era uma loucura, uma completa loucura. E era como uma névoa a envolvê-lo...

– Isadora, tenho uma sugestão – ele disse de repente. Precisava se afastar daquele assunto – Vamos ouvir música? Eu trouxe o violão.

Ela fez que sim com a cabeça. Ele levantou, avisou que primeiro iria ao banheiro e saiu, dirigindo-se ao restaurante. Quando retornou, Isadora não estava mais lá. Ele olhou para a barraca azul fechada e suspirou, desanimado.

* * *

LUCA ABRIU UM OLHO, depois outro e finalmente os dois juntos. Ainda estava escuro e fazia um pouco de frio. Ajeitou-se sob o lençol, lembrando a noite anterior, as doídices de Isadora, sua tal vida na Espanha, Catarina, o bruxo português... A insanidade tinha olhos cor de mel.

Súbito escutou seu nome. A voz de Isadora. Levantou-

se e, enrolado no lençol, abriu a barraca. Agora já era dia e chovia fininho.

– Serviço de despertador pro senhor Luca de Luz Neon. Meio-dia.

Isadora sorria à sua frente. Estava ainda mais bela...

– Meio-dia? Caramba, dormi demais.

– Vem.

– Pra onde?

– Passear.

– Com essa chuva aí?

– Claro. Há quanto tempo você não brinca na chuva?

Ele esfregou os olhos, pensando na capacidade que ela tinha de dizer certas coisas como se fossem as mais simples e lógicas do mundo.

Minutos depois seguiam caminhando lado a lado pela estradinha de areia. A chuva caía leve, formando poças e espalhando pelo ar um frescor relaxante. Em pouco tempo estavam ensopados.

– Se eu chegar gripado na gráfica vai ser uma merda.

– Esqueça só por um momento que pode adoecer.

– E eu não comi nada ainda. Acho melhor...

Mas ela já saía correndo à sua frente. Luca apressou o passo, desajeitado, a água escorrendo pelo rosto. Isadora já havia sumido na curva. Ele começou a correr e um chinelo atolou na poça de lama.

– Isadora, me espera!

Então, de repente, ele lembrou que um dia... muito tempo atrás... uma noite... E parou de correr, tomado pela inquietante sensação de já ter vivido aquele momento antes, em algum tempo longínquo, quando? Um déjà-vu. Isadora sumindo na chuva, sumindo... os pingos nos olhos, um trovão ecoando... ele ali parado, ofegante, ela sumindo, ele gritando seu nome... Onde vivera aquela mesma cena, e quando, em que impossível tempo?

Continuou ali, parado sob a chuva, absorvido pela misteriosa sensação. Mas foi por pouco tempo pois logo domi-

nou-o um angustiante pressentimento de que se não corresse, aquela mulher sumiria de sua vida mais uma vez.

Mais uma vez?

* * *

AINDA CAÍA UM RESTO DE CHUVA quando a noite desceu em Tibau do Sul. No restaurante da pousada, Luca e Isadora tomavam um caldo de peixe, ele saboreando cada pedaço daquele delicioso momento: o gosto do caldo, a chuva, a musiquinha na rádio... Luca sentia a cabeça flutuar leve e os pensamentos vagarem sem critérios. Pela primeira vez naquela viagem sentia-se verdadeiramente descontraído. Os problemas que o esperavam em Fortaleza agora pertenciam a uma distante realidade e a realidade em que ele estava naquele momento era feita de coisas tão simples...

Ele olhou para Isadora à sua frente, entretida em seu prato, e admirou-se de como ela combinava com o momento, a chuva que caía lá fora, a simplicidade do lugar... Isadora parecia viver num outro patamar de apreensão das coisas, que ele não alcançava. Ela percebia a essência das coisas com naturalidade, enquanto ele precisava de muitíssimo esforço para... ser simples.

Que horas? Talvez algo entre seis e sete, ele calculou mentalmente. Ou oito e nove. Poderia perguntar mas não, não queria saber do tempo, o tempo já não importava, estar com Isadora era como estar fora dele.

Ela o havia arrancado de seu sono e o levava para conhecer as delícias de uma tarde chuvosa, um velho prazer esquecido de infância. Correram pela estrada, tomaram cachaça e olharam a chuva debaixo de tetos de palha. Riram de velhas piadas e comeram milho assado. E agora estavam ali, tomando caldo de peixe. Um dia perfeito. Como todos os dias deveriam ser.

– Desculpa por ontem, Luca. Não queria que ficasse constrangido com aquela história que contei.

– Você realmente sonhou comigo? – ele perguntou, dividido entre a curiosidade e o receio de retomar aqueles assuntos.

– Podemos falar de outra coisa?

– Claro.

Ele sentiu-se aliviado. Melhor mesmo não falar daquilo. Havia algo ali que o incomodava bastante, algo que ele não sabia precisar.

– Então me fala sobre o Taoísmo, fiquei curioso. É uma religião antiga, né?

– Tem uns cinco mil anos. Há o lado religioso mas prefiro o filosófico.

– E como é?

– Não vou te contar.

– Por quê?

– Você vai rir.

– Prometo que não rio.

– Ah, pensando bem, é pra rir mesmo.

– Não vou rir, eu juro.

– Filosoficamente falando, o Taoísmo é um modo intuitivo de entender a realidade. Um modo que o jeito ocidental, com toda sua lógica científica, não consegue entender. Dá um nó no pensamento.

– Como seria um modo intuitivo de entender a realidade?

– Captar os movimentos naturais da vida pra agir em harmonia com eles. É isso que o Taoísmo ensina.

– Então um taoísta é alguém ligado à Natureza?

– É alguém que está conectado com o Tao, ou seja, consigo mesmo e com a Natureza, com as verdades simples e naturais. O Tao é a unicidade de tudo que existe, aquilo que liga todas as coisas e liga também o eu ao todo. Se você se harmoniza com o Tao, fica mais simples viver. Mesmo vivendo no ritmo louco da cidade grande, é possível se manter ligado com a mente da Natureza.

– Mente da Natureza? Você andou fumando?

– Não – ela respondeu, rindo. – Deixa ver se consigo explicar. A Natureza é a vida e a vida tem seus movimentos, suas estações. É essa conexão com o natural que guia o taoísta por entre todo o caos. Sabe quando a gente se apega demais a uma coisa? Isso é antinatural. Porque aquela coisa se transforma o tempo todo e a gente continua apegado a algo que não existe mais. O que não muda, apodrece. Esse dinamismo é o Tao.

– O Tao seria um deus?

– O Tao não é uma entidade personalizada como os deuses das religiões. É algo impessoal, que não tem vontade nem tem moral. O Tao já é a própria ação da vida, o fluxo natural da realidade.

– Não sei se entendi.

– É porque não dá pra explicar o Tao. Só dá pra intuir.

– Aliás, sinceramente, nem sei o que tem pra entender nisso aí.

– Quem pergunta sobre o Tao não o imagina. E quem responde não o conhece.

– Estar em harmonia com as coisas... Isso me cheira a uma certa passividade, não?

– Pelo contrário. Captar o fluxo do Tao é um difícil trabalho interno, uma alquimia interior. Mas depois que consegue, você se ajusta às forças naturais da vida e se torna um com tudo que existe.

– E se eu quiser ir contra o Tao?

– Vai viver cansado.

Viver cansado... Luca escutou o eco daquelas incômodas palavras.

– Quem é uno com o Tao não precisa fazer nada. E, no entanto... nada deixa por fazer.

– Mas isso é contraditório.

– Eu não disse? Dá um nó no pensamento.

– Tao tem tradução?

– O ideograma chinês que corresponde ao Tao é feito de *pé* mais *cabeça*. O caminho, o sentido.

– Pra mim está mais pra “sem pé nem cabeça”... – ele falou e riu. – Ops, desculpa.

– Não faz mal, pode rir – ela disse, rindo também. – Se não houvesse gargalhadas, não seria o Tao.

Ele terminou de tomar o caldo e ficou olhando para ela, se deliciando com o que via: os olhos cor de mel, o cabelo molhado, a boca bem torneada, os seios se insinuando por baixo da camiseta... e maluca, deliciosamente maluca.

De repente ela ergueu o rosto e seu olhar interceptou o dele. Ele sentiu-se flagrado em seu desejo sexual.

– Pensando em quê, Luca de Luz Neon?

– Ahn... nada.

– Eu sei. Quer que eu diga?

Ele fez que sim com a cabeça. Ela tomou a última colher do caldo, limpou a boca e falou, naturalmente:

– Nos meus peitos.

Ele não acreditou no que escutou.

– E, se quer saber, eu estava a-do-ran-do...

Primeiro foi o olhar de idiota dele. Depois foram as mãos, apertando-se sobre a mesa. Depois as bocas, o beijo ávido, o inadiável encontro das línguas. Depois a conta paga com urgência, pode ficar com o troco, o último gole apressado de cerveja, o caminho de volta para a barraca, correndo, de baixo de chuva...

Chegaram ofegantes e enlameados. Entraram na barraca dele e ajoelharam-se um de frente para o outro. Ela suspendeu a camiseta, lhe exibindo os seios, e sussurrou:

– Vem.

Ele se lançou sobre os seios daquela mulher com todas as mãos e bocas e línguas que possuía, como se fossem mangas maduras e suculentas e ele um miserável esfomeado. Ela agarrou sua cabeça e o puxou para si, enquanto arrancavam o que tivessem de roupa e rolavam, quase derrubando a barraca. Depois ela pôs-se por cima, prendeu seus braços e o cavalgou, subindo e descendo, subindo e descendo...

Luca fechou os olhos, em êxtase. Sentia-se envolvido

pelas sensações de uma forma como nunca antes havia sentido. O olhar meio hipnótico de Isadora, a maciez da pele, o cheiro gostoso, o som musical de seus gemidos, o sabor irresistível de seu beijo... Tudo nela era bom demais, como podia ser tão bom? E tudo o envolvia de tal modo que pela primeira vez ele fazia sexo sem pensar exatamente no que fazia. Em vez de racionalizar, simplesmente fechou os olhos e deixou-se levar pelas sensações... a sensação de compartilhar seu corpo... a sensação de que algo o engolia... em sucções contínuas... ritmadas... o engolia...

De repente a explosão. Num segundo seus pedaços foram lançados para todos os lados numa velocidade impensável, milhões de fragmentos expelidos para o Cosmos sem fim. Então, enfraquecido pelo esforço, sentiu que deixava de existir, lentamente, diminuindo, apagando, morrendo... Para sempre.

* * *

PRIMEIRO UM OLHO. Depois o outro. Luca mexeu-se sob o lençol, lembrando de Isadora, o passeio na chuva, a transa na barraca... A transa mais louca e mais maravilhosa de toda sua vida.

Então olhou para o lado e não viu Isadora. Teve um mau pressentimento. Levantou rapidamente e saiu. E lá fora, sob a luz clara do dia, não viu a barraca azul. Nem sinal dela. Ficou parado, sem saber o que concluir. Novamente sentiu a vertigem, uma sensação estranha de estar escorregando para dentro de um sonho... Por um instante foi tomado por um medo terrível de que Isadora jamais houvesse existido.

Pôs o óculos escuro, correu até o restaurante e lá perguntou pela moça da barraca azul. Ela já havia ido embora, respondeu um dos filhos de dona Zezé. Ele sentou-se, triste por não estar com Isadora mas aliviado por constatar que ela existia, que tudo acontecera de verdade. Pediu um café forte e foi sentar-se à entrada do restaurante. Enquanto tomava o café,

olhou para o camping, para a barraca azul que não mais estava lá, e de repente a ausência de Isadora era um imenso e eterno vazio em sua alma. Que estranha sensação... Como era possível que algo que três dias antes sequer existia pudesse agora encher o seu ser de um vazio sem fim?

Quando chegou de volta à barraca foi que percebeu o papel dobrado sobre o lençol:

Te encontrei. Agora não há mais retorno. Salte no abismo.

Uma hora depois, após desarmar a barraca e pagar sua conta, ele caminhava pela estradinha de areia em direção à rua onde pegaria o ônibus que o levaria para Natal, onde tomaria outro ônibus para Fortaleza. Nesse instante, uma pequena cobra marrom surgiu à frente, cruzando lentamente a estradinha. Ele estancou e recuou um passo. Não gostava de cobras, elas lhe faziam lembrar a morte, a morte que quase o levara no mar de Tibau do Sul. A cobra também parou e por alguns segundos ficou ali, olhando para ele. E depois seguiu seu caminho, sumindo mato adentro. Luca se certificou que não havia perigo e prosseguiu, imaginando o pesadelo que seria despertar à noite com uma cobra dentro da barraca.

– Mas bem pior seria despertar dentro da cobra... – brincou.

No ônibus, ele leu o bilhete pela décima vez. Saltar no abismo. Que abismo?

A AGENDA DA SEMANA estava animada. Na quinta a Bluz Neon faria um show no Papalégua, barzinho famoso no bairro da boêmia Praia de Iracema. Na sexta seria o aniversário do Balu, o tecladista da banda. E no sábado a Bluz Neon tocaria num festival de rock na praia do Cumbuco, a meia hora da cidade. Para Luca seriam boas oportunidades para se refugiar sob o manto generoso da noite e esquecer que o dia o aguardava do outro lado.

– Tenho a honra de apresentar... – Carlito, o dono do Papalégua, anunciou. – Junior na guitarra, Ranieri no baixo, Balu nos teclados, Ninon na bateria, Luca na voz e no violão.

– E no uísque! – alguém gritou da plateia.

– Com vocês, a nossa atração de toda quinta... Bluz Neon!

Todos no palco, Luca cumpriu o velho ritual: virou uma dose de uísque e depois cumprimentou o público.

– Boa noite. Festa é o que nos resta.

Fizeram, como sempre, um show bastante alegre, tocando as músicas próprias e alguns clássicos do rock e do blues. Luca homenageou a Praia de Iracema, falou de suas meninas bonitas, dos personagens folclóricos do bairro e da magia que se espalhava pelas ruas feito maresia. Desceu do palco e cantou sentado numa mesa de garotas, bebendo no copo delas. No fim anunciou que estava à venda o CD demo, gravado durante um show em Canoa Quebrada. Encerraram, como sempre faziam, com o *Umbigo blues*, quando chamavam para o palco as meninas que estivessem com o umbigo à mostra e todos dançavam numa divertida mistura de blues com baião. Festa é

o que nos resta.

Depois do show, voltando do camarim, Luca estacionou no balcão e pediu um uísque duplo. Tomou um gole e cantou o rock que andava compondo.

*No balcão há um lugar
Pra quem não sabe aonde ir*

Nesse momento lembrou de Isadora... Isadora e seus beijos, seus peitos, sua loucura. Aqueles papos de Tao, sonhos, abismos, vidas passadas... Três dias com ela e agora três semanas sem ideia de onde pudesse estar. Será que ainda a veria outra vez?

– Oi, Luca.

Ele tomou um susto e virou-se, buscando a dona da voz. E deu de cara com uma garota. Tinha o cabelo vermelho e estava sentada ao lado no balcão. Ela sorria e dizia ser fã da banda, tinha o CD gravado em Canoa Quebrada, será que podia autografar?

Claro que sim, respondeu Luca, despedindo-se da lembrança de Isadora e pedindo uma caneta ao barman. A menina era simpática, ele reparou, e tinha um jeitinho delicioso de safada. Mas, caramba, devia ter uns dezesseis anos, como deixavam aquelas ninfetas entrar ali?

*Festa é o que nos resta
E eu tô com pressa, beibe*

Ele tomou um longo gole, sentindo o líquido descer pela garganta, ah, a bendita ardência, a fronteira proibida da noite... Aquela era a entrada no nível seguinte da realidade, onde tudo podia acontecer.

– Gosta de uísque? – ele perguntou.

– Adooooo.

Luca deu um gole em seu uísque, puxou rapidamente a garota pela cintura e a beijou na boca, passando-lhe devagar o

uísque de sua boca para a dela.

– Putaqui pariu... – ela murmurou depois, ainda surpresa.
– Foi o beijo mais embriagante da minha vida!

Uma hora depois, enquanto Ângela Ro-Ro cantava *Mares da Espanha* na sala do apartamento de Luca, a garota acendeu um baseado enquanto ele pela segunda vez abaixava o volume do som.

– Ah, cara, desencana! Festa é o que nos resta! – ela protestou, passando o cigarro para ele.

– Também acho. Mas tem um vizinho que não concorda comigo.

– Então canta um blues pra mim, vai...

– Pô, gatinha, já canto blues demais na banda.

– Então vou botar o CD pra gente ouvir!

Ele pensou em acender um incenso mas não encontrou a caixinha. Como conseguira perder se estava com ela um minuto antes? Abriu outra cerveja e se divertiu ouvindo a garota cantar as músicas da Bluz Neon, sabia todas de cor, até os comentários nos intervalos, incrível. A banda não tá precisando de uma vocalista ruiva?, ela perguntou. Ruiva, loira, morena..., ele respondeu, rindo. Onde diabos estava o incenso? Ela pôs para tocar novamente a primeira música e ele foi sentar no sofá. Mas errou o cálculo e caiu no chão, derramando a cerveja.

– Caramba... acho que a faxineira mudou o sofá de lugar.

Ele riu da própria piada e saiu cambaleando para pegar um pano de chão. Na volta escorregou na cerveja derramada e quase caiu de novo.

– Caramba, o que é isso, um complô?

Após enxugar o chão, sentou no sofá e fez sinal para a garota sentar ao seu lado. Quero ver de perto seu famoso umbigo blues, ela disse. Ele riu e suspendeu a camisa, mostrando o umbigo. Ela sorriu, passou a língua provocantemente entre os lábios e foi se ajoelhar entre suas pernas.

– Ei, psiu... Quantos anos você...

– Eu já disse, Luca.

Ela beijou seu umbigo e lhe fez cócegas com o piercing da língua. Depois puxou o zíper da calça.

– Disse mesmo? Então eu esqueci.

– Dezoito.

– Ah... claro... – Ele esticou o braço em busca da latinha de cerveja mas não encontrou. Definitivamente os objetos estavam de sacanagem com ele. – Que tal dezesseis?

– Tá bom, Juizado. Dezessete e meio.

A latinha estava no chão. Como fora parar lá? Aquele piercing na língua dela, era estranho... Mas era bom.

– Acho que não acredito.

Ajoelhada entre suas pernas, ela interrompeu os carinhos e ergueu o rosto, meio sorrindo, meio impaciente. Pôs o cabelo para trás da orelha e o encarou:

– Última oferta, Luca. Dezessete. Vai querer ou não?

– Fechado.

Ele tomou outro gole, largado no sofá. E sentiu-se relaxar... A sala era uma penumbra agradável e a garota estava novamente absorta em seus carinhos, entre suas pernas, o cabelo feito uma cortina vermelha à frente do rosto. É, pensando bem não seria má ideia ter umas vocalistas na banda. Botariam anúncio no jornal, banda muito próxima do estrelato procura vocalistas de fino trato, tratar com Luca à noite... Afastou a cortina vermelha para o lado e surgiu o olhinho azulado dela, sorrindo para ele. Não, mulher na banda não ia dar certo. Melhor deixar as meninas como estavam. Por trás das cortinas. Por trás das cortinas... das cortinas...

Tchum! De repente deu-se conta. Onde estava? Que horas eram? Estava bêbado demais, que merda. Pela janela entrava um pouco da claridade da rua. À frente, umas luzinhas verdes... piscando... dizendo que ali havia um aparelho de som...

Em casa! Claro, estava em casa. Na sala do seu apartamento, no sofá, claro. Luca suspirou, ufa, que alívio. Só um princípio de brancão, tudo bem, já passou. Muita birita, estô-

mago vazio. E aquelas duas ali, ajoelhadas no chão, entre suas pernas...

Duas?! Ele esfregou os olhos, intrigado. Procurou lembrar... Uma era a ruivinha do bar, tiete da banda. Mas e a outra? Não fazia a menor ideia. A vizinha de baixo, talvez? Tentou fixar o olhar mas não a reconheceu. Talvez amiga da ruivinha. Quem abrira a porta para ela entrar?

Finalmente entendeu: estava tão louco que via tudo em duplicata. E desatou a rir. Sexo com duas mulheres era uma delícia mas não exatamente daquela forma...

A garota suspendeu os carinhos e perguntou se ele estava mesmo a-fim.

– Só um instante, lírou beibi... – Ele ajeitou-se no sofá, rindo da própria chapação. – Teu nome... como é mesmo?

– Ah, não, Luca. Não digo mais.

– Bem... eu não queria te assustar mas... tem outra gata aí do teu lado.

E voltou a rir. Aquilo era a coisa mais engraçada do mundo.

– É minha irmã gêmea – Ela sorriu contrariada. – Você também pode ver?

– Heim?

– Ela morreu quando eu era pequena. Vez em quando aparece.

Luca parou de rir. Irmã gêmea? Morta? Aquilo era sério mesmo? Olhou mais uma vez para as duas mulheres ajoelhadas entre suas pernas e sentiu-se incomodado.

– É só não ligar que ela vai embora.

Ah, não. Transar com espírito já era rock'n'roll demais.

– Desculpa... – ele disse, afastando a cabeça dela de seu colo. Depois levantou-se e subiu a calça. – Hoje tá complicado.

Foi à cozinha e abriu a geladeira. Ainda havia uma cerveja, pelo menos isso. Tem dia que não é dia. Devia mesmo era ter ficado no bar com os caras.

Quando voltou à sala, elas olhavam a cidade, os corpos

nus encostados à janela, displicentes, ambas na mesma posição. Por um instante admirou-os, tão belos e convidativos. Ainda pensou em reconsiderar a decisão... mas não. Pedofilia astral não era brincadeira.

– Posso dormir aqui, Luca?

– Ahn... Melhor eu deixar vocês em casa. Vamos.

Meia hora depois ele parou o carro em frente ao prédio delas.

– Não é por mal que minha irmã faz isso, Luca.

– Tudo bem.

– Não sabia que você era sensível.

– Eu?

– A gente se vê de novo?

– Se sua irmã deixar...

Ele esperou que elas entrassem no prédio e ligou o fusca. E saiu, vendo as primeiras luzes da sexta-feira surgindo por cima da cidade. E lamentou. Como sempre, a claridade intrometida do dia dissipando a magia da noite.

Às oito tinha que estar na gráfica. Dava para dormir uma horinha. Irmã gêmea do além... Melhor nem contar, ninguém ia acreditar mesmo.

* * *

– LEVANTA, TIGRÃO! Três horas!

Uma voz feminina... vindo de longe...

Luca abriu os olhos devagar, reconhecendo o quarto. Aos poucos sentiu conectar-se àquela súbita realidade. Sábado... Ou seria sexta? Não, sábado mesmo, três da tarde... show à noite na praia do Cumbuco...

– Luz queimada, pia entupida! E esse espelho rachado? A gente fica um monstro se olhando nele! Por que você não pega o cachê de hoje e ajeita esse banheiro, heim?

– Fala mais baixo, Soninha, por favor...

Ele cobriu a cabeça com o travesseiro, protegendo-se daquela tempestade sonora. Que merda, devia ser proibido

acordar um ser humano assim, principalmente se o ser humano tivesse ido dormir ao meio-dia...

– Viu minha outra bota por aí, Tigrão?

Levantou-se ainda grogue, uma sede assombrosa a lhe rasgar a garganta. Foi até a cozinha para tomar uma água mas lembrou de Jim Morrison, acordar e pegar logo uma cerveja, porque o futuro é incerto e o fim estará sempre por perto...

Enquanto Soninha calçava suas botas pretas de salto, ele sentou na beira da cama, deu um bom gole na cerveja e pôs-se a admirá-la. Soninha... Bonita, gostosa mas absolutamente destemperada, caso de polícia. Corpo musculoso de professora de ginástica, viciada em academia e anfetamina, dava aula até no domingo. Tinha também outro vício: sexo. Com muito álcool, escândalos e arranhões. De família rica, frequentava as colunas sociais mas achava excitante caçar roqueiros cabeludos no submundo alternativo. Quando ele a via na plateia dos shows da banda, já sabia o roteiro da noite: tomariam todas, ela faria questão de pagar tudo e depois o levaria a um cinco-estrelas da orla onde ele rasgaria sua roupa, deixando-a apenas com as botas pretas, e fariam sexo feito dois bichos alucinados, no chão, na janela, na bancada da cozinha, e de manhã ela seguiria direto para a academia, sem dormir. Ou poderia ser o roteiro B: ela beberia demais e daria defeito, estragando a noite.

Na festa de aniversário do Balu, na noite anterior, ela aparecera usando um vestidinho curto e as famosas botas pretas, que sempre usava quando estava mal-intencionada. Ele mandava um papo mole com uma amiga do Ninon, estava até interessado na menina... mas, hummm, aquele olhar que ele já sabia, aquelas botas, como resistir?

Uma hora depois Balu abriu um uísque e serviu a todos. Depois botou para tocar sua coletânea Blues do Balu Volume 9 e apertou um natural, fazendo a festa engatar a quinta marcha. Às sete da manhã Iana, a namorada do Balu, teve de bater na porta do banheiro para avisar aos dois animadinhos que todo mundo já havia ido embora.

– Ah, qualé?! – Soninha argumentou lá de dentro. – Hoje é sexta!

– Nada disso – Iana discordou, paciente. – Já é sábado.

A porta abriu e surgiu Luca, a camisa desabotoada, o cabelo sem um fio no lugar.

– O amanhã só chega quando a gente acorda – ele filosofou, solene.

Luca serviu mais uma dose, bebeu metade e Soninha bebeu a outra. Então despediram-se e esticaram para o Roque Santeiro, um boteco no bairro do Mucuripe que tinha o caldo de carne e a cerveja ideais para finalizar as noites sem fim, ao som de Genival Santos, Diana e Odair José. Até que Soninha ia bem quando cismou que uma garota paquerava Luca e partiu para cima dela, derrubando-a no chão junto com as garrafas de cerveja. Aí não houve mais clima e tiveram que ir embora. Típico roteiro B.

– Aquela de ontem no banheiro da casa do Balu não valeu, viu, Tigrão? Você não conseguia nem ficar em pé.

Luca deu mais um gole na cerveja e continuou admirando-a. As coxas musculosas, a marca do biquíni minúsculo, os seios pequenos... Ela estava em pé, ao lado da cama, nua e deliciosa. Com as botas pretas.

– Vai se atrasar pra aula, professora...

– Dá tempo.

Instantes depois, enquanto era lentamente penetrada por Luca, ela esticou o braço, pegou o celular na bolsa, digitou, errou, digitou de novo e, de olhos fechados e falando pausadamente, explicou à recepcionista da academia que chamasse o professor substituto pois... acontecera um... um... só um momento... ai... um pequeno imprevisto... é, imprevisto... só um momento... hummm... e só poderia dar a aula das... ai... das cinco.

* * *

LUCA PEGOU UMA CANETA e, enquanto os outros afinavam os

instrumentos, sentou-se num canto do camarim e pôs-se a rabiscar num papel de guardanapo.

– Saiu do forno agora, Junior – ele disse. E cantarolou para o amigo escutar.

*No balcão há um lugar
Pra quem não sabe aonde ir
Festa é o que nos resta
E eu tô com pressa, beibe
Uma dose agora
Preciso beber pra me dirigir*

– Gostei. Mas não te empolga que o repertório de hoje já tá fechado, viu, cidadão?

– Prometo.

Minutos depois Ninon bateu no bumbo da bateria e Luca entrou no palco. Dali de cima ele podia ver a plateia espalhada pela areia da praia, o mar do lado direito, a lua imponente no céu... Ele virou a dose de uísque e pegou o microfone:

– Boa noite.

– Boa noite! – responderam algumas garotas próximas ao palco.

– Festa...

– É o que nos resta! – elas completaram, animadas.

O show transcorreu normal. Mas no fim, após o tradicional *Umbigo blues*, Luca tirou um guardanapo do bolso e anunciou, a voz rouca pelos excessos dos últimos dias:

– Essa se chama *Uma dose agora*. Ainda não está ensaiada. Os caras vão me esganar lá no camarim mas, porra, a gente está na praia, essa lua...

Ele pegou o violão, sentou no banquinho, dedilhou um pouco e parou. Deu a indicação para Ninon, na bateria, começar. Os outros balançaram a cabeça, resignados, e acompanharam. A música saiu péssima, claro. Mas havia um grupo de garotas animadas e barulhentas bem em frente ao palco e elas aplaudiram e gritaram tanto que felizmente ninguém atentou

muito para a música.

Terminada a apresentação, Ranieri apareceu no camarim com uma das animadas, que disse ter adorado o show e que tinha umas amigas que queriam demais conhecer os caras da Bluz Neon.

– Os neons solteiros, né, minha filha?... – consertou Celine, puxando o namorado Ninon pelo braço. – A gente já vai pra pousada. E você também, Balu, porque é hora dos casados irem dormir.

Uma dúzia de cervejas depois estavam os neons solteiros com as novas amigas na areia da praia. A lua do Cumbuco, o vento nos coqueiros, o quebrar das ondas, todos falando ao mesmo tempo. Junior no violão faltando uma corda, Ranieri na latinha de cerveja amassada e Luca na quase voz. Mais músicas, mais cerveja. Alguém tem seda? Ah, Junior, toca aquela, vai. Fumar aqui não é sujeira? A gente vai ser multado por excesso de prazer. Arruma umas cortesias pro Papalégua pra gente, vai. Esta cervo é a minha? O umbigo mais lindo é o do Ranieri. Banho à noite no mar não faz mal. Não faz mal... faz mal...

Tchum! De repente Luca deu por si. Em volta, tudo escuro. Um calor dos diabos. Estava numa sauna. Não, não, numa cama. Mas onde? E sob seu corpo suado havia uma... uma mulher. Entrava e saía de dentro dela com violência e ela dizia coisas que ele não compreendia. Assustou-se. Simplesmente não sabia quem era a mulher.

Sem interromper os movimentos de vai e vem, ele tentou lembrar... mas só conseguiu recordar do show. O que acontecera depois não tinha nenhum registro. Olhou para o rosto sob seu corpo e nada viu, estava escuro demais. Atentou para o que ela dizia mas não entendeu uma só palavra. Seria estrangeira? Ou uma extraterrestre?

Ainda estava muito bêbado. Fez um esforço para tentar lembrar alguma coisa, qualquer coisa... mas nada, não lhe acorria nenhuma imagem. Simplesmente não sabia com quem estava transando naquela cama. Que merda.

O suor escorria pela pele, colando seu corpo ao da mulher anônima. O gozo não vinha e já não tinha forças para continuar por mais tempo. Para completar, alguém pusera para tocar bem próximo uma axé music qualquer, aê, aê, ô, ô. Pensou em levantar e ligar o ventilador. Pensou em gritar para que abajassem o volume daquela música insuportável. Não. Tudo que precisava mesmo era terminar logo com aquilo, voltar para a pousada e cair em sua cama. Apagar.

Fechou os olhos para se concentrar e esquecer do calor, da música, da mulher sem rosto. Mas logo abriu novamente pois o quarto todo rodou. Não, vomitar agora não...

O SINAL FICOU VERDE e Luca acelerou, avançando o fusca pela avenida. Pelo retrovisor via as ruas ficando para trás, elas e suas esquinas de amores em oferta. O hálito morno da noite, a amiga noite a seduzi-lo nos neons coloridos... Luca sorriu, excitado. A cidade nua, o despodor no ar, um romance caliente... Era preciso ser feliz, urgente.

*A noite te veste de sorrisos
E teu hálito é a brisa a me guiar
Toda a pressa das esquinas
São vitrines de retina
Promessas de amar
Alugue um prazer com vista pro mar*

Mais uma apresentação no Papalégua, o bar do Carlito. Dessa vez na sexta-feira pois na quinta Luca ainda estava bastante rouco. E dessa vez os companheiros o proibiram terminantemente de improvisar com músicas não ensaiadas.

Depois do show Carlito dirigiu-se a Luca.

– Chegou no final da tarde – ele disse, entregando-lhe um papel.

Luca abriu o telegrama, curioso.

*Estou na lagoa de Uruaú. Torcendo por um bom show.
Isadora.*

Ele leu e releu e por alguns instantes sentiu-se deslizando lentamente por um buraco no tempo... dois meses antes...

Isadora...

– Quem é Isadora? – perguntou Junior, lendo o telegrama.

– A gata de Tibau do Sul.

– Ah, a que tu comeu numa vida passada. Luca Fajest agora ataca de esotéricas!

– Ela é doidinha mas é maravilhosa... – Luca falou, lembrando da última noite em Tibau do Sul.

– Ih, eu conheço esse olhar.

– Que olhar?

– De apaixonado.

– Que nada, é só um rolo.

– Cuidado, cidadão. Amar é um perigo.

Luca virou a dose de uísque e anunciou:

– Amigos, estou indo agora pra Uruaú. A gente se vê depois.

– Bicho, nossa personal trainer tá lá na mesa – Ranieri avisou. – E já mandou descer dois litros de Red. Vai recusar?

Luca olhou para a mesa e viu Soninha, ela e suas botas pretas assassinas... Soninha agora era uma espécie de assessora da banda para assuntos de academia e, graças a seus bons contatos, todos da banda podiam malhar sem pagar. Ela achava que o *Umbigo blues* ficaria bem melhor se todos estivessem com o tórax definido.

Por alguns segundos Luca ficou em dúvida, sentindo-se numa encruzilhada. Estava bêbado e cansado, talvez não fosse uma boa pegar estrada. Mas por outro lado, queria muito rever Isadora. Detestava aquelas súbitas decisões.

– Uruaú me chama – ele finalmente respondeu. – E guardem uma dose pra mim.

Pouco depois já seguia pela estrada em seu fusca. Então a danada estava na lagoa de Uruaú..., ele pensou, enquanto escutava os blues de Celso Blues Boy, um outro amor na longa estrada. Um estranho frisson tomava conta de seu corpo e de sua alma, fazendo-o acelerar o mais que podia, queria chegar logo, reencontrar Isadora...

Noventa quilômetros depois chegou a Uruaú, litoral leste do Ceará. Dirigiui atento pelas estradinhas de areia que circundavam a lagoa, procurando por uma barraca azul. Mas havia pouca lua no céu, estava muito escuro. Não encontrou a barraca. Rodou mais um pouco, um pouco mais e nada. Chateado, parou o carro próximo à margem, desceu e caminhou até a lagoa. Molhou os pés na água fria, lavou o rosto. Estava muito cansado. É, não fora realmente uma boa ideia. Onde estava com a cabeça? Que merda.

Então, olhando para um canto na outra margem, julgou distinguir... uma fogueira. Voltou correndo ao carro, fez a volta e saiu a toda velocidade pela estradinha de areia. Adiante pegou outro caminho e viu-se de repente no meio do mato. Mas prosseguiu. Então a paisagem abriu-se subitamente e a lagoa surgiu de novo à sua frente, enegrecida pela noite sem lua. E ao lado, poucos metros, a fogueira. E a barraca azul. E Isadora.

Abraçaram-se em silêncio durante um longo tempo. Ele reconheceu a sensação dos cabelos de Isadora lhe roçando o rosto, o contato dos seios em seu peito, o calor aconchegante de seu corpo... E então deu-se conta de que havia esquecido, simplesmente havia esquecido de como era realmente maravilhoso estar com ela.

– Que bom que você veio, Luca.

– Como soube do show?

– Vi no jornal. Liguei, pedi o endereço e mandei o telegrama.

Ele riu, bobamente fascinado. Isadora e seu jeito de fazer as coisas serem mais simples do que pareciam ser... De repente viver era de uma simplicidade tão óbvia, tão óbvia...

– Tá batendo o sono – ele disse, bocejando. – Tem algo pra beber?

– Por que não toma um banho? A água está bem morninha.

– Boa ideia.

Luca entrou na barraca para trocar de roupa e momentos

depois, como ele não saía lá de dentro, Isadora entrou e... o encontrou roncando, esparramado no colchonete, um pé no tênis e o outro fora, a boca aberta, babando. Ela achou graça da cena e, enquanto o ajeitava para dormir melhor, sussurrou em seu ouvido:

– Enrique...

Sim, confirmou para si mesma, ali estava seu amado, só podia ser ele. Nada que não fosse isso faria sentido. Ele era Enrique, sim, e ela finalmente o havia reencontrado. Quatrocentos anos depois.

Desde que os sonhos vieram, dois anos antes, ela lutara silenciosamente contra a pressão dos dois lados da realidade, um lado gritando que deixasse de maluquices, que vidas passadas sequer podiam ser comprovadas de fato, e o outro lado cochichando no ouvido que permitisse que aquele antigo amor lhe guiasse o caminho.

Após o sonho com Luca, decidira seguir os sussurros. Então largou o emprego no banco, juntou as economias e rumou para as praias do Nordeste. Mas as dúvidas sempre a acompanharam. Como iria encontrar alguém numa imensidão de lugares possíveis? E se tudo não passasse de uma tola e ridícula fantasia? Eram perguntas que doíam em sua alma. A mera consideração daquelas possibilidades lhe dava calafrios e nesses momentos uma imensa sombra a envolvia... a sombra da loucura. A loucura de Catarina.

Quando viu Luca em Tibau do Sul, não teve mais dúvidas. Porém, num primeiro instante, ao perceber que ele de nada lembrava e sequer acreditava em vidas passadas, sentiu-se perdida e frustrada, sem saber o que fazer. Mas já havia ido longe demais, simplesmente não podia desistir assim de seu grande amor, o amor que quatrocentos anos antes ela perdera por motivos que nunca entendeu. Então decidiu dar o passo seguinte, o sexo, e aquela noite maravilhosa na barraca só confirmou tudo, a sintonia perfeita dos corpos, a mistura harmoniosa de ternura e violência, o prazer enlouquecedor... Como o sexo podia ser tão perfeito com um desconhecido? Só se

o desconhecido não fosse realmente desconhecido...

Então decidiu prosseguir na viagem pelas praias, como se de alguma forma a proximidade do mar pudesse trazer de volta seu amor perdido. Talvez Luca só precisasse de mais algum tempo. Talvez ela também precisasse.

Estava certa. Um mês inteiro longe de Luca serviu para entendê-lo melhor. E, compreendendo a Luca, acabou também compreendendo um pouco mais ao próprio Enrique. Ambos eram obcecados por querer controlar a vida. Cada um a seu modo, ambos tinham um elevado sentimento de autoimportância e se achavam capazes de dominar todos os acontecimentos ao redor. Agindo assim, porém, esqueciam de realmente viver a vida. Entretanto, havia uma diferença, ela sabia: enquanto Enrique entregara-se ao amor que sentia por Catarina, Luca tinha medo de amar. Em seu sonho, ele lhe pedira que o ajudasse a saltar no abismo – mas parecia fugir dele.

Isadora olhou para o homem estirado à sua frente, bêbado e roncando. Fosse o abismo que fosse, definitivamente aquele não era o melhor jeito de saltar.

* * *

LUCA ABRIU UM OLHO e depois o outro, a velha estratégia para não doer muito. Fazia calor, já devia ser bem tarde. Reconheceu o interior da barraca azul de Isadora. Mas ela não estava ao seu lado. Sentiu uma súbita pontada de medo... O mesmo medo que sentira em Tibau do Sul quando procurava por ela no último dia.

Então saiu da barraca e a viu sentada ao lado, à sombra de uma goiabeira, lendo o I Ching.

- Bem vindo ao dia, Luca de Luz Neon.
- O que aconteceu ontem? – ele perguntou, bocejando.
- Você dormiu.
- Dormi antes ou depois da gente...
- Muuuito antes – ela respondeu, rindo.
- Que merda.

– Melhor assim, você estava num estado lastimável. E ainda veio dirigindo! Se eu soubesse, não teria mandado aquele telegrama.

– Vende óculos escuro aqui por perto? – ele perguntou, protegendo os olhos da claridade insuportável.

– Sem desesperos. Eu te empresto o meu.

– Isadora, você é a mulher ideal.

No restaurante, ele pediu uma cerveja para rebater a ressaca. E Isadora contou das praias por onde passara antes de chegar ali.

– Em Canoa Quebrada quase fui presa, sabia?

– Por quê?

– É que no camping tinha um viveiro de pássaros. E eu não aguento ver passarinho preso.

– O que você fez?

– Soltei todos, claro.

– Não acredito.

– A dona do camping desconfiou de mim e chamou a polícia mas não podia provar nada.

– Caramba, você é mesmo uma ameaça pra ordem estabelecida.

Inclusive para a minha, ele quase completou, por um triz.

– E a vida em Fortaleza, como vai?

– Tudo sob controle.

– Tem show hoje?

– Não.

– Oba. Então você pode ficar até amanhã.

– Ahn... Não posso. Hoje à noite tenho uma reunião importante.

– Que pena.

– Negócios – ele completou. – Sabe como é, a banda está ficando mais profissional.

Ele sorriu, tomando um gole de cerveja. Na verdade, o que dissera era uma meia-verdade. A banda estava realmente se profissionalizando mas a reunião não era com ninguém da

banda. Era com uma tiete. E a sós.

A tarde já caía quando eles saíram do restaurante e foram passear pelas margens da lagoa, pisar descalço a areia, sentir a brisa do fim de tarde.

– E aquele bilhete, Isadora? Que abismo é esse que eu tenho que saltar?

– Não sei. Você é quem devia saber.

– Claro que não. O sonho foi seu.

– Mas o abismo é seu – ela respondeu, rindo.

Caminhavam abraçados pela areia e as ondas vinham lhe lambem os pés, deixando conchas de lembrança.

– Você está satisfeito com a sua vida, Luca?

– Tem coisas que podiam melhorar.

– Você confia na vida?

Ele demorou a responder. Chutou uma pedra na areia.

– Não se pode confiar na vida cem por cento, Isadora, você sabe disso.

– Por quê?

– Porque a vida é traiçoeira. Tem que estar sempre atento pra não ser apunhalado pelas costas.

Isadora balançou a cabeça, inconformada. Como alguém podia ser tão travado?

– Entregue o controle, Luca. Isso é uma ilusão.

– Ilusão é achar que a vida se resolve por si só. É melhor controlar.

– Claro que não! Controlar a vida acaba travando a vida.

Ela soltou-se dele para apanhar uma concha.

– Confiar na vida parece loucura, eu sei. Mas tenta, vai. Eu ajudo.

Ela tirou a areia da concha e lhe entregou. Ele a encostou no ouvido.

– Está ouvindo? É o som do abismo. Ele vai te sussurrar o caminho se a gente se perder novamente.

– Novamente? – ele perguntou, guardando a concha no bolso.

– Sim, como quatro séculos atrás.

– Isadora, você sabe que eu não acredito em reencarnação – ele falou, tentando não ser rude. – Acredito no real, no que eu posso ver.

– Não importa. Você é Enrique, meu amor real.

– Mas como pode ter tanta certeza?

– Eu sei. Apenas sei.

– Tudo bem, vamos supor que seja eu mesmo. Por que então não lembro?

– Isso eu não sei.

– Se eu fui Enrique, então evoluí ao contrário. O cara era bruxo, fodão...

– Quem sabe você esteja desperdiçando seu poder tentando controlar tudo. Onde tem controle, a vida não flui. Nem sobra espaço pro amor, sabia?

– Você e Enrique se amavam mesmo?

– Muito.

– Por que ele não voltou pra você? Quer dizer, pra Catarina?

– Não sei, disso eu não consegui lembrar. Enrique tinha inimigos, acho que ele acabou sendo pego.

– Bem, se eu fui Enrique, então eu poderia saber o que houve com ele.

– Se realmente precisar saber, saberá.

– Isso é confiar demais no destino, Isadora! – Ele não se conformava. – Como se tudo já estivesse escrito.

– Nada está escrito. Temos que fazer tudo.

– Fazer tudo? Isso não contradiz o seu princípio taoísta de não forçar as situações?

– Contradiz mesmo.

– E então?

– Então temos de fazer tudo mas sem forçar as situações.

Ele suspirou, desistindo do assunto. Como alguém podia viver com lógicas tão absurdas?

* * *

LUCA ACORDOU e viu-se dentro da barraca azul. Dessa vez, porém, Isadora dormia ao seu lado. A reunião noturna com a tiete ele cancelara, simplesmente não resistira a Isadora. Aconchegou-se um pouco mais a ela enquanto lembrava da noite anterior, o corpo macio e generoso de Isadora, seu jeito gostoso de abraçar, de chamá-lo para dentro de si feito uma ordem a que não podia desobedecer... Com ela o sexo era sempre intenso. E tinha algo de misterioso, um quê de sagrado. E ela era tão linda dormindo... Luca acariciou seus cabelos enquanto se imaginava seu cavaleiro protetor. E se fossem casados?

Ele interrompeu a carícia, assustando-se com o próprio pensamento. Casados? Não devia estar muito bem da cabeça. De onde diabos tirara ideia tão insana?

Neste instante, sentindo o coração acelerado, ele viu acender-se a luzinha vermelha de alerta. Seu instinto parecia alertá-lo: existia um grande perigo ali. Sim, existia. E chamava-se amor. E o amor era algo que não fazia parte de seus planos. Amar era perder o controle de si mesmo, ele sabia, e isso era tudo de que não precisava. Mais prudente manter-se a uma distância segura.

No entanto ela era tão linda, tão especial... Ela era absolutamente diferente de qualquer mulher que conhecera em toda a vida. E ainda fazia o melhor sexo do mundo. Ao seu lado viver se tornava mais instigante, mais misterioso... Pena que morava tão longe.

E se por acaso morassem na mesma cidade?, perguntou-se, tentando imaginar como seria. Abdicaria de todas as outras por ela?

Sentou-se, incomodado com o rumo de seus pensamentos. Estava solteiro, por acaso esquecera disso? Estava solteiro e gostava de sua vida assim, sem as complicações que o amor sempre trazia. E, além de tudo, Isadora era louca demais. Melhor manter a coisa como estava, ela em suas viagens e ele em Fortaleza, na segurança de seu mundo.

Levantou com cuidado para não acordá-la e saiu da baraca. O sol já subia no horizonte mas o dia estava nublado. Caminhou até a casa que alugava caiaques e pegou um. Umhas boas remadas pela lagoa fariam bem.

Alojou-se dentro do caiaque e empurrou o chão com o remo, deslizando suavemente sobre a água. Luca não pôde deixar de atentar para o insólito da situação: seis horas da manhã de um domingo e ele num caiaque, remando naquela imensa lagoa, naquele imenso silêncio, era estranho. O amanhecer realmente era um mundo desconhecido.

O caiaque avançava lagoa adentro enquanto a luminosidade do novo dia se derramava devagar sobre a lagoa. De repente Luca sentiu que todo aquele silêncio era uma manifestação da lagoa e esta era tão grande... tão digna... que permitia que uma criatura barulhenta como ele perturbasse a paz de sua superfície.

Então parou de remar. O caiaque prosseguiu deslizando mais um pouco. E o silêncio se manifestou inteiramente, em toda a sua grandeza. Sentiu-se indigno naquele ambiente, contaminando-o, e começou a se arrepender de estar ali. Ele não era tão puro quanto aquele silêncio. Não era digno como a lagoa.

Foi nesse momento que, subitamente, compreendeu o quanto era pequeno diante daquilo tudo. Foi um clarão repentino que iluminou sua mente e o fez entender instantaneamente que ele não significava nada, absolutamente nada. Percebeu que a lagoa tinha perfeita consciência dele, claro, que era impossível que não soubesse dele em sua superfície. A lagoa estava ali havia séculos e nada a afobava. Digna e grandiosa, ela permitia que a vida se manifestasse em suas profundezas e que seres insignificantes como ele deslizassem em suas águas.

Sentiu medo de morrer. Sim, ele morreria ali mesmo se a lagoa assim quisesse, não havia dúvidas quanto a isso. Nada poderia fazer e ninguém escutaria seus gritos. Afundaria e morreria.

Então abaixou a cabeça e, sozinho como nunca esteve em

sua vida inteira, chorou. Chorou de pavor, inteiramente rendido, enquanto aguardava o momento em que a lagoa finalmente estenderia das profundezas os seus tentáculos e o arrastaria para o fundo. E tudo estaria terminado.

Uma eternidade depois sentiu que o imenso silêncio relaxava sua força sobre ele. Então abriu um olho, o rosto ainda escondido entre as mãos, depois o outro olho. Tudo continuava como antes, a lagoa tranquila, o caiaque a flutuar sobre suas águas. Então, bem devagar, ainda temeroso, tomou o remo e o enfiou na água. E a lagoa se mexeu, parecendo que ia acordar.

Começou a remar, cautelosamente. Remou e remou até alcançar a margem. Quando finalmente o fundo do caiaque arrastou-se pela areia, emitindo um som rouco, ele sentiu-se saindo de um sonho... Pisou a terra ainda um pouco atordoado, o coração quase na boca, enquanto as pequeninas ondas lhe chicoteavam os pés. Era a lagoa a lhe mandar um último recado: não és nada, não és nada...

– Eu sei – falou baixinho.

Já sabia. Não precisava repetir.

* * *

– DEPOIS QUE A GENTE SE CONHECEU, Isadora, essas coisas estranhas começaram a acontecer. Em Tibau do Sul eu quase morri afogado. Agora foi a lagoa que quis me engolir. Que diabo está havendo?

Isadora olhou nos olhos de Luca e reconheceu neles o medo de quem acaba de abrir a porta do desconhecido de si mesmo. A mesma porta que um dia os seus estranhos sonhos também lhe abriram.

– Vai ver é o abismo se aproximando.

– Pare de falar nisso, Isadora. Não estou gostando, é sério.

– Você foi quem perguntou.

– Não acredito nesse abismo, já disse.

– Mas vive falando dele em seus shows.

– Eu? Você está louca?

– Foi a primeira música que você cantou pra mim, lá em Tibau do Sul, não lembra?

Nesse abismo deu vertigem... E a angústia não se desfez...

– Lembro. Mas vamos mudar de assunto.

Estava nervoso. Aquelas coisas o faziam sentir-se um brinquedo nas mãos do que não conhecia, sem qualquer controle sobre a situação. Isadora, de certa forma, também o fazia sentir-se assim. Ao mesmo tempo que não resistia a estar com ela, sabia que bastava sua presença para que de repente lhe faltasse o poder sobre suas próprias certezas. E isso era realmente apavorante.

À noite, ao lado do fusca, enquanto se despediam, Luca sentiu o coração apertado. Ele voltaria para Fortaleza enquanto Isadora continuaria sua viagem pelas praias do Ceará. Nesse momento a possibilidade de nunca mais vê-la penetrou feito um punhal em seu peito e a dor agitou-se por todo o seu ser. Pegou rapidamente um papel, escreveu seu telefone e endereço e entregou a ela.

– Que tal passar o fim de semana em Fortaleza comigo? Minha cama é espaçosa.

– Luca de Luz Neon está me convidando pra experimentar seu mundo?

– Estou. Na sexta vamos fazer um show bem legal. E no sábado vai rolar uma festa imperdível.

– Suas fãs não vão gostar de me ver com você.

– Mas eu vou.

Luca parou por um instante. A luzinha vermelha de alerta... O que estava fazendo? Aquilo era quase um pedido de namoro! Por alguns instantes seus atos e suas palavras simplesmente haviam adquirido vontade própria.

– Não sei, Luca... Acho que essa viagem não combina muito com cidade grande.

É, talvez fosse melhor ela não ir, Luca pensou, sem sa-

ber o que realmente desejava.

Dentro do carro, um instante antes de sumir na curva, ele olhou pelo retrovisor e viu Isadora acenando. E de repente foi como se ela repetisse um gesto muito antigo, feito muito tempo atrás, um aceno triste que lhe cortava a alma. Quando haviam se despedido assim?

– CAMARIM COM AR CONDICIONADO! – exclamou Ranieri. – Uísque doze anos! A banda evoluiu, bicho!

– É que o dono dessa boate é meu aluno na academia – explicou Soninha. – E você, Luca, é o único que não está indo lá malhar, viu?

– Segunda-feira eu começo. Prometo.

Estavam todos muito animados naquela sexta-feira. A boate Karvalhedo estava lotada e eles fariam a abertura do show principal, da Baseado em Blues. Era o maior cachê da história da banda.

Às onze horas a Bluz Neon subiu ao palco e a luz verde desceu sobre Luca, destacando-o à frente dos demais. Ele tomou um gole de uísque, deu boa-noite, falou qualquer coisa sobre abismos e o show começou. O repertório estava bem ensaiado e a banda fez a plateia dançar bastante. Após o *Umbigo blues*, quando o palco quase não comportou todas as meninas de umbigo de fora que subiram, eles saíram bastante aplaudidos e do camarim escutaram os insistentes pedidos de bis. Então voltaram, tomaram seus lugares e começaram a tocar.

Luca foi o último a voltar. Reapareceu vestido numa túnica escura com capuz, ao estilo dos monges medievais. Caminhou lentamente, posicionou-se no centro do palco, abriu os braços em cruz e olhou para a plateia, sem distinguir os rostos na multidão. Nesse momento as luzes dos refletores piscaram sobre seus olhos e ele sentiu uma leve vertigem, novamente aquela sensação de escorregar para um sonho, a realidade perdendo força... Um calafrio lhe percorreu a espinha e a visão

ficou turva. Enquanto a fumaça de gelo seco envolvia seu corpo, ele segurou-se no pedestal do microfone para não cair e respirou fundo algumas vezes até o mal-estar passar enquanto a banda levava a música sem ele. E encerrou o show recitando o trecho final da letra:

*São tantas estações
Eu ouço sinos nas esquinas
E sorrio para as meninas
Em seus decotes-perdição
Eu erro a mão e me perco à meia-luz
Eu sou o trem que me conduz
À minha própria salvação*

No camarim, após o show, a garrafa de uísque rodava de mão em mão, todos comemorando o bom show. Luca se desculpou pelo mal-estar ao final da apresentação mas Junior o tranquilizou, dizendo que ninguém havia percebido nada, que a vantagem de ser um cantor performático como ele era é que até mesmo um desmaio acabava parecendo parte do roteiro.

Então a porta do camarim abriu e Soninha entrou. Vestia uma minissaia preta de couro e calçava suas botas pretas. Ela sorriu para Luca e ele imediatamente entendeu o que ela queria, aquele olhar de caçadora do submundo que tão bem conhecia.

– Dessa vez você não vai me trocar por uma lagoa, né?
– Soninha perguntou, aproximando-se dele de um modo insinuante.

Luca lembrou de Isadora e sentiu-se novamente numa encruzilhada. Aquelas malditas decisões... Isadora bem que podia ter aceito seu convite de passar o fim de semana com ele.

– Não – respondeu Luca, abraçando Soninha e beijando-a. – Hoje não tem lagoa, bebe.

Assistiram ao show da atração principal todos juntos numa mesa, festejando a nova fase da banda e o enorme su-

cesso que os esperava. Soninha mandou trazer outra garrafa de uísque e depois mais outra. Antes do final do show ela levantou e puxou Luca pelo braço. Ele ainda não queria ir embora mas ela insistiu.

– Vai sim, Tigrão. Você já passou do ponto.

– Calma, chefe, vamos terminar essa garrafa. Cadê teu copo?

– Tá vendo como é teu amigo, né, Junior? Bebe demais e depois não dá conta do recado...

– Pô, Soninha, onde já se viu ir pra casa às três da manhã? Se quiser, pode ir. Eu vou ficar com meus nobres companheiros de luta.

– Eu sou sua personal, Luca. Tenho que cuidar de você.

– Personal e não babá. Entendeu?

Soninha resolveu tentar outra estratégia. Sentou-se ao lado de Luca e meteu a mão sob a mesa, acariciando-o entre as pernas. Ele, porém, retirou sua mão. Nesse instante surgiu uma garota pedindo para tirar uma foto com ele. Luca levantou, abraçou-a e fez a foto. Depois a garota agradeceu dando-lhe um beijo na boca e saiu feliz da vida. Soninha não se conteve:

– Já pensou quando essas fanzocas descobrirem a verdade, Luca?

– Que verdade?

– Que o cantor da Bluz Neon gosta mais de uísque que de mulher.

Luca olhou sério para ela.

– Ah, Sônia... É uma pena que seu dinheiro não possa comprar classe – ele falou, calmamente. E sentou de novo, voltando o olhar para o show, enquanto Junior e Ranieri disfarçavam o riso.

– Ah, então você quer classe. Essa serve?

Num gesto rápido Soninha esticou o braço e esvaziou um copo inteiro de uísque sobre o peito de Luca, o líquido ensopando a camisa, pedras de gelo para todo lado.

– E você está despedido! Procure outra banda! – ela

completou, dando meia-volta e abrindo caminho entre as mesas.

– Muita calma nessa hora, cidadão... – disse Junior, segurando Luca, que ainda não acreditava no que acontecera. – Deixa que eu vou atrás dela, fica aí vendo o show.

Luca puxou uma pedra de gelo de dentro da camisa encharcada e pôs na boca.

– Pensando bem... tô cansado dessa vida de rock star. Acho que vou dar um tempo em Paris.

– Calma, Luca, amanhã ela reconsidera.

– Cadê a gatinha da foto, alguém viu?

* * *

QUANDO ISADORA CHEGOU eram onze horas e a boate Karvalhedo já estava lotada mas ela conseguiu um lugar razoável para ver o show que começava.

Aceitara o convite de Luca para passar o fim de semana em Fortaleza porque concluiu que, se quisesse conhecê-lo e entendê-lo melhor, precisava de alguma forma experimentar seu mundo. Sim, ela sabia que o mundo de Luca era uma festa sem fim, um mundo caleidoscópico que podia confundi-la, sim, mas podia ser uma boa oportunidade para exercitar sua intuição de taoísta, sua capacidade de se harmonizar com os sutis movimentos da vida. E podia também ser uma ótima oportunidade de conhecer melhor a si própria, explorando aquilo que ainda não sabia de si, aventurando-se pelas possibilidades de seu ser. Explorar... aventurar-se... Essas coisas envolviam riscos, ela sabia, sempre envolviam. Mas estava disposta a se arriscar. Por ela, por Luca, pelo amor. Por que não?

Às onze horas a Bluz Neon subiu ao palco da Karvalhedo. Ao ver Luca, Isadora sentiu uma emoção estranha, sentiu-se orgulhosa dele. Lá estava o homem que amava, no centro do palco, copo na mão, experimentando o microfone. Sob o facho de luz verde ele tomou um gole, deu boa-noite a todos e falou:

– A insanidade é um abismo irresistível. E tem olhos cor de mel.

– O que ele quis dizer? – perguntou uma garota ao lado, intrigada. Isadora sorriu e respondeu:

– Que ele me ama.

O show começou e ela rapidamente entrou no ritmo do rock e do blues. As músicas estavam bem ensaiadas e a plateia bastante animada. Ela gostou de tudo mas gostou especialmente de Luca: ele era um pouco desajeitado mas cantava bem, tinha uma boa presença de palco e sabia envolver o público.

Foi no final, quando a banda voltava para o bis, que aconteceu. Isadora viu quando Luca, vestido feito um monge medieval, protegeu os olhos das luzes e olhou para a plateia como se procurasse alguém na multidão. Seria ela? Depois voltou ao microfone e enquanto a banda tocava, ele acompanhava a música com leves movimentos de cabeça... Foi nesse momento. As coisas começaram a perder a forma, lentamente, e ela deixou de escutar a música. Então viu-se sozinha, já não havia as pessoas ao redor. No instante seguinte a fumaça de gelo seco havia se transformado em névoa e o palco à sua frente era agora... o tombadilho de um navio. E o navio subia e descia, levemente... ondulando bem à sua frente... ondulando... ondulando...

Era uma manhã enevoada em Barcelona e os ventos sopravam favoráveis. À sua frente as velas do navio estavam abertas e, logo abaixo, imóvel no convés, ele a olhava. Ela usava um vestido com uma manta por cima e o vento sacudia seus cabelos. Sentia um aperto no peito, a boa seca... A boca que ele beijara havia pouco. Por que precisavam separar-se mais uma vez? Por que ainda esperar mais tempo? Por quê?

Do navio ele acenou, a outra mão segurando a amurada, e seu aceno a fez lembrar, subitamente, que em alguma época, em algum tempo muito distante, ele fizera exatamente aquilo, a mesma mão acenando em despedida, o mesmo aceno triste. Quando haviam se despedido assim?

O navio começou a se afastar e ela teve ímpetos de correr e gritar que ele a levasse também, que não a deixasse sozinha. Mas conteve-se, segurando a ânsia no peito. Sim, ele lhe garantira que tudo correria bem e que logo voltaria para buscá-la, sim, e então fugiriam para o Brasil, para viver livremente aquele amor que ainda tinham de esconder sob mentiras. Sim. Mas ela não se conformava. Por que não agora? Por que ele não largava logo a Companhia e ficava agora com ela?

Por um segundo vislumbrou a possibilidade de estar perdendo-o para sempre e uma angústia terrível lacerou sua alma, feito um relâmpago que rasga o céu. Uma lágrima deslizou até sua boca. A boca que ele beijara minutos antes...

Ele a fizera experimentar a magia e a iniciara nos mistérios. Com ele viajou por mundos maravilhosos através dos sonhos e ele a ensinou a ser forte e enfrentar as dificuldades com coragem... Mas agora tudo que ela tinha dentro de si era um enorme e doloroso vazio. Porque a vida simplesmente não fazia sentido sem ele. Estaria errada em amá-lo assim tão... tão loucamente?

O navio se afastou. A imagem dele no convés, bela e melancólica entre a névoa, permaneceu em sua mente. Para onde realmente o levariam aqueles ventos? E ela, quantos mares de incertezas ainda teria de atravessar por aquele amor? Quantos perigos, quantas despedidas? Quantas vidas, mi corazón, quantas vidas?...

Então o navio sumiu. Sumiram o cais de pedras alinhadas e os funcionários atarefados. Os ventos cessaram, a névoa voltou a ser fumaça de gelo seco e Isadora deu por si a tempo de ver Luca concluir sua performance, num palco que ainda ondulava...

Ela estava pasma. O último encontro, a despedida... Finalmente lembrara!

Ainda sentindo o cheiro do mar, saiu rapidamente e seguiu para o jardim da boate. Era uma noite fresca e um resto de lua cruzava o céu. Olhando as estrelas, um calafrio percorreu-lhe o corpo e pela primeira vez o pensamento tomou a

forma exata em sua mente: ele fugira. Não havia mais dúvidas. Enrique fugira. Agora estava tudo explicado.

Fora a Fortaleza para conhecer melhor o mundo de Luca e acabara descobrindo ali, numa boate, a verdade sobre Enrique. Uma verdade óbvia mas que nem ela nem Catarina nunca admitiram.

* * *

POR TODOS OS LADOS se estendia um deserto feito um imenso lençol ondulado de areia. Há quanto tempo ele caminhava? Dias? Anos? As pernas fraquejavam e a visão turvava, impotente ante a claridade tirânica. Um sol escaldante a lhe torrar a pele em carne viva... E uma dor de cabeça que de um segundo para outro explodiria seu cérebro em mil pedaços... Mas o pior de tudo era a sede. Uma sede absurda a lhe dilacerar a garganta sem piedade. Um gole d'água, apenas um gole, um golinho e ele morreria saciado e feliz. E em algum lugar daquele deserto um telefone tocando, tocando... Em algum lugar, entre aquelas dunas sem fim, um maldito telefone insistindo em tocar e tocar...

– Alô...

O corpo estirado sobre o lençol de areia, o braço para fora da cama.

– Alô! Alô!

Mas não era o telefone que tocava, era o interfone, lá na cozinha... Teria que se arrastar até lá, que merda, do outro lado do deserto sem fim.

Era o porteiro, bom dia, seo Luca, avisando que havia uma moça chamada Isadora querendo falar com ele, podia deixar subir?

Luca pediu um minutinho e pegou uma garrafa d'água na geladeira. Uma ressaca horrorosa lhe secava a alma. Olhou o relógio: duas da tarde. Chamou por Soninha. Chamou de novo. Mas ela não respondeu, teria ido embora? *Eu abro os olhos, cadê você?... Amanheceu e eu não percebi...*

Caminhou devagar, com cuidado para o cérebro não se desmanchar. Procurou no quarto, no banheiro. Nenhum sinal de Soninha. Então lembrou que ela dormira ali, sim, mas duas noites antes. Que confusão. Estava perdendo a noção do tempo.

Voltou ao interfone e disse ao porteiro que tudo bem, podia deixar a moça subir. Feito isso, recolheu uma cueca de cima da tevê e botou uma música para tocar, Isadora merecia um ambiente melhorzinho. Deixou a porta da sala aberta e foi para o banheiro sob o som de seus miolos chacoalhando. No espelho rachado do banheiro o horrendo monstro do deserto o observava, descabelado e de olhos esbugalhados. Ligou o chuveiro e a água gelada sacudiu seu corpo enquanto na sala o Blues Etílicos tocava *O sol também me levanta*.

– Luca de Luz Neon?

– Pode entrar! – ele gritou sob o chuveiro.

Isadora entrou e fechou a porta. Pôs a mochila sobre o sofá, reparou no violão largado num canto, um pôster do B. B. King, outro da Janis Joplin, fotos de shows da Bluz Neon. Foi à janela e olhou a paisagem do oitavo andar, a solidão espremida entre o concreto, os prédios a abafar os sonhos de crescer...

– Oi, Isadora.

– Oi! – Ela lembrou que era a segunda vez que o acordava. Ele estava com uma cara não muito boa mas até que gostava de vê-lo assim, começando o dia. – Espero não estar atrapalhando alguma coisa importante...

– Não, não. Eu estou sozinho.

– Até que você fica charmoso assim só de toalha.

– Faz de conta que eu acredito. Mas que surpresa boa você aqui.

– Você me convidou e eu vim – ela disse, abraçando-o.

– Chegou agora?

– Na verdade cheguei ontem. Dormi num hotel.

– Hotel? E por que não foi ao nosso show?

– Eu fui.

– Você estava lá? Na Karvalhedo?
– Sim.
– Mas...
– Adorei a banda. E você é ótimo, me surpreendeu.
– Por que não foi falar comigo depois do show? – ele perguntou. E logo depois se arrependeu, lembrando de Soninha. Ela certamente a vira com ele.
– Achei melhor não.
E agora? Deveria ou não perguntar o motivo?
– Não quer saber o por quê?
– Acho que já sei, Isadora.
– Sabe mesmo?
– Olha, deixa eu esclarecer uma coisa. Meu lance com Soninha não é nada sério.
– Quem é Soninha?
– Nossa personal, que estava comigo na mesa. Eu e ela...
– Não vi. Fui embora assim que o show terminou.
– Ah, é?...
Ele teve vontade de enfiar a cara no chão. Que merda. Acabara de confessar, espontaneamente, que tinha um caso com a personal trainer da banda.
– Tem água? – ela perguntou. – Está quente.
– Tem, claro.
Ele foi à cozinha e trouxe um copo d'água para ela. Sentaram-se no sofá em silêncio. Mas que merda, ele pensou, inconformado com o que fizera. Sentia-se culpado. Mas não tinha que se sentir assim pois não havia qualquer compromisso entre eles. Sim, isso era verdade, não tinham compromisso, mas ainda assim sentia-se péssimo. Era como se a houvesse traído. Mas não houvera traição, claro, afinal ela não era sua namorada. Mas por outro lado...
De repente percebeu que seus pensamentos estavam ao mesmo tempo se culpando e se absolvendo, dividindo-o ao meio. Era ela, Isadora, que o deixava neurótico. Não, não era ela, claro, era ele, ele mesmo é quem estava criando fantasmas

naquele relacionamento. Ele é quem se precipitava e construía armadilhas para si próprio.

– Luca, o que você sentiu durante aquele último número?

– Eu não lembro muito bem dessa parte.

– Como não? Você parecia tão concentrado.

– Já estava bem louco.

– Não fui falar contigo depois do show porque aconteceu uma coisa enquanto eu via você cantando.

Então ela contou. Contou do cais, do navio e de Enrique acenando no tombadilho, que ele estava indo embora e que ela sentia que o perdia para sempre. E enquanto falava, quase podia sentir as mesmas sensações da noite anterior.

– Lembrei de novo daquela vida, Luca.

Ele suspirou. De novo aquele assunto chato.

– E dessa vez não foi sonho. Eu estava acordada, no meio de um bocado de gente. E foi através de você, da sua energia.

– É que eu tinha tomado dois energéticos...

– Estou falando sério, Luca. Foi uma cena muito forte, mais forte que todas as que lembrei.

– Agora vamos cobrar um cachê mais caro: veja o show da Blues Neon e lembre das suas vidas passadas!

Ele percebeu os olhos dela marejados e se arrependeu das piadinhas.

– Eu ainda não havia lembrado dessa parte. Você estava na amurada do navio, acenando pra mim. O plano era que você voltaria pra me buscar. Mas você não voltou nunca mais...

– Isso você já tinha contado, Isadora. Qual é a novidade?

– Depois eu saí pro jardim e fiquei pensando em Catarina, no quanto ela teve de ser forte pra enfrentar aquela solidão toda e o pressentimento horrível de que não mais encontraria o grande amor de sua vida... Eu senti de novo a mesma dor, Luca, tudo de novo. Foi só por uns instantes mas enquanto

acontecera era... era pra sempre. E pensar que tudo podia ter sido diferente, tanto sofrimento evitado... Era só a gente ter permanecido junto.

– Mas não era possível. Um imprevisto mudou os planos, não foi? – ele perguntou, tentando ser o mais compreensivo que podia. E deu-se conta do ridículo da coisa: falava como se tudo aquilo houvesse realmente acontecido.

– Não houve nenhum imprevisto. Ontem eu soube disso.

– O que houve então?

– Você fugiu.

– Eu fugi?

– Sim.

– Aliás, ele fugiu?

– Sim.

– Mas... por quê?

Ela não respondeu. Apenas olhou para ele, devolvendo a pergunta.

– Tudo bem, Isadora, Enrique fugiu. Mas agora esqueça essa história, isso é passado.

– Você gosta de mim, Luca?

– Eu?

– Sim, você.

– Claro que gosto. Mas por que essa pergunta agora?

– Muito ou pouco?

– Talvez mais do que deveria.

– Como assim?

– É que às vezes você bagunça minhas certezas.

– Então dá um tempo nas certezas e vem comigo.

– Pra onde?

– Viajar por aí.

– Por aí?

– É. Depois você volta.

– Seria ótimo. Mas não tenho grana pra isso.

– O que eu tenho dá pra nós dois.

– Tá, pode ser. Mas só posso pedir folga no final do ano.

– Não, tem que ser agora. Vem.

– Eu não posso largar minhas coisas assim, Isadora! – ele quase gritou. – Desculpa. É que você me tira do sério.

– Que coisas você não pode largar?

– O trabalho, a banda, tudo.

– Por que não?

Luca olhou para ela atentamente. Ela parecia falar sério. Mas não, era impossível que pudesse estar falando sério.

– Porque essas coisas são as minhas seguranças. Entendeu ou quer que desenhe?

– Eu me desfiz de tudo quatro séculos atrás. E me desfiz novamente agora. Por nós dois.

– Lá vem esse papo outra vez... Se não fosse por esses seus sonhos malucos, a gente podia se dar muito bem.

– Se não fosse pelos meus sonhos malucos, seu bobo, a gente não teria se reencontrado.

Luca balançou a cabeça, irritado. Era inútil conversar quando ela falava de vidas passadas.

– Está com fome? – ele perguntou, forçando uma mudança de assunto.

– Muita.

– Então vamos almoçar – Ele levantou do sofá, puxando-a pela mão. – Vou te levar num lugar que eu adoro. E à noite vamos numa festa erótica.

– Hummm... Isso parece bom.

– Bem vinda ao fabuloso mundo de Luca.

O restaurante era o Colher de Pau, onde Luca pendurava suas contas. Lá trabalhava o Pereira, seu garçom predileto, o Pereira e sua simplicidade e franqueza interioranas, suas opiniões geniais a respeito de todos os assuntos, principalmente sobre as mulheres que Luca levava para lá. Ele saberia dizer se aquele romance tinha ou não futuro. Pereira, o oráculo.

Pouco tempo depois entravam no restaurante. Escolheram uma mesa e Luca apresentou o amigo garçom:

– Esse é o Pereira, meu velho conselheiro. Essa é a Isadora.

– Muito prazer – disse o garçom, servindo a cerveja.

– Seo Pereira, o senhor acredita em vidas passadas? – perguntou Isadora, para total surpresa de Luca.

– Olhe, moça, eu não entendo dessas coisas, não. Por quê?

– Porque eu e esse rapaz vivemos juntos quatrocentos anos atrás e agora ele me faz a desfeita de dizer que não lembra de mim.

Luca ria, sem acreditar que aquilo estava acontecendo.

– Se a senhora era tão aprumada quanto é hoje, é uma desfeita mesmo.

– O senhor acha que é um caso perdido?

– Acho não, senhora. Porque faz tempo que não vejo ele olhar assim pra mulher, viu?

– Então o senhor acha que posso ter esperança?

– Dele lembrar da senhora?

– Sim.

– Aí eu já acho difícil. Esse moço esquece o que bebeu meia hora atrás.

– Isso é verdade, Luca?

– Só esqueço quando não tenho grana pra pagar a conta

– respondeu Luca, rindo.

Após pedirem o almoço, Isadora saiu para ir ao banheiro e Luca aproveitou para perguntar:

– E aí, Pereira?

– Acho que seus dias de solteiro acabaram, rapaz.

– Por quê?

– A bem dizer, essa aí já lhe fisgou.

Luca encheu o copo de cerveja, bebeu e pediu outra. No som Lily Alcalay cantava *Mar e sol*. Essa aí já lhe fisgou... Não tinha certeza se aquilo era o que gostaria de ter ouvido. Ou se era justamente o que não desejava mesmo ouvir.

APÓS O ALMOÇO Luca e Isadora voltaram ao apartamento, tomaram um rápido banho e saíram novamente. Passaram na casa de Junior Rível para pegá-lo e rumaram para o Cabaré Soçaite, a festa que acontecia num charmoso casarão do centro da cidade. O tema da festa era sensualidade e erotismo e o ambiente lembrava os antigos cabarés, com luzes vermelhas, cortinas transparentes e músicas ao estilo. As pessoas se vestiam de modo sensual, explorando os fetiches e as fantasias, e subiam ao palco para fazer performances divertidas, que eram filmadas.

No trajeto para o local, Luca e Junior, que já conheciam a festa, comentavam fatos divertidos das edições anteriores. Isadora escutava, curiosa e excitada por vivenciar o mundo de Luca. E logo na entrada da festa ela ficou impressionada:

– Uau! As mulheres realmente entram no clima! – ela comentou com Junior enquanto observava um grupo de garotas trajadas de prostitutas fatais.

– Essas até que estão comportadas. Tem umas que vêm de camisola.

Luca reparou discretamente numa das garçonetes, uma bela loirinha que estava vestida como colegial. E lamentou não estar sozinho aquela noite.

– Puxa, estou me sentindo uma santa com essa roupa – Isadora comentou, insatisfeita com o conjunto de saia e blusa que usava. E perguntou para a garçoneite, que lhes entregava as comandas de pedidos: – Por acaso não sobrou uma roupa de colegial como essa sua?

– Infelizmente não. Mas você está linda. Só precisa de

um ajuste na roupa.

– Onde?

– Vem cá, vamos melhorar esse visual.

A garçonzete virou Isadora de frente para ela e abriu dois botões de sua blusa, deixando os seios mais à mostra.

– Agora sim! – A garçonzete riu, observando o resultado de sua intervenção, e sussurrou ao ouvido de Isadora: – Uns peitos desses não devem ficar escondidos. Principalmente no Cabaré Soçaite.

Isadora riu da espontaneidade da garota. Simpatizara com ela.

– Tem razão, obrigado. Mas e a minha comanda, cadê?

– Ah, é, faltou a sua. Vem comigo pegar uma – disse a garçonzete, puxando Isadora pela mão e saindo com ela rumo ao balcão.

Junior cutucou Luca:

– Ei, cidadão, notícia de última hora: Soninha pediu demissão da banda.

– Ótimo.

– Ótimo nada. Éramos a única banda de blues do planeta com personal trainer.

– Tomara que ela não apareça por aqui. Sem querer contei pra Isadora sobre a gente.

– Acho que tu tá gostando dessa menina.

– Acertou. Estou fudido, Junior. Apaixonadamente fudido.

– Isso dá um blues.

– Tanta mulher e eu invento de querer uma que mora a três mil quilômetros de distância.

– Melhor assim que não enjoa.

– É. Mas eu não ia aguentar de saudade.

– Chama pra morar aqui.

– Não ia dar certo, ela é louca demais.

– Então o que é que tu quer?

Luca pensou um pouco.

– Não sei.

– Dá licença, Junior Rível – disse Isadora, chegando de volta. – Vou raptar teu amigo pra dançar esse bolero.

– E eu vou me confessar com aquela freira ali. Hoje eu tô cheio de pecado.

– Vem – ela falou, puxando Luca pela mão.

Na pista de dança, eles juntaram os corpos e começaram a dançar, mão com mão, rosto com rosto.

– Essa é a noite da nossa despedida, Luca.

– Não fala assim.

– Você sabe que é.

– Talvez haja um jeito de...

– Já falamos sobre isso. Não vamos estragar a noite.

– Tudo bem.

– Hoje eu quero o seu mundo. Com todas as insanidades dele.

– Você é louca mesmo.

– E, não importa o que aconteça, nós estaremos juntos.

Combinado?

– Combinado.

Ela sorriu e o beijou, apertando-o forte em seus braços. Depois colou os lábios em sua orelha para cantar junto com a música: *Lo que valen son tus brazos cuando de noche me abrazan...*

Terminado o bolero, Luca foi ao banheiro e na volta forjou um esbarrão na garçonete vestida de colegial.

– Desculpa.

– Não foi nada – ela falou, equilibrando os copos na bandeja.

– Como é teu nome?

– Bebel, a colegial sapeca a seu dispor...

– Uau... Não fala isso que hoje eu sou um homem casado.

– Que pena...

Foi preciso um enorme esforço mas Luca conseguiu se controlar.

– Eu sou o Luca, prazer.

- Eu sei. Já vi um show da Bluz Neon no Papalégua.
- Sério?
- Achei superbom! Você é demais, Luca.
- Assim eu fico sem jeito.
- Aliás, vocês dois são demais.
- Quem?
- Você e sua namorada. Ela é um charme.
- Ah. Na verdade, não sei dizer se somos namorados.
- Se não são, deviam ser.

Luca riu. Primeiro o Pereira, agora Bebel. Estavam todos querendo casá-lo?

– Agora você ficou realmente sem jeito – ela brincou, apertando sua bochecha. – Desculpa.

– Só desculpo se você trazer dois uísques – ele falou, entregando a comanda.

– Dois uísques no capricho, pra você me desculpar um pouco mais, tá?

Ela anotou o pedido e saiu, levando com ela a bandeja de copos e também o olhar encantado de Luca. Quando Isadora chegou, ele já estava recomposto. No telão eram exibidos textos eróticos.

– Luca, você já viu os poemas que estão passando no telão? São lindos!

– Tem um que é o mais lindo de todos.

– Qual?

– Espera que deve ser o próximo.

Instantes depois o poema seguinte começou a se formar no telão. O título veio primeiro: Poemas de saliva. Depois a autoria: Luca.

– Uau, é seu! Que demais!

Isadora olhou de volta para o telão. E leu: Para Isadora. E em seguida o poema surgiu no telão, verso após verso:

*Deslizo poemas de saliva
No rascunho da tua pele
Sílabas molhadas*

Rimas sensoriais
O sentido mais profundo do meu verso
Fala a língua dos teus gestos
Em convulsões gramaticais

Poemas depravados na tua pele de pecado
Poemas de navalha no teu corpo sem perdão
A figura de linguagem do desejo
Fala a língua do meu beijo
Sem tradução

– Não sei o que dizer... – ela murmurou emocionada, ainda olhando para o telão.

Ele a pegou pela cintura e a beijou. E durante um tempo seus corpos unidos tiveram como pano de fundo a imagem do poema no telão.

– Dois uísques pro casal mais interessante da festa – Bebel falou após os dois terminarem o beijo.

– Caramba! – exclamou Luca, enquanto pegava os copos na bandeja. – Faz tempo que você está aí?

– E ficaria o tempo que fosse preciso. Foi tão romântico...

– Então este brinde é por você, Bebel, a colegial mais linda da festa – falou Isadora, erguendo o copo e dando-se conta logo em seguida da absoluta sinceridade de sua frase. Sim, ela admitia, havia gostado daquela garota desde o início, até mais do que imaginaria ser capaz.

– Obrigado – Bebel respondeu. – Agora com licença que eu tenho que ir ao banheiro.

Enquanto a garçonete se afastava, Isadora lembrou que nunca antes havia desejado sexualmente uma mulher. Seria isso que estava acontecendo? E se fosse realmente, o que deveria fazer? Bem, Bebel era uma menina linda, delicada, e parecia também ter gostado dela. Dela e de Luca. E estavam numa festa erótica, não era? E, além disso tudo, ela não desejava experimentar o mundo de Luca? Então... por que não?

– Também vou – disse Isadora de repente. E, para surpresa de Luca, virou de um gole o uísque e lhe entregou o copo vazio.

Luca encostou-se no balcão e observou as duas seguindo em direção ao banheiro. No telão passavam cenas de outras edições da festa e ele entreteve-se um pouco com as imagens, para logo em seguida olhar o relógio, impaciente. Quinze minutos depois Isadora apareceu, trazendo mais dois uísques.

– Até que estou gostando dos personagens do seu mundo, sabia? A Bebel é um doce de gente.

– Que diabo você fazia esse tempo todo no banheiro? – perguntou Luca, pegando um dos copos.

– Não foi tanto tempo.

– Claro que foi.

– O que duas mulheres maravilhosas como eu e Bebel fazem num banheiro, Luca?

– Exatamente o que eu perguntei.

– Xiboca.

– Como?

– Xixi, batom e fofoca – ela respondeu, rindo, lembrando do beijo que trocara com Bebel no banheiro. E que repetira antes de saírem.

Luca sorriu meio sem graça. Isadora começou a dançar à sua frente, animada. Ele reparou em seus seios expostos pela blusa semiaberta.

– Você caprichou no decote...

– É uma festa erótica, né?

– Mas precisava tanto?

– Você não está com ciúme, está?

– Claro que não.

– Ainda bem. Porque eu e meus peitos estamos adorando a festa.

Ela riu da piada e tomou um gole de uísque. Ele riu um riso sem graça.

– Quantas você já tomou, Isadora?

– Eu estou bem, Luca. Relaxa.

– Só perguntei porque quero que você aproveite bem a festa.

– Ainda bem que não é pra querer me controlar.

– Eu não quero controlar ninguém.

– Então relaxa.

– Estou relaxado.

Ela tomou sua mão e a pôs sobre seu peito.

– Nós estamos juntos, meu amor.

Luca pôde sentir as batidas do coração de Isadora.

– Me dá um abraço.

Ele a abraçou e assim se deixou ficar, juntinho a ela, inteiramente envolvido pela sensação de já ter vivido aquilo antes... Fechou os olhos e tentou lembrar quando vivera aquela mesma situação mas tudo que lhe veio foi a sensação de estar girando, girando... Era como se estivesse num círculo, girando, sempre passando por aquele mesmo lugar... girando num círculo, sempre passando pelo mesmo ponto, sempre...

Abriu os olhos assustado, voltando a si. Sentia-se levemente tonto. Olhou ao redor, certificando-se que continuava ali, no Cabaré Soçaite. Ela ainda estava abraçada a ele, no meio das pessoas bebendo e dançando. Quanto tempo se passara? Alguns segundos? Séculos?

– Vem, vamos dançar.

– Acho que não.

– Ah, Luca, vem.

– Estou cansado.

– Então vou dançar com a Bebel.

– Ela está trabalhando, Isadora.

– Um minutinho só não vai atrapalhar.

Enquanto ela saía, Luca perguntou a si mesmo o que estava acontecendo. Sentia-se irritado. Por quê? Talvez porque no dia seguinte Isadora iria embora novamente e isso o deixava incomodado. Não, não era exatamente isso, ele sabia. Estava apaixonado, esse era o motivo, e não sabia lidar bem com o fato. Até ciúmes estava sentindo. Aquela paixão por Isadora mexia na ordem de seu mundo, trazia-lhe sensações estranhas

e o deixava desconfortável e inseguro.

Ele coçou a cicatriz do rosto, pensativo. Isadora estava experimentando seu mundo, um mundo feito de bares, festas e neons coloridos. Ela parecia querer viver o que ele vivia, a grande festa da embriaguez, a sedução da luxúria, os sortilégios da noite. E fazia isso de uma maneira tão simples e natural, não parecia se esforçar... Aquilo era ser taoísta? Ela era mesmo incrível. Como não se apaixonar?

Virou o resto da dose e pôs o copo no balcão. A festa estava ótima e no outro dia Isadora não estaria mais com ele. Precisava mesmo relaxar.

A música fez uma pausa e o produtor da festa subiu ao palco.

– Boa noite. Meu nome é Ricardo Kelmer e sou o dono desse cabaré. Espero que estejam se divertindo. Vamos agora começar o concurso Musa do Cabaré. As candidatas podem subir aqui e dançar. Música pra elas!

Enquanto várias mulheres subiam ao palco e eram apresentadas ao público, Luca procurou ao redor por Isadora. Mas não a viu. Então, observando as candidatas, tomou um susto: lá estava Isadora entre elas. Ele simplesmente não acreditou. Não, talvez fosse outra garota, muito parecida, a mesma roupa...

Não, ela era mesmo. E dançava sensualmente, contorcendo-se em movimentos insinuantes, a expressão lânguida, os seios quase saltando do decote...

Luca engoliu seco. Isadora no concurso Musa do Cabaré – quando poderia imaginar uma coisa daquela? E quando imaginaria que ela... dançasse tão bem? Ao seu lado, um grupo de homens vibrava, assobiando e gritando seu nome, e ele sentiu novamente o ciúme chegando, feito um bicho à espreita... Que merda. Precisava urgentemente de outro uísque.

Ao final da música, o público votou nas candidatas e elegeu a vencedora. Isadora ficou em segundo lugar e, como prêmio, ganhou um crédito numa sex shop e um vinho importado. Feliz, ela agradeceu aos aplausos e dedicou o prêmio:

– Ao amor das minhas vidas.
Um minuto depois Luca a encontrou no balcão com Bebel.

– Parabéns, Musa do Cabaré.
– Luca! – Ela o abraçou, radiante de alegria. – Ouviu a dedicatória?
– Claro, adorei. Você foi demais.
– O que uns uísques não fazem...
– Mas podia ter me avisado pra eu me preparar. Aqueles caras gritando “Isadora! Isadora!”... Foi horrível.
– Ai, que lindo! Meu Luca com ciúmes de mim!
– Vou superar, vou superar...
– Eu não ia participar do concurso. Mas Bebel me convenceu.
– Foi injustiça – disse Bebel. – Ela merecia ganhar.
– O crédito da sex shop eu dou pra você, Bebel.
– Puxa, obrigado!
– Mas o vinho você vem tomar com a gente, por favor.
– Com todo o prazer. Mas só posso depois da festa.
– Podemos ir pro apartamento do Luca. Né, Luca?
Ele quase engasgou, pego de surpresa.
– Ele aceitou, Bebel. Vamos comemorar!
Após Bebel se afastar, Isadora puxou Luca pela cintura, abraçando-o de um jeito provocante.
– O que você achou dela, hum?
– Dela quem?
– Da Bebel.
– Legal.
– Só legal?
– É. Parece gente boa.
– Ai, Luca, você é ótimo! – ela disse, rindo. – Por que não admite que gostou da menina?
– Quem? Eu?
– Vai dizer que não?
Ele olhou sério para Isadora. Aonde ela queria chegar?
– Está bem, eu gostei dela. E daí?

– Eu também.

– Gostou como?

Ele sentiu a mão dela apalpando-lhe o sexo sobre a calça.

– Gostei como você gostou.

Ele ouviu surpreso a resposta e de repente a situação toda era uma boiada à solta, totalmente sem controle...

– Você não acha que já está exagerando nessa coisa de experimentar o meu mundo?

– Por quê? Você acha que eu não mereço?

– Isadora, por que não diz o que está tramando, heim?

– Não estou tramando nada.

– Por acaso está usando Bebel pra me testar?

– Claro que não.

– Isso tudo tem algo a ver com a história da Soninha?

– Como assim?

– Você não me perdoou por ontem, né? Já te disse que eu e Soninha...

– Relaxa, Luca – ela o interrompeu. – Você está vendo fantasmas. Apenas convidei Bebel pra beber o vinho com a gente. Porque eu gostei dela e sei que você também gostou.

Luca não sabia o que concluir daquilo tudo. Talvez não tivesse sido boa ideia convidar Isadora a conhecer seu mundo.

– Nós estamos juntos, Luca – ela tornou a dizer. – Você ainda não entendeu isso?

Ele não respondeu. Ficou pensativo, olhando Isadora a dançar. Sim, claro que entendera. Ou não?

* * *

– GOSTOU DO CABARÉ, Isadora? – perguntou Bebel enquanto Luca enfiava a chave na fechadura e abria a porta do apartamento.

– Adorei. Se eu estiver aqui no próximo, vou de cintaliga e tudo, você vai ver.

– E vai ganhar o primeiro prêmio!

Luca foi à cozinha e voltou com os copos e o vinho aberto. Serviu e brindaram:

– À Musa do Cabaré!

Enquanto Bebel olhava com Isadora os pôsteres e os cartazes dos shows, Luca pôs Ellis Mário para tocar e o som do sax preencheu suavemente o ambiente.

– Quer mais vinho, Bebel?

– Obrigado, Isadora, eu não bebo muito. Na verdade queria tomar um banho, estou me sentindo imunda. Posso?

– Claro.

Isadora levou Bebel até o banheiro, deixando-lhe uma toalha e prevenindo-a de que o espelho podia deixá-la com uma aparência estranha. Fechou a porta e sentou-se na cama ao lado de Luca.

– Você está bem? – ele perguntou.

– Não se preocupe, estou ótima. Você é quem podia relaxar um pouco mais. Por você, por mim... – Ela sorriu e apontou com os olhos para o banheiro. – E por ela.

– Você não tem ciúmes?

– Não preciso ter ciúmes de você, Luca.

– Por quê?

Ela caminhou até o interruptor e apagou a luz do quarto, deixando-o suavemente iluminado pela luz que vinha da sala. Depois tirou os tênis e posicionou-se de joelhos sobre a cama, de frente para ele.

– Porque a mulher da sua vida sou eu. Faz quatrocentos anos.

– Eu acredito no que eu posso ver e tocar, Isadora, e não nessas fantasias místicas que...

Ela pôs o dedo em sua boca, impedindo-o de continuar. Depois desabotoou totalmente a blusa, exibindo os seios nus.

– Pois então acredite.

Pouco depois Bebel saiu do banheiro e, do vão da porta, enrolada numa toalha, sorriu e parou para observar por um instante. O quarto estava na penumbra mas ela pôde ver bem os dois corpos deitados na cama, as mãos e bocas a deslizar

por suas superfícies. Então deixou cair a toalha e, inteiramente nua, aproximou-se da cama. Nesse momento Isadora abriu os olhos e, mantendo o rosto de Luca afundado entre suas pernas, estendeu o braço para fora da cama, tocou a mão de Bebel e a puxou, como Bebel fizera com ela horas antes, na entrada da festa:

– Vem...

* * *

– BOM DIA, MEU AMOR – disse Isadora na porta da cozinha, recebendo Luca com um abraço e um beijo. – Quer um café quentinho? Acabei de fazer.

– E Bebel? – ele perguntou, em meio a um bocejo.

– Já foi. Deixou um beijo pra você.

Ele sentou à mesa da cozinha e se serviu. Logo mais levaria Isadora à rodoviária e ela prosseguiria sua viagem pelo litoral. A saudade já ardia em seu peito.

– Tirei um I Ching pra você. Quer saber?

Muito cedo para mistérios, ele pensou, bebendo o café.

Mas disse sim.

– Saiu o Receptivo, primeira linha tensionada.

– E isso é bom ou ruim?

– Você é quem tem de interpretar. Quer ler?

Não. Não queria. Mas leu. Uma vez, duas vezes... Depois devolveu o livro.

– Não entendi nada.

– Às vezes a mensagem só fica clara depois. Vou anotar em sua agenda, tá?

Ele serviu outra xícara de café.

– E então, o que achou do meu mundo?

– Adorei.

– Que bom. E da última parte?

– Foi maravilhoso, Luca. Mas prefiro você sozinho, pra você se concentrar mais em mim...

– Essa coisa de sexo a três... ahn... Você já tinha...

– Não. Mas não vou negar que sempre tive curiosidade.

– Você parecia tão à vontade...

– Claro, estava tão bom!

Estava mesmo, ele pensou. Poderia ter relaxado um pouco mais e esquecer o que o afligia, seu súbito ciúme, seus sentimentos confusos, Isadora indo embora no outro dia... Mesmo assim fora delicioso transar com ela e Bebel.

– Aposto que pra você não foi nenhuma novidade...

– Mais ou menos – ele falou, lembrando da noite com a tiete ruivinha que conhecera no Papalégua, aquela coisa da irmã gêmea morta...

Ela terminou sua xícara de café, enxugou os lábios e preparou-se para dizer o que diria. Não seria fácil, ela sabia. Mas sabia também que era hora de tomar uma decisão.

– Quero te falar uma coisa importante, Luca.

– O que é?

– Ontem, logo quando chegamos, Bebel me levou para pegar uma comanda, lembra?

– Lembro.

– Naquele momento eu senti que vocês ficariam juntos.

– Heim?

– Isso mesmo.

– Então agora, além do passado, você também vê o futuro?

– Na hora não entendi bem, foi uma sensação esquisita. Mas depois ficou claro.

– Não fui só eu quem ficou com ela. Nós ficamos. E foi você quem convidou Bebel pra vir aqui.

– Sim, convidei porque gostei dela. E eu estava realmente disposta a experimentar o seu mundo, as suas coisas. Mas não estou falando de ontem.

– Não?

– Estou falando de quando eu for embora. Vocês vão ficar juntos.

– Não estou entendendo, Isadora.

– Foi o que senti. E ainda sinto.

– Você está louca?

– E quer saber? Bebel é uma menina muito legal, Luca. Ela pode te ajudar.

Luca tamborilava com os dedos na mesa. Não estava gostando nada dos rumos daquela conversa.

– Por que você quer que eu fique com ela?

– Eu não quero. Mas você vai ficar, fazer o quê?

– Isadora, isso já é piração demais! – ele gritou, batendo na mesa.

– Não precisa ficar nervoso.

– Eu não estou nervoso.

– Ainda bem.

Ele respirou, tentando se acalmar.

– Eu não vou ficar com Bebel. Vou ficar com você.

– Mas eu estou indo embora.

– Então não vá.

– Como assim?

– Fica comigo. Vem morar aqui.

Ele ouviu suas próprias palavras e se surpreendeu. Era isso mesmo? Acabara de pedir a ela para morar com ele?

– Até que eu gostaria. Mas não posso.

– Por quê? O que te prende a São Paulo?

– Nada.

– Então qual é o motivo?

– O motivo é que você precisa saltar um abismo, lembra?

– Ah, não, de novo essa história...

– E se eu ficar aqui em Fortaleza, você não saltará. Seguirá em seu mundo seguro, sempre se cercando das suas seguranças e cada vez mais obcecado pelo controle de tudo. Como Enrique.

– Esse não é o problema, Isadora. O problema é que você tem mania de construir mundos que não existem, sonhos, abismos... Construiu um passado e me pôs nele. E agora acaba de construir um futuro pra mim e pra Bebel. Não vê o quanto isso tudo é uma loucura absurda?

- Nunca tive dúvidas quanto a isso.
- Você não podia, ao menos uma vez na vida, se comportar como uma pessoa normal?
- Não faço questão nenhuma de ser uma pessoa normal
- ela respondeu enquanto levantava da cama.

Luca fechou os olhos, tentando, em algum lugar de seu ser, organizar as ideias confusas, os sentimentos contraditórios... Mas não existia esse lugar. Levantou-se e foi atrás de Isadora, exaltado.

– Se eu não quiser ficar com Bebel, não ficarei, e assim esse futuro que você viu não vai rolar. Entendeu? Não tem nada programado. Só o passado é que é certo.

Só o passado é que é certo... Ela lembrou outra vez da despedida no cais.

– Nisso você tem toda razão, Luca. O que a gente fez um dia ou deixou de fazer não pode ser mudado.

Ele julgou perceber uma ponta de amargura naquelas palavras.

- O que você quis dizer com isso?
- Quis dizer o que eu disse.
- Pois então vamos ver. É o seu futuro contra o meu.
- Eu não acredito... Você acaba de criar uma guerra de futuros.

– Você não está mais a fim, né, Isadora? Já saquei.

Ela não respondeu. Agachada no chão, amarrava o caderço do tênis.

– Mas em vez de admitir, você vem dizer que eu vou ficar com Bebel depois que você for embora.

Novamente ela não respondeu.

– Muito conveniente pois aí eu é que serei o bandido da história! Muito conveniente. Você é louca mas é esperta.

– Está na hora, Luca – ela falou, calmamente. – Meu ônibus sai às quatro.

Ele olhou para ela com firmeza e uma raiva contida.

– Pode ir. A porta está aberta.

E sentou na cama, pegando uma revista qualquer para

ler.

– Luca...

– Eu tentei, Isadora – ele falou, folheando nervoso a revista.

– Olha pra mim...

– Eu juro que tentei.

– Luca, olha pra mim. Não precisamos nos afastar assim, por favor.

– Eu tentei. Mas você... essa sua loucura... está me afetando demais...

Ele largou a revista e escondeu o rosto entre as mãos trêmulas, o choro engasgado na garganta. O coração explodiria no próximo segundo. O mundo desabaria no instante seguinte.

Ela quis se aproximar mas ele, evitando olhar para ela, a impediu com um gesto de mão.

– Vá embora, Isadora, por favor. Antes que eu enlouqueça também.

Ela sorriu, compreensiva, e pegou a mochila. Sabia que haviam chegado ao fim do caminho, que naquele momento não existiam mais possibilidades. Ali estava o homem da sua vida, sim, mas ele não tinha coragem de assumir o amor que sentia por ela e dar o passo seguinte. Tinha medo de estar perdendo-o para sempre, um medo horrível, mas não devia mais insistir, ela sabia disso. Abandoná-lo agora era a decisão mais difícil de todas mas sabia, com a mais calma das certezas, que era o que precisava ser feito. E agora tudo que lhe restava era confiar na vida. Mais uma vez.

– Eu tentei, Isadora, eu tentei... – ele continuava falando, o rosto entre as mãos.

Ela caminhou em silêncio até a sala, abriu a porta e saiu, envolta numa tristeza resignada. Também havia tentado.

O PAPALÉGUA ESTAVA quase fechando. As cadeiras já repousavam de pernas para o ar sobre as mesas e os últimos resistentes da noite pagavam suas contas no caixa. Junior Rível recebeu do barman os dois copos com uísque e pôs um deles no balcão, bem à frente do amigo. E deu um tapinha em suas costas.

– Esta é por minha conta. Bebe aí, cidadão.

Luca segurou o copo e balançou o gelo por um longo tempo, o olhar vago e silencioso.

– Faz duas semanas que tu tá com essa cara de enterro. Nunca te vi assim por mulher nenhuma.

Luca tomou um gole e pôs o copo de volta no balcão. Tinha o semblante cansado e abatido.

– Tu gosta mesmo da taoísta, né?

– Gosto.

– Mas tu não dizia que ela era louca?

– E é.

– Não tem mesmo como falar com ela?

– Ela está sem celular. E nem acessa a internet.

– E onde ela tá agora?

– Sei lá, em alguma praia por aí.

– Talvez tenha sido melhor desse jeito, Luca. Pensa bem, essa história nunca ia dar certo, vocês morando tão longe um do outro...

– Eu chamei mas ela não quis vir morar comigo.

– Claro, ela tem a vida dela lá em São Paulo.

– Não, não foi por isso.

– Foi por quê?

Luca tomou mais um gole, o líquido ardente machucando a garganta, a dor gelada reverberando no fundo da alma...

– Foi por causa da merda de um abismo.

– Que abismo?

– Também não sei.

– Como assim não sabe?

– Não sei. Aliás, esse é o problema, cara, não sei mais de nada. Me sinto como se estivesse sozinho numa floresta escura, totalmente perdido.

Junior olhou para o amigo e riu.

– Ah, é isso? Então não te preocupa porque logo mais alguma gata vai te achar.

– Não quero nenhuma gata. Quero Isadora.

– Mas tu mandou a moça embora! Não foi nem deixar a coitada na rodoviária. Por sinal, cá pra nós, isso não foi nada bonito.

– É disso que estou falando. Eu não sei mais quem sou. Não sou mais quem eu achava que era. Essa história com Isadora me fez virar um cara ciumento, inseguro. De repente me vi sendo grosseiro e agressivo, sem conseguir me controlar, olha que merda.

– É, tu anda meio irritado ultimamente.

– Tá vendo? Eu não sou assim, cara, você me conhece. Quer dizer, sempre achei que eu não fosse assim. Mas talvez eu seja e só agora é que percebo.

– Você é um cara legal, sempre foi.

– Não, não sou. Um cara legal não faz o que eu fiz. Não se comporta com uma mulher como eu me comportei, ainda mais gostando dela. Simplesmente já não sei se acredito mais no que eu sempre acreditei sobre mim. Está tudo fora do lugar, cara, tudo.

Ele olhou dentro do copo e por um instante sentiu-se ropiar junto com os gelos, girando naquele redemoinho...

– Acho que eu me perdi de mim.

– É uma fase, vai passar. Te concentra na tua vida que logo mais tudo vai estar bem.

– Minha vida? Eu não sei mais o que é a vida, Junior. Eu sempre soube, né? Sempre fui o poeta da banda, o cara que explicava tudo pela poesia. Eu tinha todas as respostas, né? Pois agora não tenho mais. Não sei mais de nada.

Luca virou o resto do uísque e pediu que o barman pegasse uma garrafa cheia para ele levar para casa. E que anotasse para ser descontado no cachê do próximo show.

– Não faz isso, cidadão. Tu já tá com dois cachês pendurados.

– Mais um não faz diferença.

Luca recebeu a garrafa de uísque do barman e assinou no papel.

– Vou indo, cara – ele disse, apertando a mão do amigo.
– Valeu a força.

– Amanhã tem ensaio. Não vai faltar de novo.

– Prometo.

– E não fique próximo de janelas, ok?

Luca riu com ironia.

– Fica frio. Sou covarde demais pra me matar. Isso pelo menos eu sei que sou, um covarde.

Em casa, deitou-se no sofá com a garrafa de uísque ao lado. Encheu um copo e ficou dedilhando o violão, passeando sem rumo por melodias melancólicas. E adormeceu antes de terminar a primeira dose.

* * *

UMA SEMANA DEPOIS Luca soube que Bebel havia recebido um postal de Isadora. Ele implorou para ver e Bebel lhe mostrou. Luca leu com voracidade, como se sentisse fome daquelas palavras. No postal Isadora contava que estava em Icaraiá de Amontada, praia do litoral oeste, a meio caminho de Jericoacoara. Dizia que a viagem seguia tranquila e que as praias daquele trecho eram ainda mais bonitas. E que esperava que ela estivesse bem. Beijou, adorei te conhecer. E só. Só isso.

Luca leu outra vez e outra mais. Não havia mesmo nada

sobre ele, nenhuma menção, absolutamente nada. Era como se ele não existisse. Como se nunca houvesse existido.

– Você queria que ela estivesse aqui, né? – perguntou Bebel, percebendo seu sofrimento.

Ele não respondeu. Apenas devolveu o postal e foi embora.

À noite, em casa, rolava na cama sem conseguir dormir. Tudo que queria era reencontrar Isadora. Precisava dizer-lhe o quanto fora estúpido e que estava arrependido. E que ardia de saudade. E que ela era a mulher de sua vida. E não sabia como viveria sem ela. Só precisava encontrá-la novamente, só isso.

Quando a madrugada já seguia alta, ele decidiu: sairia no sábado pela manhã. Tentaria encontrá-la em Icarai de Amontada, talvez ainda estivesse por lá. Nada garantia que tal loucura desse certo mas se em Uruaú conseguira encontrá-la, dessa vez haveria de conseguir também.

– Um voto de confiança à vida – falou para si mesmo. – Como você mesma diria, Isadora.

No sábado acordou antes do amanhecer e pouco depois já seguia em alta velocidade pela estrada rumo ao litoral oeste, precisava chegar o mais rápido possível. Em certo momento percebeu que havia algo errado, o carro puxava para o lado... Parou no acostamento, desceu e viu o motivo: pneu furado. Quando abriu o porta-malas foi que percebeu que o estepe também estava furado. Merda, que merda, que merda!, praguejou, olhando inconformado para os dois pneus murchos.

Tentou manter-se calmo e otimista. Confiar na vida. Então botou Led Zeppelin para tocar no som do carro e postou-se mais à frente, de olho no horizonte da estrada. E de repente atinou para o absurdo da situação: tentando carona numa estrada deserta para chegar ao posto mais próximo para consertar o pneu e então retornar para seguir viagem a uma praia... onde talvez Isadora já não estivesse mais. Devia ser a isso que chamavam blues.

O pneu furado atrasou bastante a viagem e fez com que chegasse em Icarai de Amontada somente à noite. Na terceira

tentativa localizou a pousada onde Isadora fizera algumas refeições mas a gerente informou que ela não estava mais lá, que partira cinco dias antes para Jericoacoara. Luca sentiu o desânimo lhe pesar nos ombros. E agora? Pensou um pouco e decidiu ficar, partiria de manhã cedo.

– Amar é um perigo, minha senhora. Um perigo.

Depois do banho, comeu algo e acomodou-se numa rede na varanda da pousada, o céu estrelado lhe fazendo lembrar de Tibau do Sul. O som do mar bem próximo era relaxante mas ele se sentia sozinho e desamparado. Quando a saudade de Isadora tornou-se insuportável, levantou e foi dar uma volta pela praia deserta, de onde só retornou quando as primeiras luzes do domingo surgiram no céu.

No domingo de manhã deixou o fusca em Gijoca e embarcou na traseira da caminhonete que durante uma hora conduzia os turistas pelo trecho de dunas e lagoas até Jericoacoara. Era uma paisagem bonita, ainda não contaminada pelo progresso, mas ele não a via: enquanto o veículo seguia, ele esfregava as mãos, ansioso, e torcia para que Isadora ainda estivesse por lá. Tinha de estar. Dez minutos já valeriam a pena.

Finalmente em Jericoacoara, saiu de pousada em pousada perguntando por Isadora. Procurou também nos campings. E nada, nenhuma informação sobre ela. Nas ruas e becos tinha a sensação de que a qualquer momento ela surgiria à sua frente – mas nunca era ela. Procurou pela praia, na lagoa, na pedra furada, pelas dunas... Nada.

A noite do domingo chegou e Luca não se conformava. Sequer tomara um banho de mar. Tentou comer alguma coisa mas engoliu sem gosto. Sentia-se esgotado e derrotado. Nesse momento, de repente, deu-se o estalo e ele percebeu o papel ridículo que fizera: Isadora não estava mais a-fim, ela o abandonara. Sim, era isso. Na verdade, ele já sabia mas fizera de conta que não. Todo esforço seu por encontrá-la, por maior que fosse, teria sido em vão. Provavelmente naquele momento ela já estava com outro cara, contando histórias mirabolantes

de vidas passadas, dividindo com ele sua barraca... Papel ridículo – foi o que ele fizera.

Voltou para Fortaleza inteiramente consumido pela frustração e pela raiva. Chegou em casa na manhã da segunda quase sem forças e trazendo um resfriado que no dia seguinte se transformou numa forte gripe e o fez faltar ao trabalho por dois dias. E ainda o levou a cancelar um show.

Confiar na vida. Pois sim.

* * *

LUCA RETOMOU O VELHO RITMO, as noites sem fim, os bares cheios de mulheres. Se Isadora não o queria mais, por que se guardar para ela? Por que ter esperanças? Inútil. Inútil como aquela viagem desatinada pelas praias à procura de uma ilusão.

O mundo dos bares e dos shows tinha um ritmo alucinante mas era seguro. O emprego de gerente de gráfica era sem graça e entediante mas era seguro. E encher-se de relações superficiais podia até amplificar a solidão... mas era muito mais seguro que arriscar-se em sérios envolvimento sentimentais que no fim só traziam decepção e sofrimento.

Era na lanchonete em que Bebel trabalhava como garçonete que ele ia desabafar. Conversavam e no final ele a deixava em casa. Uma noite, em seu carro, trocaram um beijo e nesse instante ele lembrou... O futuro de Isadora! Interrompeu o beijo e enquanto Bebel deitava a cabeça em seu peito, ele lembrou do futuro de Isadora, em que ele ficava com Bebel após ela ir embora. Por um lado, ele até queria mesmo estar com Bebel, ela lhe fazia bem – mas agir assim seria cumprir o que a outra previra e isso soava como uma derrota. Dar razão a Isadora – não podia fazer isso. Mas por outro lado, ir contra seu desejo e evitar Bebel apenas para não dar razão a Isadora era absurdo. Talvez Isadora quisesse justamente isso, a esperinha. E agora? Como escapar desse dilema?

Pois sim, ficaria com Bebel, ele decidiu. E que Isadora

fosse à merda, ela e seu futuro.

– Luca, você sempre foi tenso assim? – Bebel perguntou uma noite, antes de adormecerem.

– Cada um joga com as armas que tem – ele respondeu secamente, buscando o sono, buscando não pensar.

Nos últimos dias ele tinha a sensação de que algo queria sair de dentro dele, um bicho perigoso e enjaulado. Lembrava de uma cena de *Aliens*, em que a criatura irrompe de dentro do corpo do astronauta...

Felizmente havia a banda, que agora tinha empresário, e os shows estavam cada vez mais cheios. Havia sempre a noite, a próxima música, a dose seguinte. E mulheres que desejavam a ele e não a uma encarnação do passado.

E agora havia Bebel, que sempre o recebia com carinho e saudade, mesmo que houvessem se encontrado na noite anterior. Ela nada exigia, nada cobrava, apenas gostava dele. Cada vez mais era nos braços de Bebel que ele buscava com desespero esquecer quem era.

– Isadora não te escreveu mais? – ele um dia perguntou, três meses após aquele dia em que lera o postal. Perguntou fingindo desinteresse.

– Não. Nem pra você?

– Ela não vai me escrever nunca mais, Bebel. E é melhor assim.

– Se ela escrever, devo contar sobre nós dois?

– É bom mesmo que ela saiba.

Bebel olhou para ele e em seu olhar Luca pôde ler a pergunta silenciosa: Você ainda gosta muito dela, né?

Não era uma pergunta agressiva, pelo contrário. Ela parecia dizer, sem uma única palavra e do seu jeitinho doce, que sabia de tudo e que o compreendia. Ou não? Ou ele já estava imaginando coisas e pondo palavras no olhar de Bebel?

Com medo de que seus olhos respondessem por si só à pergunta, ele rapidamente desviou o olhar. E por alguns segundos ficou olhando o teto do quarto. Quando voltou, a pergunta não estava mais lá. Em seu lugar, havia o olhar nítido de

uma mulher que o aceitava.

– Me beija, Luca.

E ele obedeceu, pedindo em seu íntimo que os lábios dela lhe fizessem esquecer por alguns instantes que ele não a merecia.

* * *

ENTÃO OS ACIDENTES VIERAM... No início foram pequenos contratempos caseiros, coisas bobas como escorregar no banheiro e queimar-se ao fogão. Depois os acidentes foram ficando mais sérios. Um dia não percebeu o buraco na calçada e caiu, deslocando o osso do pé. Outra noite foi bem pior: para economizar a entrada de uma festa, tentou saltar o muro da casa mas errou o cálculo e enfiou as mãos nos pregos. Saldo da economia: dois dedos com as pontas penduradas, hospital, pontos externos e internos. E um mês sem poder tocar.

– Luca, será que você não está bebendo demais?

– Pô, Bebel – ele reclamou, irritado. – Sermão a essa hora da noite?

– Tô preocupada com você, esses acidentes todos... – ela falou, acariciando a cicatriz em seu rosto.

– É praga de bruxa. Vai passar.

*Eu só queria que você soubesse
Que as minhas noites são tão sozinhas
E o meu coração é tão velho sem você
Eu sirvo mais uma dose enfim
Eu olho a cidade
Da janela só a cidade sabe de mim.*

NAQUELE MÊS a Bluz Neon participou de um festival em Recife e ganhou elogios na mídia. Jornais e revistas publicaram material sobre os bluseiros de Fortaleza, destacando a qualidade técnica, a mistura de ritmos e a capacidade de interação com a plateia. Participaram de um importante programa de tevê e receberam mais convites para shows. A banda estava a cada dia mais conhecida e ganhava prestígio.

Dias depois o empresário anunciou: conseguira um bom patrocínio e em breve começariam a gravar o CD, dessa vez um disco de boa qualidade, em estúdio de primeira. Naquela mesma noite eles saíram do ensaio, compraram um Jack Daniel's e foram todos comemorar numa velha estação de trem desativada no centro da cidade. Sentados sobre os trilhos, encheram a cara e tocaram os blues prediletos, uivando emocionados para a lua. Bêbados e solenes, brindaram a todos que conseguiram lembrar e saudaram o futuro promissor.

Luca, porém, vivia o dilema de uma terrível encruzilhada. As portas se abriam para a banda mas, por outro lado, seu emprego impedia que viajassem mais e fizessem mais shows. Três anos antes a banda surgira como brincadeira de fim de semana e agora a coisa começava a ficar séria demais. Era hora de tomar uma decisão, ele sabia. Um futuro ligado à música lhe acenava, teria de estar disponível para viagens e compromissos, teria de se dedicar ainda mais. Todos eles sonharam com aquilo e agora estava acontecendo. Mas largar o emprego era um risco muito grande. Não gostava dele, é verdade, mas era uma segurança, era um dinheiro certo com o qual podia contar todo mês.

Não conseguiu se decidir. Adiou a resposta uma vez e depois outra e continuou adiando a decisão pela qual o resto da banda esperava. Junior o incentivava a apostar as fichas na banda, um grande futuro os aguardava, eles estariam juntos, a banda precisava dos dois. A mãe, dona Glória, lhe pedia prudência, que analisasse a situação toda com muita calma. Dias e dias mergulhado em dilema, a pressão de ambos os lados, cada lado com mais dois lados a avaliar...

Primeiro Isadora lhe pedindo que largasse suas seguranças para seguir com ela. E agora sua banda, que exigia que ele largasse a segurança de seu emprego. Largar as seguranças para viver o amor, largar o emprego para viver de música... A vida parecia estar brincando de lhe trazer as piores decisões possíveis. E ele não conseguia se decidir. Não sabia mais o que realmente queria. Não sabia quem ele era no meio de todas as suas contradições, cada vez mais a incomodá-lo. Não sabia mais de nada.

Então uma noite, saindo da lanchonete com Bebel, ele não encontrou seu fusca: o carro fora roubado. Ficou completamente desesperado, não conseguia acreditar. Deu queixa do roubo, pôs anúncio no jornal, procurou em ferro-velho mas nada, não obteve notícia alguma. O carro infelizmente não tinha seguro.

Foi um golpe cruel. Três meses antes quase perdera os dedos num acidente bobo. Agora perdia o carro e não tinha condições de comprar outro. E a necessidade de tomar uma decisão quanto ao seu futuro na banda era uma pressão constante. Para completar, agora vivia gripado, o que prejudicava bastante sua performance nos shows.

Dias depois, surpresa: Isadora telefonou. Luca atendeu e, ao ouvir sua voz, não soube o que fazer. Pensou em desligar mas sentou-se no sofá, nervoso.

– Oi, Isadora – ele respondeu, tentando não demonstrar a emoção que sentia. Fazia seis meses que ela o abandonara. Seis meses que ele lutava diariamente para esquecê-la.

Ela disse que estava em São Paulo e queria saber como

ele estava. Ele teve vontade de contar sobre todas as dificuldades que passava mas de repente entendeu que ela de algum modo já sabia.

– Aqui está tudo sob controle – ele respondeu. – E você?

– Luca, só liguei pra dizer que estou de partida. Vou viajar novamente.

– Pra onde?

– Ainda não decidi. Mas saio semana que vem.

Ele sentia que as entrelinhas daquelas frases lhe diziam algo mais.

– Você... está me convidando? – ele perguntou. E súbito deu-se conta que não sabia a resposta que queria ouvir.

– Estou só dizendo que vou viajar, Luca. E não sei quando volto.

Ele lembrou daquela noite na festa: estamos juntos... Sentiu no ar a importância do momento, o clima de decisão. Largar tudo e seguir com Isadora... Em meio ao silêncio desconfortável, ele tentou passar em sua mente todos os detalhes que envolviam uma decisão como aquela, o emprego na gráfica, o bom momento da banda, a gravação do CD, Bebel...

– Como vai se virar? – perguntou. Mas logo adivinhou a resposta.

– Sempre se dá um jeito, né?

Pensou em perguntar se ela havia economizado dinheiro suficiente mas seria apenas outra pergunta idiota. Parecia querer dissuadi-la por ele próprio não ter a mesma coragem. Por que não dizia sim para ela? Lembrou da noite em que Soninha surgiu no camarim após o show, ela e suas botas pretas. Sentia agora a mesma sensação, todo um futuro dependendo do que escolhesse no próximo segundo, toda a sua vida dependendo de sua decisão...

– Boa sorte, Isadora.

– Pra você também, Luca.

Por que não dizia sim?

– Como vai Bebel?

Ele não esperava por aquela pergunta. Ela sabia que estavam juntos? Ou estava lhe jogando uma isca?

– Quem?

– Bebel. Ela está bem?

Com aquela pergunta ela talvez quisesse oficializar, sem dizer abertamente, sua aprovação à união dos dois, mostrar que aceitava, que não pensaria mal deles. Com isso fechava a porta e jogava a chave fora. Definitivamente.

– Ela está ótima.

– Diz que eu mandei um beijo pra ela.

Sentia o coração apertado... Talvez estivesse perdendo naquele momento, para todo o sempre, a mulher de sua vida. Por que então não reagia? Por que não deixava de vez aquela inércia e dizia finalmente que sim, que largaria suas seguranças, que partiria com ela e viveriam plenamente a grande loucura daquele amor?

– Tchau, Luca.

Ele fechou os olhos como se na escuridão pudesse ver uma saída. Mas foi tomado pela sensação de estar caindo, caindo... Abriu os olhos e se segurou no sofá. Não, não podia largar tudo.

– Não posso...

Ele escutou o ruído do término da ligação e engoliu em seco. Ficou ali, sentado no sofá, o fone no ouvido, chão, sua voz ainda ecoando feito um grito sumindo no abismo.

Não posso... não posso...

Ela levantou cedo e se mandou

Foi atrás de um sonho maior

Deixou um beijo de saudade

E essa cidade ao meu redor

* * *

ERA NOITE DE ENSAIO. Luca trocou de roupa, olhou-se no espelho rachado do banheiro e a imagem refletida lhe mostrou um

rosto inchado, o olhar cansado, olheiras profundas... Teve vontade de esmurrar o espelho. Precisava se acalmar, andava cada vez mais irritado. Foi à cozinha, pegou a garrafa de uísque e despejou uma dose no copo. Tomou de um gole só, apanhou a mochila e saiu para pegar o ônibus para o estúdio. No caminho passou na farmácia para comprar um remédio, fazia dias que estava com uma dor de cabeça insuportável.

No final do ensaio Bebel apareceu de surpresa. Estava um tanto ansiosa e disse que queria conversar. Ele despediu-se dos amigos e saiu com ela para a pracinha ao lado. Sentaram num banco e foi lá que ela lhe deu a péssima notícia: estava grávida.

– Desculpa, Luca... – Ela gaguejava, nervosa. – Não sei como foi acontecer, eu tomei cuidado, eu juro...

Ele não acreditou no que ouvia.

– Isso não pode ser verdade, Bebel.

Não podia ser. Bebel esperando um filho seu. Não era possível. Ela explicava: exame positivo, mais de dois meses de gravidez...

Ele levantou, puxou Bebel pelo braço e a levou para um canto mais afastado. Encostou-a numa árvore e, dedo em riste, falou que não sabia se o bebê era mesmo seu e que se fosse, a culpa então era dela que não tomara precauções. Que se virasse pois ele não tinha nada a ver com aquela irresponsabilidade, já tinha problema demais a resolver.

Bebel tentou explicar que naqueles últimos meses ele fora seu único homem mas logo desabou num forte choro e nada mais conseguiu falar. Ela tentou abraçá-lo mas Luca a repeliu, virou-lhe as costas e saiu. E foi pegar o ônibus na outra rua.

Em casa, ele não conseguiu dormir. A vida já estava jogando baixo demais. De toda parte apareciam furos no barco e ele não tinha mãos suficientes para tapá-los. Fazia um mês que o empresário e os companheiros o pressionavam por uma decisão e ele simplesmente não conseguia decidir. Seu carro fora roubado e ele, de um instante para outro, se vira privado do

único patrimônio que possuía. Não conseguia se concentrar direito no trabalho e até fora advertido severamente por seu chefe. A mulher que amava fora embora e agora Bebel esperava um filho seu. Um filho seu. Parecia irreal. A vida se tornara um pesadelo do qual não podia acordar.

Foi encontrar Bebel na lanchonete na noite seguinte. Esperou que ela terminasse o serviço e levou-a para seu apartamento. E desculpou-se pelo que fizera, estava arrependido. Bebel o abraçou e chorou em seus braços.

– E a gravidez? Vamos interromper, não vamos? – ele perguntou.

Ela apenas chorava, agarrada em seu pescoço.

– Bebel, a gente não pode criar essa criança! – Ele se descontrolava e ela recomeçava a chorar. Ele respirava fundo. – Bebel, escuta, por favor. Foi um acidente, entendeu? Essa criança não é bem vinda.

– Pra mim é bem vinda sim!

Pronto, tudo perdido, ela queria a criança.

– Bebel, eu não tenho a mínima condição de criar um bebê agora – Ele se esforçava para não atropelar as palavras. A vontade era de gritar, de bater. De matar.

– Eu crio sozinha, não precisa se preocupar.

Definitivamente era um pesadelo. E dos piores. O mundo inteiro ruía dentro e fora dele e, por mais que se debatesse, não conseguia acordar. Tentou manter-se controlado. Apresentou argumentos, todos eles, os mais sensatos. Arrumaria dinheiro emprestado e pagaria o aborto.

– Eu sei que você não esqueceu Isadora. Mas não me importo. Quero ter esse filho.

Luca suspirou, rendido. O que Isadora pensaria? Interpretaria aquela criança como a jogada final de sua parte, uma resposta à decisão dela de ir embora, a sua contraofensiva? Ela vira também aquela criança no tal futuro?

Enquanto Bebel dormia ao seu lado, ele coçava a cicatriz e ruminava sobre o que ainda lhe restava fazer. Se realmente existisse reencarnação e ele de fato houvesse sido Enri-

que... então ainda devia saber lidar com magia e resolveria aquele problema rapidinho. Mas não, aquelas coisas só existiam na cabeça perturbada de malucos como Isadora. A realidade era diferente, era cruel e insensível.

E adormeceu desejando com todas as suas forças que acontecesse alguma coisa, qualquer coisa que o livrasse daquele pesadelo absurdo. Qualquer coisa. Antes que enlouquesse de vez.

Quando Bebel completou o terceiro mês de gravidez, ele conseguiu o carro emprestado de um amigo e a convidou para passarem o fim de semana numa praia. Ela adorou a ideia. Na varanda da casa da praia, ele abriu uma garrafa de rum e fotografaram o pôr do sol. Então ele tentou mais uma vez convencê-la a fazer o aborto. E mais uma vez Bebel não aceitou seus argumentos. Ela olhou para ele e viu seus olhos vermelhos, a raiva pronta para explodir... Luca pegou o copo e jogou contra a parede, os estilhaços se espalhando pela varanda.

– Esse bebê é uma maldição! – ele gritou enquanto pegava a garrafa e saía.

Mais tarde ele voltou, a garrafa quase no fim. Parou em frente à porta do quarto, cambaleante. Na penumbra viu Bebel dormindo na cama, sob o lençol. Entrou pisando devagar. Ajoelhou-se no chão, ao lado dela, e com cuidado puxou o lençol, descobrindo a barriga. Empunhou a faca, fechou os olhos e respirou fundo.

Minutos depois, na varanda, ele olhou para a lua, chorando, e pediu desculpas por ser quem era. Mas a lua não o desculpou. A faca caiu de suas mãos, o som metálico ecoando no silêncio da noite, e ele ajoelhou-se no chão, sem forças. Só queria sumir, só isso, sumir para sempre...

Luca? Luca? A voz veio de algum lugar... Luca, o que aconteceu? Que faca é essa? Você está bem? A voz dela, uma tortura, faca rasgando o coração, cortando tudo por dentro, dilacerando a alma...

Bebel sentou ao seu lado, abraçou-o e chorou com ele.

Depois o levou para dentro e o deitou na cama.

– Eu sou um fracasso, Bebel... – ele balbuciou antes de adormecer. – Não mereço você.

– Dorme, meu lindo. Amanhã será um novo dia.

* * *

NO DOMINGO ele acordou péssimo, uma ressaca horrível. A última coisa que lembrava era de uma discussão na varanda, um copo quebrado na parede. O que acontecera depois? Bebel o tranquilizou, disse que estava tudo bem. Ele pediu desculpas.

– Você não é um fracasso, entendeu? – Ela disse, segurando seu rosto entre as mãos – E vamos ser muito felizes. Nós três.

Ele a abraçou e fechou os olhos, buscando não pensar. Os pensamentos, porém, tinham vida própria. Na barriga daquela mulher mexia-se seu filho ou sua filha. A ideia de ser pai era algo absurdo mas já não tinha forças para lutar contra ela. Estava exausto como um guerreiro que lutava havia dias, semanas, meses... e que agora simplesmente já não sabia mais por que lutava. Contra quem estava brigando?

Então, subitamente, descobriu que sabia. De repente, ali abraçado à barriga de Bebel, percebeu que sim, ele sabia sim quem era seu inimigo. Na verdade sempre soubera, apenas enganara-se durante todo aquele tempo fingindo para si mesmo que lutava contra mil inimigos que a cada dia surgiam das sombras para atacá-lo. Não, seu inimigo era um só e o emboscava todos os dias no espelho partido de seu banheiro.

Como vencer o inimigo se o inimigo era ele mesmo?, perguntou-se em pensamento. E como se derrotar se já não sabia mais quem era? Chegara ao final, sentia isso. Chegara ao fim das possibilidades, não havia mais para onde seguir. Nada mais importava. Era o fim.

Na hora de voltar para Fortaleza, Luca estava sonolento e Bebel achou perigoso ele dirigir o carro. Ela exigiu o volante

mas ele recusou. Ela então insistiu e tomou a chave:

– Confie em mim.

Enquanto Bebel ligava o carro, ele olhou para ela com carinho e pensou em como as coisas seriam diferentes se não houvesse Isadora. O que acontecia com as coisas que não chegavam a acontecer?

Na entrada da cidade Luca estava distraído, quase dormindo, e viu apenas uma luz forte surgindo subitamente ao lado. Mas foi tudo muito rápido, ele apenas viu a luz e sentiu um imenso choque. Depois tudo escureceu.

A NOITE ERA DECISIVA. A tão aguardada iniciação. Enrique sabia que não seria aceito na Ordem se não fosse capaz de chegar à galeria e enfrentar o inimigo que o esperava sorrateiro em alguma daquelas tantas sombras. Então segurou firme a espada e avançou em direção ao lago escuro, com cuidado para não escorregar nas pedras úmidas da caverna.

A prova da iniciação era terrivelmente perigosa. Ao vencê-la, os iniciados mostravam que eram bravos o bastante para suportar o que exigisse a defesa da Ordem. Era mais que perigosa, era a prova suprema que alguém podia suportar: o temido confronto com o Guardião do Conhecimento. E desse confronto só saíam vivos e sãos – sim, sãos, pois muitos sobreviviam mas retornavam da caverna irremediavelmente loucos – aqueles que detinham a força necessária para vencer o terror mais íntimo que habita a escuridão do espírito de cada um.

Enrique escutou um ruído vindo do lago de águas escuras e deteve-se, espada em punho. Ficou imóvel, à espera, o suor escorrendo pela face, o coração prestes a explodir de medo e expectativa. Suspendeu a respiração. O inimigo estava bem próximo.

Então presentiu o que poderia vir. E nesse momento o pavor mais profundo irrompeu do interior de sua alma, feito vermes forçando a terra. As pernas fraquejaram e subitamente ele descobriu-se incapaz de enfrentar o que se anunciava em seu pensamento.

Ela surgiu. E ele escutou seu sibilar aterrorizante... A naja rastejou num movimento lento e ondulante e parou bem à

sua frente. Era gigantesca. Ihlish, a Guardiã – ele soube seu nome assim que a viu. Seu sibilar era hipnótico, era seu próprio nome, Ihliisssshhhh... Ela ergueu o corpo, subindo lentamente, subindo... Enrique viu a imensa cabeça pairar bem próximo de seu rosto e o pescoço inflar lateralmente. E então a naja abriu a boca, exibindo as presas letais...

Ele caiu ajoelhado, sem forças, totalmente paralisado pelo terror. De repente deu-se conta do quanto era insignificante diante daquele animal. Ele achava que era forte. Julgava conhecer as forças da vida. Mas via então que não era nada, não era absolutamente nada, nada...

A espada rolou de suas mãos e caiu no chão, o som metálico ricocheteando pelas paredes da caverna. A serpente era o seu guardião pessoal do Conhecimento e era a ela que deveria vencer para prosseguir na Ordem. Mas como, se estava paralisado?

A serpente arqueou a cabeça para trás e por um segundo ele percebeu que ainda era possível escapar, ele podia desistir. Sim, ele tinha o direito de recuar, todos tinham. Desistiria e retornaria sem enfrentar aquele pesadelo.

Não houve mais tempo. A serpente atacou. E foi tão rápido que quando ele se deu conta, estava sendo engolido enquanto berrava e esperneava e se contorcia. Primeiro a cabeça, depois o tronco e então as pernas. O contato com o interior da serpente o enchia de asco e enquanto buscava desesperadamente respirar, podia escutar o som de seus ossos sendo esmagados. Não podia haver um pesadelo pior e, no entanto... era real.

Seu corpo deslizou inteiro para dentro da serpente e ele pôde sentir os movimentos que ela fazia para impulsioná-lo através de si. Aos poucos perdeu o controle sobre o próprio corpo. Então não pôde mais respirar, seus órgãos já não lhe obedeciam. Por fim suspirou.

Quando acordou, encontrava-se deitado nu sobre a pedra, à margem do lago. Um silêncio profundo tomava conta da caverna mas agora ela já não parecia tão escura e misteriosa.

Levantou-se e percebeu que seu corpo estava inteiro, sem ferimentos. Estava vivo! Um pouco cansado, sim, mas vivo.

Entendeu que havia vencido, que passara pela grande prova. Isso era tão incrível que não parecia real. Mas era real sim e agora, lá fora, um novo mundo o esperava, um mundo que já não o derrotaria pois ele detinha o Conhecimento.

Então uma palavra veio à sua mente: Vehdvar. O nome soou de um modo mágico, absolutamente numinoso, como se existisse desde sempre. Era o seu nome, sempre fora Vehdvar e só agora percebia isso. E ele sabia que somente os mais fortes eram dignos de levar junto ao seu o nome sagrado do Guardião. Por essa razão ele era a partir de agora Ihlish Vehdvar, o nome que ele jamais lembraria fora da caverna mas que era só seu e que, além dele, somente Ihlish sabia e podia pronunciar-lo.

Sentindo a solenidade do momento, Enrique prostrou-se virado para o lago escuro onde dormia a serpente e tocou o chão com a cabeça, cheio de reverência:

– *Naja Hannah, Naja-Rei...*

Nesse momento as águas do lago ondularam. Ele preparou-se para o retorno da serpente mas o que viu na superfície foi a imagem de uma... mulher. A imagem era difusa, era apenas um rosto feminino, que ele não conhecia... Mas compreendeu imediatamente. Deveria encontrar aquela mulher, onde ela estivesse, e fazê-la sua discípula. Esta era sua próxima missão.

* * *

NAQUELA MANHÃ A FEIRA DE VALÊNCIA estava cheia como sempre, os mercadores locais e de outras cidades com seus produtos e seu olho grande na possibilidade de voltar para casa com a bolsa tilintando de moedas. No lado norte da feira rapazotes se apresentavam no palco com suas espadas de madeira e narravam como El Cid caiu numa emboscada e lutou bravamente contra sete mouros que queriam a sua cabeça. E

contavam como El Cid dividia as conquistas das batalhas com seus vassalos para que enriquecessem junto com ele e de como El Cid ludibriou os judeus ao pagar o empréstimo que pedira, a fim de formar um exército no exílio, com um cofre que ele garantia estar cheio de ouro e prata mas que, na verdade, não continha mais que areia...

Enrique riu. O Cid era mesmo herói daquela gente e eles não cansavam de cantar seus feitos. Porém preferiria, particularmente, que contassem os feitos menos discretos de Margarida, irmã de Filipe, que de tão fogosa terminou matando o marido, o príncipe João. Ou de como Joana puxava os cabelos e enlouquecia de tantos ciúmes de Filipe e assim se tornara Joana, a Louca. As historietas sobre os bastidores da Corte eram sempre mais interessantes que as tramas guerreiras do Cid...

No outro dia retornaria a Barcelona onde pegaria o navio para Goa, na Índia, junto com outros jesuítas. Fora a Valência em missão secreta, para oferecer seu apoio aos amigos judeus-castelhanos que planejavam deixar a Espanha e ir para a Grécia, onde já se encontravam muitas famílias judias expulsas do país após a rendição de Granada – lá poderiam seguir livremente sua religião e também manter as tradições de Castela, terra de seus antepassados. Na Espanha, com medo da Santa Inquisição, ainda eram obrigados a se passar por cristãos convertidos, sempre desconfiados dos cristãos que os viam como traidores emboscados e mais cedo ou mais tarde acabavam inventando coisas.

Despedira-se dos amigos deixando-os sob os cuidados de um missionário alemão, acostumado em capitanear fugas de judeus. Os mares da Espanha estavam infestados de turcos e todo cuidado era pouco. Eles partiriam para a Grécia e lá poderiam praticar sua religião em paz, *Dios os mantenga*. Pelos seus favores, recebera de presente um antigo e precioso texto cabalístico que havia muito procurava mas que teria de esconder muito bem pois já havia desconfiança demais quanto à relação de jesuítas com judeus. Satisfeito com o sucesso do

plano, resolvera então relaxar e aproveitar um pouco da feira.

E os espanhóis? Ah, como andavam abatidos pela derrota da Invencível Armada para a Inglaterra! Já não ostentavam a mesma prepotência de antes, quando diziam serem os salvadores do catolicismo contra a Reforma protestante. Bem feito!, ele pensava, sentindo-se vingado. Talvez isso servisse para esfriar a arrogância daquele povo que reinava sobre seu querido Portugal e se julgava dono do mundo...

Mas, enfim, não devia desejar mal aos seus vizinhos espanhóis. Tinha muitos amigos por ali e, além do mais, Portugal saberia no momento oportuno reencontrar o caminho de sua independência e sua glória.

No instante em que se divertia escutando a história de como os judeus haviam raptado uma criancinha e, para representar mais realisticamente a Paixão do Senhor, pregaram-na numa cruz, Enrique pressentiu sua presença. Uma sensação de formigamento tomou conta de sua mente. Então ele a viu, do outro lado da feira. Era ela.

Ele aproximou-se devagar, enquanto a moça, alegre e displicente, comprava sedas das Índias. Só podia ser ela, a mulher cuja face, anos atrás na caverna, Ihlish lhe revelara. A mulher que seria sua discípula e o ajudaria a levar mundo afora o conhecimento secreto da Ordem. Tinha de ser ela.

Ele a observou atentamente. A beleza juvenil, os cabelos arrumados num penteado moderno, os olhos bisbilhoteiros, os modos altivos, cheios de um falso verniz aristocrático... Enrique sorriu. As imagens que Ihlish lhe permitira ver na caverna não a mostraram tão... tão interessante quanto na verdade era.

Ele aproximou-se um pouco mais e agora quase podia tocá-la. O cheiro de seu cabelo o fazia sentir-se leve... E a pele não era tão clara – teria sangue mouro? As roupas e os modos eram aristocráticos, sim, mas as mãos mostravam que seu passado talvez a houvesse obrigado a serviços no campo. Percebeu que era casada. E mais: que seu olhar demorava-se sobre certos rapazes o tempo exato para não ser flagrada, é ver-

dade, o mesmo tempo das outras senhoras... mas para ele era óbvio que ela não andava lá muito satisfeita no leito de seu casamento.

Ela olhava distraída os jograis quando teve um pressentimento e virou-se. E seu olhar foi apanhado pelo dele. E por um instante o tempo parou, o suficiente para que o passado, o presente e o futuro se alinhassem no ritmo exato do pulsar de seus corações.

* * *

DE LONGE E DO ALTO ele avistou as muralhas e as torres: era Munique que surgia bem à frente, a leste o rio Isar deslizando na escuridão da noite. Um pouco mais e já podia ver o par de fossos que circundava a cidade e as torres gêmeas da igreja de Nossa Senhora, e depois as ruas tortuosas com suas adegas e as cervejarias a acolher as farras dos bêbados. E, enfim, a residência que procurava.

A casa tinha dois andares, janelas com parapeitos salientes e o telhado inclinado. Era, como todas, espremida entre as demais. Ela estava lá, ele sabia. E à medida que se aproximava, podia sentir cada vez mais forte sua presença, cada vez mais...

– Meu Enrique... – ela sussurrou, adormecida na cama.

– Na hora marcada, minha Catarina... – ele respondeu, fazendo um galanteio como se tirasse um chapéu. E cantarelou: – *Lo que valen son tus brazos cuando de noche me abrazan...*

Ele disse que gostaria de lhe mostrar um lugar. Que lugar?, ela quis saber. Um paraíso, ele respondeu. E pediu para que ela fechasse os olhos. Ela obedeceu e quando abriu, viu o que seus olhos jamais haviam visto. À sua frente espalhava-se um cenário inacreditável: um bosque feito de rios de águas aveludadas que deslizavam feito uma suave melodia por entre árvores azuis. Ao redor brilhavam lagos cristalinos e cachoeiras que liberavam espumas-borboletas transparentes. Catarina

surpreendeu-se com as borboletas que esvoaçavam junto dela, todas meio humanas e brincalhonas. Quando tocou uma delas, ela estourou como se fosse bolha.

– Pensei que fosse viva... – ela murmurou, surpresa.

– E é. – Ele riu. – Estão a brincar contigo.

Ela deitou sobre a relva macia e azulada e ele deitou sobre ela. E ela sentiu-se a mulher mais abençoada do mundo por estar com aquele homem maravilhoso que sabia conduzi-la aos sonhos mais belos e prazerosos que podiam existir.

* * *

ANOS ANTES, quando desembarcou em Goa pela primeira vez, depois de dez meses viajando pelo mar, e pôs o pé esquerdo na terra, como rezava a tradição dos marinheiros catalães, as monções de julho sopravam forte, amenizando o forte calor indiano. Enrique respirou profundamente o ar daquele lugar estranho e teve a intuição de que algo muito importante o havia conduzido até ali, algo que ele ainda não sabia o que era, e que, afinal, entrar para a Companhia havia sido mesmo um bom negócio.

A Companhia de Jesus levava seus divulgadores do evangelho mundo afora, *ad majorem Dei gloriam*, e Goa, na costa ocidental da Índia, tornara-se um importante centro de estudos jesuíticos. Com missionários vindos de tantos países, não era difícil entrar em contato e aprender sobre muitas outras coisas além da matéria oficial da Companhia.

Foi assim que conheceu aqueles que o iniciaram na Ordem do Guardião, uma irmandade ocultista, formada por homens e mulheres de variados credos e nacionalidades e que mantinha uma secreta rede de informações espalhada por vários países, que era usada para influenciar decisões políticas e religiosas. Seus membros valiam-se de estados especiais de consciência para obter visões e controlar os sonhos.

A origem da Ordem remontava a antigas crendices dos camponeses do norte da Itália, que diziam sair em espírito

durante a noite para caçar bruxas. Como isso sempre se dava no início das estações, quando os camponeses jejuavam por três dias, percebeu-se que era o jejum que propiciava os tais sonhos reais e assim a prática foi adotada pelos membros da Ordem em seus ritos de meditação. Num avançado estágio, a meditação conduzia à caverna e lá ocorria o confronto com o Guardião do Conhecimento, que se manifestava em formas diferentes de acordo com os medos íntimos de cada um. Aos que venciam o confronto, o Guardião conferia poderes para que pudessem seguir mais profundamente nos mistérios. A Ordem do Guardião aos poucos se espalhou entre iniciados de várias religiões e foi ali na Índia, em Goa, que ela atingiu a Companhia fundada por Inácio de Loyola e seduziu vários de seus jesuítas.

Foi em Goa que teve a visão da funesta batalha de Alcácer-Quibir e viu o poderoso exército dos aliados dos turcos de Argel. Foi lá que viu dom Sebastião, rei de Portugal, ele e sua idiota ilusão de ser um predestinado de Deus, marchando glorioso para a trágica derrota. Ainda tentou intervir pois antevia ali o fracasso que levaria ao fim do sonho do grande império português. Mas foi inútil. Dom Sebastião agia feito um mentecapto e nem em seus sonhos parava para escutar os conselhos de seus compatriotas. Seu triste destino estava traçado.

Com efeito, a morte do rei deixara vazio o trono português e Filipe II da Espanha o assumiu. Desde então Portugal seguia subordinado aos espanhóis, culpa do rei megalomaniaco. É verdade que dom Sebastião tinha partidários que defendiam um império português na África, bem mais próximo e econômico que nas Índias. Mas ele, Enrique, sabia por suas visões que a África era uma luta inglória, inútil. Porém, não o escutaram. E agora, que absurdo, surgiam boatos de que dom Sebastião estava vivo, milagrosamente vivo, e voltaria a qualquer momento para reorganizar seu exército e comandar com valentia a vocação lusitana para a glória... Balelas!

Estavam então no final do século e ainda era vantajoso para as elites comerciantes portuguesas a união com a Espa-

nha, de forma que muitos concordaram com a subordinação ao trono espanhol.

– São uns interesseiros!... – Ele não se conformava. – Pensam em si antes da pátria!

O Guardião do Conhecimento era a entidade que aguardava em sua escura caverna por todos os membros da Ordem. Os derrotados do confronto com o Guardião retornavam transtornados e eram invariavelmente enviados a sanatórios. Agindo assim, os iniciados julgavam estar salvando seu segredo mas alguns, das profundezas de sua loucura e sofrimento, emergiam às vezes gritando coisas que aos médicos não fazia sentido – mas que levaram desconfiança às autoridades religiosas. Foi por isso que os iniciados, para se prevenir, passaram a exterminar todo aquele que não retornasse do confronto com a sanidade intacta.

Entretanto, executar pessoas significava sempre um risco, principalmente quando ocupavam cargos importantes ou eram membros da Igreja. E, aos poucos, vieram à tona algumas ligações secretas dos iniciados europeus com judeus e também com árabes e pagãos. A existência da Ordem estava ameaçada. O braço implacável da Santa Inquisição fechava o cerco.

* * *

ELA CHEGOU e entrou apressadamente na carruagem. Enrique a recebeu com um beijo demorado.

– Segue – ordenou ao cocheiro. Depois virou-se para ela. – Tira tua roupa, Catarina, e veste isso.

Ela obedeceu e trocou o vestido pelo manto negro com capuz. A carruagem seguiu pela estrada deserta e escura durante um longo tempo e depois parou. Ele avisou ao cocheiro que seguiriam o resto do caminho a pé e pediu que aguardasse, antes do amanhecer estariam de volta. Pegou-a pela mão e disse que ela, a partir de então, não poderia mais falar até que tudo terminasse. Subiram a encosta com cuidado e então, lá no

alto, a praia surgiu, envolta pela vasta escuridão da noite sem lua.

– Eles estão daquele lado – Ele apontou na direção de uma distante fogueira. – Também trouxeram suas discípulas para serem iniciadas.

Desceram a encosta e caminharam pela areia da praia. Não havia vento. Tudo que se ouvia era o barulho suave das ondas. Os outros já estavam ao redor da fogueira, em pé, onze ao todo. Ela segurou sua mão com mais força, tremendo de medo.

– Fica tranquila – ele sussurrou, procurando acalmá-la. – Não há o que temer.

Eles se aproximaram e ela viu que os outros também vestiam mantos escuros com capuzes que lhes ocultavam o rosto. Todos os saudaram com um leve aceno de cabeça e depois abaixaram os rostos, concentrados.

O cálice foi servido e, junto com os outros discípulos, ela bebeu três vezes da poção amarga. Então começaram a ser proferidas as palavras do início do ritual e, com elas, o vento soprou e se ataçaram as chamas da fogueira. As palavras continuaram sendo entoadas em forma de mantra, alimentando o fogo e protegendo-o do vento que soprava cada vez mais forte.

Logo depois Enrique percebeu que o corpo de Catarina oscilava para frente e para trás, devagar. Viu quando ela caiu de joelhos e ficou na areia, em silêncio, debruçada e contorcendo-se sobre si mesma. De repente ela ergueu-se e livrou-se do manto. E, inteiramente nua, começou a dançar, mexendo seu corpo em movimentos lentos e ondulantes enquanto as labaredas pareciam também dançar na superfície de seu corpo e o fogo reluzia em seus cabelos.

Surpreendidos pela súbita visão do corpo nu de Catarina, os homens e mulheres presentes nada fizeram senão olhar e admirar. Enrique pensou em interromper a dança de sua discípula para que o ritual pudesse prosseguir normalmente mas não conseguiu se mover, fascinado pelo que via.

Nesse momento o vento aumentou e veio a chuva. En-

quanto relâmpagos cruzavam o escuro da noite e os trovões ribombavam, Catarina abriu os braços para receber as primeiras gotas e logo em seguida virou-se e correu, sumindo na escuridão.

Depois de um tempo, como ela não retornava, Enrique decidiu sair à sua procura. Mas a praia agora era um imenso breu e ele pouco conseguia ver. A chuva virara tempestade e ele caminhava com esforço para não ser derrubado pela ventania. Ele gritava seu nome com toda a força mas com o barulho das ondas, do vento e dos trovões, mesmo ele mal se escutava. Nesses instantes vinha-lhe a impressão, tão nítida, tão exata, de já ter vivido aquele momento antes, aquela mesma situação, o mesmo repentino medo de perdê-la... Onde teria vivido aquilo, aquela chuva, aquela corrida desesperada, em que remoto tempo e lugar? Quando? Onde?

Enfim, encontrou-a. Ela girava nua de braços abertos e seu corpo reluzia sob os clarões dos relâmpagos. Ele a abraçou, aliviado, e beijou sua boca salgada. E caíram na areia.

– Vem. Vamos acabar resfriados – ele disse, levantando-se. Mas ela o puxou de volta para o seu corpo nu.

– Esqueça só por um momento que pode adoecer...

* * *

– MEU MARIDO descobriu tudo! – Ela exclamou, abraçando-o assustada.

– Como?

– Não sei! Estou com medo, Enrique!

– Fica calma. Esta noite terei com ele.

À noite, utilizando-se dos sonhos, ele confirmou tudo e viu que corriam sério perigo. Um marido traído era sempre perigoso. Porém, um marido com tantas influências, que mantinha estreitas relações com o conselho ducal, era invencível. Sua permanência no colégio jesuíta de Munique se mostrava um enorme risco, era preciso deixar a cidade imediatamente. Iriam para Barcelona, lá eles poderiam se esconder até encon-

trar um lugar seguro.

Mas... havia um problema. Para viver com Catarina, ele teria que largar a Companhia. E a Companhia de Jesus era seu disfarce perfeito, seu salvo-conduto, a sua maior segurança. Ela lhe proporcionava viagens, facilidades, dinheiro, mulheres... Poder.

Ele sentiu-se preso a um terrível dilema. Era como estar à beira de um precipício. Atrás os problemas o pressionavam e à frente aguardava-o a decisão mais difícil de sua vida.

* * *

O NAVIO SE AFASTOU e tomou o rumo dos rochedos de Gibraltar, portal do imenso mar oceano. O cais de Barcelona foi ficando para trás, para trás, e a figura de Catarina enfim sumiu na névoa. Ele desembarcaria secretamente em Portugal, acionaria seus melhores contatos na Corte e em um mês voltaria para reencontrá-la. E então fugiriam de vez para o Brasil, a nova terra do sul, onde poderiam viver em paz. Era o plano perfeito.

Mas ele não desceu em Lisboa. Seguiu direto para Goa, na Índia. Não retornou para o encontro combinado. Não podia largar a Companhia por uma mulher. Não podia. Mesmo que fosse a mulher que amava.

Sentimentos não mudavam o mundo. O que mudava o mundo era a ação – ele não tinha dúvidas sobre isso. E os acontecimentos do mundo necessitavam da Ordem para se realizarem dentro do caminho traçado. A Invencível Armada espanhola fora derrotada pela Inglaterra. Um polonês maluco chamado Copérnico publicara um livro em que afirmava que a Terra girava em torno do sol e outros malucos acreditavam nisso. A Reforma de Lutero triunfava e a Igreja tentava, com Sisto V, botar um pouco de ordem nos estados papais. Ingleses e holandeses tomavam o controle da rota do Oriente, aquelas sete mil milhas tão valiosas para Portugal. O mundo precisava cada vez mais dele e dos Iniciados da Ordem. E ele tinha

que estar preparado para os confrontos que viriam.

– Não, Vehdvar, você provou que não está – a Guardiã lhe disse uma noite, na caverna, quando o navio já seguia além do Bojador. – Você falhou.

– Mas...

– A obsessão pelo controle é o derradeiro perigo para os Iniciados, a armadilha final. Só escapam dela os que, ironicamente, abdicam...

– Da Ordem.

Sim, ele sabia de alguns membros que largaram a Ordem. Mas sempre julgara que o motivo fosse o medo de ser pego pela Inquisição. Mesmo assim, ele não conseguia entender...

– Não posso abdicar. O mundo precisa de nós!

– Está apenas adiando o momento, Vehdvar. Está caminhando em círculo, girando e girando...

– Sem realmente sair do lugar.

Sim, sem sair do lugar. Ele sentia isso.

– O que preciso fazer?

– Você sabe.

Entregar o controle... Ele sabia. Saltar no abismo. Sempre soubera. Nesse momento a imagem dela surgiu na superfície do lago. Catarina...

– Não posso voltar para ela agora. E as minhas seguranças?

De repente sentiu que já vivera aquele momento antes, aquelas palavras, o desespero, o desamparo... Quando?

– Não posso...

Enquanto a serpente desaparecia nas águas escuras do lago, ele caiu de joelhos e ficou ali, no chão, a sua voz ainda ecoando feito um grito sumindo no abismo.

– Não posso... não posso...

– QUEM É VOCÊ?

Luca olhava para a estranha figura à sua frente.

– Uma velha amiga, não lembra?

Aquela voz era familiar...

– Esta caverna... Eu já estive aqui...

Ele olhou ao redor, tentando reconhecer o lugar.

– Como andam as coisas?

– Péssimas – ele respondeu, suspirando. Estava muito cansado.

– Vejo que não está querendo voltar lá fora. Mas é preciso.

– Isso é real? Ou é um sonho?

– O que não é real, Vehdvar?

Vehdvar... Ele conhecia aquele nome...

– Estou lembrando... você é...

– Ihlishhhhhh...

Luca fixou o olhar e viu a enorme naja, a pele marrom e as escamas reluzentes, geometricamente perfeitas. A serpente ergueu parte do corpo e encheu os pulmões, inflando o pescoço. Então abriu a boca e mostrou as presas afiadas. Luca não sentiu medo.

– *Naja Hannah, Naja-Rei...* – ele murmurou, lembrando de antigas palavras.

– Ora, ora! Só mesmo a velha serpente para animá-lo...

– Ela deslizou para a pedra e enrolou-se sobre o próprio corpo para ficar ao lado dele.

– Sou um fracasso, Ihlish. Não vou voltar praquele hospital.

- E Isadora?
- Isadora é uma louca.
- Amor e ódio... Passam os séculos e eles não se desgrudam.
- Me deixe morrer em paz, Ihlis.
- A dama de branco o encantou, heim? Mas antes de ir para os braços dela, veja isso.

Ele virou-se para o lago escuro e percebeu que a água ondulava. Aos poucos uma cena começou a se formar na superfície... Do tombadilho de um navio um homem observava o mar. Luca soube imediatamente seu nome: Enrique. Estava envelhecido, os cabelos inteiramente brancos... Luca sentiu uma emoção estranha. Era como rever alguém muito querido depois de um longo tempo. No entanto era bem mais que isso, era uma afinidade, uma cumplicidade intensa, como explicar?

Soube imediatamente que Enrique já estava no final da vida e que muitos anos haviam se passado desde que partira de um cais em Barcelona, numa manhã enevoada, para onde nunca mais retornara. Soube muitas coisas sobre sua vida: a Companhia de Jesus, a Ordem do Guardião, as missões secretas, o perigo da Inquisição... O trabalho como missionário o levava a terras distantes e o fizera conviver com outras culturas. Grande parte da vida passara em barcos, singrando os mares. Os marinheiros catalães o chamavam de *chamador de vientos* porque ele sabia cantar e agitar o chapéu para trazer os ventos que necessitavam. E era a ele que recorriam para o benzimento de seus barcos com raminhos de alecrim no dia de Sant'Elmo. Ele tinha um olhar triste e diziam que a causa era um antigo amor. Quando lhe perguntavam sobre isso, ele citava os versos de March, o poeta catalão: *Com se farâ que visca sens dolor tenint perdut lo bé que posseya?*

A noite, o mar da China, a tempestade... Enrique estava no navio que balançava entre as ondas enormes. Ao anoitecer um marinheiro havia visto no horizonte a fatídica caravela dos mortos, a nave translúcida que conduzia as almas dos desaparecidos. E isso os enchera a todos dos piores presságios. E

agora a tempestade repentina, as ondas invadindo o convés, tudo sendo atirado violentamente de um lado a outro. Era preciso abandonar o navio.

A tripulação lançava os botes na água mas o terror e a confusão dificultavam tudo. Em certo momento Enrique perdeu o equilíbrio e bateu o rosto contra o mastro, abrindo uma ferida do lado direito, e logo começou a sangrar. Zonzo, ele cambaleou e perdeu o equilíbrio. E caiu no mar gelado. Tentou desesperadamente subir à tona para respirar mas nada podia contra os vagalhões que o faziam engolir cada vez mais água. Seu corpo começou a congelar e suas forças o abandonavam... Quando o bote estava bem perto de salvá-lo, ele afundou. E sumiu.

Luca chorava, ainda olhando para as águas escuras do lago. Ele sabia que Enrique havia se entregado quando poderia ter lutado mais um pouco por sua vida. E sabia também que em seu último pensamento estava Catarina, a mulher que ele nunca esquecerá e a quem abandonara no cais de Barcelona

– Então Isadora estava certa? – murmurou Luca, tocando a cicatriz no rosto. – Eu fui mesmo Enrique?

– Tanto quanto qualquer outra pessoa foi – respondeu a serpente.

– Como assim?

– A vida de Enrique, assim como qualquer vida, inclusive a sua, pode ser acessada por qualquer um pois todas as vidas estão interligadas através das experiências vividas, formando uma vida só, um único eu.

– Então não existe...

– Reencarnação. É uma ilusão do ego, que se identifica com a outra vida e entende isso como lembrança porque está preso ao tempo linear, onde passado, presente e futuro ocorrem em sequência.

– E não ocorrem?

– Só para o ego. Você e Enrique se identificaram profundamente e suas experiências se cruzaram porque para o eu maior o tempo é uma rede onde passado, presente e futuro se

cruzam em todos os pontos.

– Então todos os tempos acontecem...

– Ao mesmo tempo. E todos os eus são todos os outros.

Por isso qualquer vida pode ser influenciada pela vida de qualquer pessoa de qualquer tempo.

– Sendo assim, o passado pode ser...

– Mudado. Da mesma forma o presente e o futuro, pois tudo está sempre acontecendo...

– Agora.

– Mas só uma mudança profunda do eu é que pode mudar o tempo. Porque na verdade o tempo está dentro...

– Do eu.

A serpente mexeu-se...

– Tudo acontece na mente, Vehdvar.

... deslizou até o lago...

– Mude você mesmo e a realidade mudará.

... e sumiu novamente nas águas escuras.

* * *

UMA BELA MULHER de vestido branco. Ela o olhava de um jeito suave... convidativo...

– Ela deve ser mesmo muito bonita pra te enfeitiçar assim...

Aquela voz... Luca virou-se.

– Isadora...

– Vim te buscar. Vem.

– Tarde demais.

– Por quê?

– Com a pneumonia que peguei no hospital, nem os médicos têm esperança.

– Você tem que tentar, Luca. Não pode desistir.

– Eu cansei, Isadora.

– Tente só mais um pouco, por favor...

Ele deu um passo à frente, em direção à mulher de branco. Era de seu colo que precisava, sua compreensão. Estava

cansado de lutar contra a vida, contra si mesmo, contra tudo. Só desejava apagar, não ter nunca mais que acordar. Só isso.

– Não olhe pra ela, Luca – Isadora pediu. – Olhe pra mim.

Mas ele estava decidido.

– Luca, está me ouvindo?

Ele não respondeu. E seguiu em frente.

– Então eu vou com você.

Ele virou-se para ela, surpreso.

– Você não faria isso.

– Estou fazendo.

Ele sentiu a mão de Isadora segurando a sua, firme. E nesse momento o abismo surgiu bem ao lado, um abismo escuro e profundo a sussurrar seu nome. Se saltasse para sua escuridão, ele perderia de vez o controle sobre a própria vida, sobre tudo, e não seria mais quem era, seria apenas um pobre idiota do amor, não seria aceito na Ordem, seria expulso da banda, a Inquisição o queimaria na fogueira, seria o fim...

A mulher de branco e o descanso, o nunca mais ter que acordar. O abismo escuro e a entrega do controle. Ambos o chamavam...

– Estamos juntos, Luca... – Isadora sussurrou.

E antes que ela dissesse mais qualquer coisa, ele saltou.

A PRIMEIRA COISA que ele viu foi uma luz suave e colorida. Não sabia onde nem quando estava mas aquelas cores lhe trouxeram uma vaga alegria, vinda de longe, muito longe...

Em outro momento julgou perceber uma presença feminina, doce e protetora. Tentou falar algo mas o esforço foi tão grande que apagou.

Por fim abriu os olhos. Após um momento de confusão mental, entendeu que estava deitado, o rosto para cima, e havia um lençol branco sobre seu corpo... Estava deitado numa cama... um quarto de hospital... um tubo de soro ligado a seu braço... À sua frente a janela entreaberta deixava entrar a claridade do dia. E ao lado estava sua mãe cochilando na cadeira.

– Mãe, que dia é hoje? – ele perguntou e dona Glória quase caiu da cadeira, despertando de um susto.

– Luca!!!

Ela o abraçou, emocionada. Luca tentava lembrar do que poderia ter acontecido com ele. Mas nada vinha à sua mente.

– O que aconteceu?

– Meu filho, que bom que você...

– Fala, mãe, o que aconteceu?

– Um acidente, meu filho – ela respondeu, enxugando uma lágrima. – Mas não pense nisso agora.

– Acidente?... – Ele não lembrava de nenhum acidente.

– Quando?

– Você esteve em coma durante um mês.

Ele se concentrou para lembrar de qualquer coisa que fosse mas não conseguiu. Insistiu em saber sobre o acidente.

A mãe explicou: um carro avançara a preferencial, batida muito violenta, uma tremenda sorte ele estar vivo.

– Eu estava sozinho?

– Meu filho, você está fraco, tem que descansar...

Ela não precisou responder. Subitamente ele lembrou de Bebel, o fim de semana na praia, seu rosto, o sorriso meigo... As lágrimas desceram e ele não conseguiu dizer mais nada. E adormeceu soluçando.

* * *

NO DIA SEGUINTE a lembrança trouxe outras imagens... Uma espanhola chamada Catarina... um jesuíta português... viagens em navios... Tudo se confundia entre sonho e realidade mas eram imagens que o emocionavam. Teve o pressentimento de que, enquanto esteve ali em coma, muitas coisas aconteceram com ele... E adormeceu mais uma vez.

Quando despertou novamente, sentia-se mais disposto. Dona Glória confirmou a morte imediata de Bebel e do bebê e explicou que o carro que dirigia fora totalmente destruído mas que o seguro pagara tudo. Contou também que ele foi resgatado com muitos ferimentos e que no hospital contraiu uma pneumonia, o que o deixou por vários dias à beira da morte, desanimando a todos, inclusive os próprios médicos. Porém, de um momento para outro ele se recuperou, surpreendendo a todos.

– Os meninos da banda trouxeram esse pano aí de presente pra ti – contou Celina, feliz por ter o irmão de volta.

– Eu pendurei na janela pra diminuir a claridade – disse dona Glória. – Um dia você abriu os olhos, viu o pano e sorriu. E dormiu de novo. Foi nesse dia que eu tive a certeza que você ia voltar.

Ele olhou para o pano e o reconheceu. Era uma pintura colorida com o nome Bluz Neon em várias cores e as imagens dos cinco em silhueta, tocando. Sentiu saudade dos amigos. Como estariam? Mas outra coisa o preocupava.

– Alguém tem notícia de Isadora? – ele perguntou e de repente estremeceu: ela ainda o esperava naquele cais?

Não, nenhuma notícia, dona Glória não sabia de Isadora. Celina também não. Ele sentiu a tristeza lhe invadir a alma. Isadora... Por onde andava?

– Você está bem, mano? – Celina perguntou.

– Estou. Mas quero ficar um pouco só.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Tá bem. Qualquer coisa, grita.

Celina o abraçou e saiu, junto com a mãe, fechando a porta do quarto.

Luca puxou o lençol, acomodando o corpo na cama. E fechou os olhos. Então era verdade? Então Isadora tinha razão, ele fora mesmo Enrique, o bruxo português, o mestre-amante de Catarina? Que coisa incrível... Não apenas lembrara – revivera tudo! De algum modo, naquelas semanas em que estivera em coma, sua alma viajou até o século 16 e viveu como Enrique. E viveu de novo todas as emoções, os sentimentos, os medos, tudo...

– Incrível... – ele murmurava, cada vez mais impressionado. Agora entendia o que significava aquela história de recordar uma outra vida. E como explicar, como? Era tão real quanto lembrar um fato ocorrido alguns anos antes. As roupas, as casas, o modo de falar o português, o castelhano, o catalão... Como poderia sentir e saber tudo aquilo tão nitidamente se não houvesse realmente vivido, como? E o contato com a pele de Catarina, seu cheiro?...

Sim, ele fora Enrique, um português que usava a fachada de missionário da Companhia de Jesus para desenvolver-se como iniciado de uma ordem secreta, a Ordem do Guardião. Um aventureiro de várias identidades e que tecia sua vida nos cuidados da surdina e da dissimulação. Um conspirador religioso e nacionalista ferrenho. Um homem letrado, dedicado a preservar a qualquer custo o conhecimento de sua ordem, o que o tornara inimigo silencioso da Inquisição Católica. Um

homem dividido entre suas virtudes e defeitos, que levava a vida se arriscando e experimentando os mistérios. E também um homem que fugiu do confronto decisivo de sua vida: o amor por Catarina. Porque não admitia abdicar da segurança que a Companhia representava.

E a culpa por ter fugido o acompanhou feito uma chaga até o derradeiro momento. E foi ela que o fez optar pela morte naquele mar gelado, quando ainda lhe restava uma última chance de viver.

Ou haveria outra explicação? – Luca pensou enquanto lhe vinha a vaga lembrança de um sonho em que ele parecia descobrir que... que havia uma outra maneira de compreender aquele fenômeno de recordar uma outra vida. Sim, parecia haver uma outra explicação... Tinha algo a ver com a noção do eu, a noção de individualidade, algo assim... Ele procurou lembrar mas não conseguiu. Bem, se havia uma outra forma de entender o que estava acontecendo com ele, talvez descobrisse depois. Por enquanto o que sabia era que ele, de algum modo, estivera num outro tempo. E Isadora também estava lá.

– Catarina, meu amor... – Luca sussurrou, olhando a distância pela janela do quarto. – Eu voltei.

* * *

NOS DIAS SEGUINTEs as lembranças da vida de Enrique ainda estavam vívidas. Ele fechava os olhos e elas voltavam, como se apenas aguardassem a chance de tornar a invadir seu pensamento. Vinham os sons das carruagens barulhentas e a poeira nos olhos, o cheiro das cervejarias de Munique, o gosto da pimenta, do gengibre e da canela que os navios traziam como novidade das Índias...

Abriu os olhos de repente. Uma ideia lhe chegava de algum lugar, urgente: ele continuava onde Enrique havia parado. Sim! A descida à caverna consistia agora em enfrentar o medo que ele tinha de perder o controle da vida. Era esse o próximo desafio, que Enrique recusara: abandonar o controle.

Agora entendia que talvez o Taoísmo lhe aparecera através de Isadora justamente para que alcançasse o conhecimento que faltou a Enrique. Era como se fosse um plano traçado para ele. Estaria tudo já escrito? Pela própria vida?

Antes do acidente as coisas já estavam fora do controle e só ele não percebia. Os problemas, os pequenos acidentes e as doenças frequentes, os conflitos com a banda, o ambiente ruim no trabalho, a perda do carro, a partida de Isadora e por fim a gravidez de Bebel. A vida não poderia ter sido mais explícita. E, no entanto, ele não entendera o recado.

Uma noite antes de deixar o hospital sonhou com Isadora, um sonho forte e nítido. Ele a encontrava num lugar à beira do mar, ela estava ainda mais bonita.

– De onde você vem, Isadora?

– De quatro minutos no futuro.

– Não – ele corrigiu. – Foram quatrocentos anos.

– Temos de acertar nossos relógios, Luca.

* * *

O ÔNIBUS COMEÇOU a sair e Luca olhou pela janela. Na plataforma, Junior, Ranieri, Balu e Ninon acenavam com copos e uma garrafa de uísque, brindando a ele. Junior tocava no violão alguma música da banda. Ele acenou também, um gole de emoção entalado na garganta.

Acomodou-se na poltrona e respirou fundo. A cidade passando lentamente através da janela parecia lhe dar adeus. Um súbito temor subiu por sua espinha, um medo de deixar tudo para trás, de seguir um caminho que não sabia onde podia dar. Era como saltar no abismo...

Abriu a mochila e pegou a concha que Isadora lhe dera na lagoa de Uruaú. Encontrara-a dias antes numa gaveta do armário, nem lembrava mais dela. Encostou a concha no ouvido e o som do mar aos poucos o acalmou...

Dois meses antes estava saindo do hospital, sentindo-se ressuscitado. Vários quilos mais magro, cicatrizes pelo corpo,

ainda bastante debilitado. Em poucos dias acertou a saída da banda e do emprego, entregou o apartamento, vendeu algumas coisas e pagou a conta no restaurante. E comprou a passagem. Dona Glória não gostou nada da ideia. Celina ficou receosa de que o acidente houvesse afetado o juízo do irmão. Os companheiros da banda não podiam compreender como ele largava um sonho tão próximo de concretizá-lo. Mas para ele tudo estava claro, bem claro.

No meio da madrugada despertou lembrando de Bebel. Sentia sua presença, seu olhar, quase podia ver diante de si o rosto de menina e o sorriso franco. Lembrou das noites de carinho, seu corpo acolhedor. Lembrou do duro que ela dava no bar, seus sonhos de retomar a faculdade, o dinheiro que ela lhe emprestara... e que ele não pagou. Lembrou do jeitinho sutil de reprovar seu comportamento autodestrutivo. E lembrou que chegara a desejar ser Enrique só para livrar-se daquela gravidez. Seria ele, de algum modo, culpado por sua morte?

Retirou do bolso uma foto, recuperada da máquina de Bebel, que a irmã dela lhe dera. Na foto estavam ele e Bebel, abraçados na varanda da casa de praia, o sol se pondo ao fundo. Que exato sentido aquela mulher tivera em sua vida naqueles meses? Se ela não estivesse dirigindo, ele é quem teria morrido? Seria possível que ela, de algum modo, tivesse se sacrificado por ele? Algum dia descobriria respostas para essas perguntas?

Mas Bebel se fora. E ele nem uma vez sequer dissera o quanto realmente gostava dela, o quanto ela era importante, o quanto era linda. Vivia tão absorto em seus problemas, fechado em seu egoísmo e em sua insana luta contra a vida... Não fora digno dela. E no dia em que finalmente aceitou o filho que teriam, ela foi embora. Eles foram embora. Para sempre.

Emocionado, pegou a caneta e escreveu num pedaço de papel, pondo para fora o que estava preso em seu peito:

Ah, esse gosto esquisito

*Do amor que podia ter sido
Mas que não foi
E se foi pra nunca mais
O amor que não pôde crescer
Mas sempre brinca de ser
Quando eu olho pra trás*

– MEU NOME É LUCA DE LUZ NEON e toda sexta e sábado toco aqui no Papirar. Espero que tenham gostado. Obrigado.

Luca agradeceu aos aplausos, levantou do banquinho e desligou o som. Guardou o violão no estojo e desceu do pequeno modulado de madeira que servia de palco. Charles foi até ele.

– Hoje você mandou bem demais! – elogiou Charles, abraçando-o. – Foi realmente papirar o cabeção!

– Obrigado.

– Tô até pensando em aumentar seu cachê.

– Não tenho nada contra.

– Você merece, garotito. Agora senta aí que tá chegando uma moqueca de peixe daquele jeito que você gosta.

Luca sentou à mesa e espreguiçou-se, esticando os braços e as pernas. O bar estava cheio, como ocorria todo fim de semana. Nas mesas ele podia reconhecer moradores de Pipa que sempre iam ao bar e algumas caras novas, de turistas brasileiros e estrangeiros. Charles, um ex-hippie sessentão, era o proprietário, e sua mulher Solange era sua sócia no negócio. Eles haviam gostado de seu estilo musical e o contrataram para ser músico fixo da casa.

Luca abriu uma garrafa d'água e bebeu, matando a sede. Nove meses..., ele pensou. No dia seguinte completariam-se nove meses que voltara do coma. E sete meses que descera novamente em Tibau do Sul, ele, duas mochilas e o violão. Um impulso irresistível o levava até lá. Sabia, do fundo do seu ser, que era lá que deveria recomeçar sua vida.

Foi estranho rever o lugar, aquelas árvores, o rio, os

pássaros cantando ao amanhecer... No entanto, sentiu-se bem, era como estar em casa. Acampou novamente no camping de dona Zezé, que lembrava perfeitamente dele. Na segunda semana, no entanto, ela lhe propôs sair do camping e mudar para a pousada: trocaria o aluguel do quarto por aulas de violão e informática para seus dois filhos, que tal? O quarto era pequeno mas tinha armário, mesinha, ventilador, janela com cortina e banheiro. E o café da manhã estava incluído. Luca nem pensou duas vezes: negócio fechado.

Na manhã do primeiro dia em seu novo quarto, ele acordou e foi ao banheiro. Ao passar pelo espelho, parou e olhou-se por um tempo. Havia algo estranho em seu rosto, em sua expressão... Olhou-se mais atentamente, procurando descobrir o que podia ser. Sim, havia realmente algo diferente, algo que ele não conseguia identificar. Nos dias seguintes teve a mesma impressão. Havia algo estranho sim, que diabos! Mas o que seria? Por mais que procurasse, não encontrou. Acabou desistindo.

Foi dona Zezé, sempre atenciosa, quem o aconselhara a procurar trabalho em Pipa. Ele foi, conheceu Charles e Solange e no mesmo dia voltou empregado. Simples assim. Agora tinha trabalho fixo, um trabalho prazeroso, em que podia tocar as músicas preferidas, inclusive suas próprias músicas. E, que alívio, agora não tinha mais que se preocupar com aluguel e reuniões de condomínio. Nem com o preço da gasolina. E ainda podia tomar banho de mar todos os dias.

Sete meses de solidão. Uma solidão ao início preenchida por lembranças insistentes que sempre vinham acompanhadas de dolorosas constatações. Uma armadura velha e enferrujada, era isso que ele usara por muito tempo, agora via muito bem, uma armadura feita de velhas ideias sobre a vida, que o protegia de certos perigos, sim, mas que cada vez mais o impedia de caminhar. E as máscaras, havia também as máscaras, caindo uma após outra, revelando seu verdadeiro ser, cheio de imperfeições. E havia os demônios, muitos, saltando para fora do armário a todo instante, forçando-o a reconhecê-los e enca-

rá-los.

Como pudera errar tanto? E insistir tanto num caminho que o levava para longe de si mesmo?

Houve dias em que, desesperado, procurou alguém para conversar porque tinha medo dos próprios pensamentos. Não fosse a companhia de dona Zezé e as aulas das crianças, possivelmente teria surtado. Poderia ter acabado num hospital psiquiátrico. Mas a longa noite havia passado.

– Olha a moqueca quentinha!

Era Charles, voltando à mesa. Trazia na bandeja um prato de barro fumegante.

– Sabia que amanhã faz nove meses que eu voltei do coma? – Luca comentou enquanto se servia.

– Nove meses? Então amanhã você vai nascer, garotito. Uma cerveja pra comemorar!

* * *

O TRABALHO NO PAPIRAR era mesmo ótimo e a cada fim de semana ele conhecia muitas pessoas e fazia bons contatos profissionais. Por conta de um desses contatos, uma vez por mês viajava para Natal, onde tocava numa casa de shows. Como o dinheiro que ganhava era mais que suficiente para suas despesas, rapidamente pôde comprar um violão novo e uma caixa de som importada, coisa que nunca tivera nos tempos da banda.

Levava uma vida simples e saudável. Agora bebia menos, dormia mais e se alimentava melhor. Nadava todos os dias e tinha tempo para ler muitos livros. Mantinha contato com a família e os amigos pela internet, usando o computador de dona Zezé. Em breve compraria um para ele mas, por enquanto, isso não lhe fazia falta. E compunha bastante, agora experimentando-se em outros ritmos além do blues.

Não sabia quanto tempo continuaria ali em Tibau do Sul nem sabia para onde iria depois. Não sabia o que lhe aconteceria, não sabia de nada. Antes do acidente também não sabia

mais de nada, é verdade, mas a diferença é que agora não tinha nenhuma preocupação quanto a isso. Sabia apenas que fazia o que devia ser feito e essa calma certeza o enchia da maior das liberdades.

Quanto a mulheres, o trabalho no bar lhe possibilitou conhecer várias e até dormiu com algumas. No dia seguinte, porém, elas sempre voltavam para suas cidades e ele prosseguia sozinho.

Sozinho, sim, mas em seu pensamento uma certa mulher era presença constante...

– Isadora, por onde você anda, sua louca?... – ele se perguntava todas as manhãs enquanto caminhava pela praia. Talvez já fosse digno de merecê-la, como não o fora Enrique naquela longínqua manhã no cais de Barcelona. Como não o fora ele também, Luca. Talvez agora fosse digno dela. Ou já havia jogado fora todas as oportunidades?

Um dia, folheando distraído uma revista, viu a imagem de uma serpente naja... e de repente lembrou. Lembrou de um sonho estranho... Parecia ter sido tanto tempo atrás... Era um sonho com um clima misterioso, uma atmosfera antiga, sagrada, numinosa... A serpente lhe falava coisas sobre a natureza do eu, do tempo, vidas simultâneas...

– É isso! – exclamou, tomado por uma súbita euforia. Era esse o sonho que ele desejava lembrar desde que voltara do coma. E, assim, durante os dias seguintes a lembrança daquele estranho sonho ocupou seu pensamento, a serpente, aquelas ideias confusas sobre a vida e o tempo... Eram ideias nada ortodoxas, sim, mas eram instigantes e ele sentia que elas escondiam coisas profundas e reveladoras. Talvez um dia fizessem mais sentido.

* * *

PROGRAMA DE FIM DE TARDE: viajar no entardecer. Sempre que podia, Luca descia a encosta do rio para ver o pôr do sol, sentindo a brisa no rosto e se deliciando com o cheiro de mar. E

tocava para os botos. Bastava sentar à margem do rio e fazer o violão soar as primeiras notas que logo surgiam seus corpos cinzas à superfície, os focinhos lisos, as faces risonhas. Ficavam bem perto, atentos, escutando... Vez em quando um ou outro saltava de repente e o corpo ágil brilhava sob os reflexos do sol poente. Luca ria, feliz: aquele era o jeito brincalhão deles de aplaudir sua arte e concordar que sim, liberdade é só um sinônimo de não ter nada a perder.

Tocar para os botos lhe trazia a maravilhosa sensação de estar conectado com a Natureza, uma sensação boa de segurança, certamente a mesma segurança que deviam sentir os bebês no colo da mãe, pensava ele. E, no entanto, era a mesma Natureza, imensa e misteriosa, que tanto o apavorara naquela manhã na lagoa de Uruaú.

Sozinho, sentado à beira do rio, ele tocava as músicas prediletas e lembrava... Lembrava de dona Glória, que ligava para perguntar o que o filho estava comendo e quando voltaria. Lembrava da banda, os ensaios divertidos, os shows inesquecíveis. Após sua saída, Junior havia assumido o vocal da Bluz Neon e começara a namorar Soninha. No entanto, os dois brigavam tanto que isso atrapalhou os trabalhos e acabou dividindo a banda. O resultado foi que não gravaram o CD e a banda acabou. Junior e Soninha se separaram e ele agora tentava montar uma banda de disco music. E Soninha passara a namorar o baixista Ranieri.

Luca ria, divertindo-se com as lembranças e tudo o que seus amigos aprontavam. Quisera o destino que se separasse dos amigos, sim, mas ele agora recebia o destino com um abraço confiante e estar vivo de repente era algo assombroso e excitante. Meses antes se debatia em meio aos acontecimentos como quem luta desesperadamente para não se afogar. Tentava controlar a vida como se isso fosse possível, sem saber que bastava fluir junto com ela, como fazia agora e como faziam os garotos que surfavam com o corpo no mar de Tibau do Sul, domando as ondas sem competir com elas.

Agora olhava para trás e se espantava do quanto andara

cego e perdido. Era como se houvesse fugido do inferno, um inferno onde o que verdadeiramente ardia era seu medo de se entregar à vida.

* * *

UMA MANHÃ Luca acordou e, como sempre fazia, foi ao banheiro. Na saída, parou na pia para lavar o rosto e, ao olhar-se no espelho, viu a imagem de seu rosto. Nesse exato instante entendeu finalmente o motivo do estranhamento que sentia todos os dias sempre que se olhava naquele espelho. E riu. Ali a imagem de seu rosto era uma imagem única, inteira, bem diferente da imagem dividida do espelho quebrado de seu antigo apartamento.

Luca tocou a superfície do espelho como se acariciasse seu próprio rosto. Era estranho vê-lo assim, inteiro, uno, parecia outra pessoa. De repente sentiu carinho por aquela pessoa que o observava no espelho, um carinho feito de compreensão, compaixão, amor e perdão. Sim, era ele mesmo, claro, mas ao mesmo tempo era outra pessoa, um outro Luca...

Subitamente ele entendeu que não estava do lado de fora do espelho – ele era o do espelho. Ele estava dentro do espelho e olhava para o Luca que estava fora. E então pôde perceber que ele, o do espelho, sempre estivera ali, que todos os dias olhava para o Luca do lado de fora e lamentava que ele não o visse de verdade, e visse apenas um Luca fragmentado, dividido em várias partes, despedaçado em suas próprias contradições. Ele, o do lado interno do espelho, sempre fora o Luca a viver aquele tempo futuro, aquele tempo de encontro consigo mesmo, e todos os dias tentou fazer com que o Luca de fora acordasse do sonho que vivia e percebesse que podia interromper o ciclo de autodestruição a que estava entregue. E, assim, todos os dias a superfície do espelho era uma fina membrana a separar duas realidades: numa delas Luca morria, na outra ele renascia.

Luca deu por si e percebeu que continuava olhando-se

no espelho, e estava rindo, sem saber exatamente por que ria. Sentiu-se um bobo, olhando para si mesmo como se nunca houvesse antes se visto. E quanto mais pensava sobre o fato, mais bobo se sentia e mais engraçada a coisa toda se tornava. Logo estava rindo às lágrimas e o que era riso tornou-se um choro de felicidade, uma felicidade estranha e repentina, feita da súbita convicção de que, sim, era preciso morrer para encontrar a si mesmo.

* * *

UM DIA, CONVERSANDO com Charles e Solange, Luca descobriu que eles tinham um I Ching. Imediatamente lembrou que uma vez, na cozinha de seu apartamento de Fortaleza, Isadora consultara o oráculo para ele. E que anotara o resultado em sua agenda.

Pediu emprestado o livro e buscou o hexagrama Receptivo. Leu e tomou um susto.

“No outono, quando cai a primeira geadas, o poder da escuridão e do frio começa a se manifestar. Após os primeiros indícios, os sinais da morte irão se multiplicando gradualmente até que chegue o rígido inverno com seu gelo. O mesmo ocorre na vida. A decadência surge, ao início sugerida por pequenos sinais, para em seguida se avolumar até a chegada da dissolução final.”

Ficou olhando para as palavras, surpreso com a relação delas com sua vida. Agora era tão óbvio! Escuridão, frio, rigidez, decadência... os primeiros indícios... os sinais da morte... Não poderia haver palavras mais precisas para resumir o que lhe acontecera. E ele simplesmente não captara o recado. Como podia ser tão cego?

Durante semanas matutou sobre aquela mensagem do I Ching e sua relação com as ideias que ultimamente tinha sobre

o tempo. O que teria acontecido, ele se perguntava, se houvesse captado aquela mensagem na primeira vez em que leu? Certamente teria alterado seu futuro e, assim, aquele futuro doloroso que ele posteriormente viveu não existiria. No entanto existiu, aconteceu. Então, se houvesse captado a mensagem, teria alterado um futuro que já aconteceu, ou seja, teria alterado o que agora era passado.

– Caramba... É possível alterar o futuro – concluiu Luca, espantado com a descoberta. – E também o passado.

* * *

NAQUELA MANHÃ nublada havia poucas gaivotas brincando no céu de Tibau do Sul. Sob a palhoça de um bar à beira do penhasco da praia, Luca respirava a maresia e olhava um barco ancorado... Nove meses. Naquele dia fazia exatamente nove meses que voltara do coma. Luca riu, lembrando da noite anterior no Papirar, Charles dizendo que ele estava nascendo...

Foi nesse momento, feito uma ânsia, que a canção quis sair. Não apenas queria, ela precisava sair. Rapidamente, ele puxou o violão e... a música saiu, escorregando pelos dedos e pela boca, como se já estivesse pronta em algum lugar dentro dele.

*O vento no cabelo
A poeira da estrada
Pernoitar nessa pousada
Amanhã cedo prosseguir
A vida é uma carona incerta
Mas sempre me leva
Aonde eu preciso ir*

– Música bonita... É nova?

Aquela voz...

– Acabou de sair – ele respondeu, parando de tocar.

Ela sentou ao seu lado, olhando para o imenso mar à

frente, as ondas, o barco ancorado... Ele virou devagar, olhando-a de perfil: ela estava tão bonita... Mais bonita ainda que em seus sonhos.

– Isso é um sonho? – ele perguntou.

O cheiro do cabelo dela o fazia sentir-se leve...

– E o que não é sonho, Luca?

– Está vindo de onde?

– Da pousada da dona Zezé. Ela disse que eu te encontraria aqui.

Luca riu. Uma gaiivota passou bem próximo.

– Você está linda.

– E você está ótimo, com uma cara saudável...

– Como foi a viagem?

– Foi incrível, fiquei um ano viajando. Agora quero dar um tempo.

– Por falar nisso, já achou uma definição pro Tao?

– Ah... – Ela riu, lembrando de uma antiga conversa. –

Sim, finalmente encontrei.

– Sério? Então me fala.

– O Tao é a tal coisa e coisa e Tao.

Eles riram e de repente era como se ainda estivessem conversando naquela tarde chuvosa no restaurante de dona Zezé.

– Sofri um acidente, você soube?

– Não. Quando?

Ele falou sobre o acidente, o coma e sua recuperação.

Isadora escutava impressionada. Ele contou também sobre Bebel.

– Eu falhei, Isadora... Não soube cuidar dela.

– Você fez o que pôde. – Ela o consolou enquanto enxugava as próprias lágrimas.

Luca a tomou em seus braços e de repente nunca em tempo algum haviam se separado. De repente não se passara mais de um ano desde o último encontro. De repente a vida retomava seu curso, naturalmente, fluindo como deveria fluir, rio que desce para o mar.

– Por que voltou pra cá, Luca?
Ele tirou do bolso uma concha.
– Ela me sussurrou que eu precisava completar minha missão.
– Missão?
– Voltar pra você.
Ela sorriu e ele completou:
– Como deveria ter feito quatrocentos anos atrás.
Ela olhou surpresa para ele.
– Então você lembrou?!
– Sim.
– Não acredito! Me conta, quero saber como foi.
– Foi durante o coma. Mas não acho que lembrar é o termo correto.
– Por quê?
– Sabe... Ando pensando umas coisas sobre o tempo, a noção do eu... Talvez eu não tenha sido Enrique.
– Como assim?
– Talvez todos tenham sido Enrique. E talvez aquele tempo ainda esteja acontecendo. É uma alternativa à teoria da reencarnação, algo mais profundo e bem mais louco.
– Hummm... A multidimensionalidade da existência.
– Exatamente!
– Que coincidência, Luca... Dia desses li algo sobre isso e fiquei bem curiosa. Acho que temos milhões de coisas pra conversar.
– É. Mas por enquanto quero apenas que você me perdoe. Você me perdoa?
– Por quê?
– Por eu ter fugido.
– Só se você me perdoar por eu ter te abandonado num momento tão difícil.
Eles riram juntos. Nada daquilo importava mais.
– Você me libertou, Isadora. E eu nem sabia o quanto estava preso.
– Tive tanto medo de ter te perdido pra sempre, Luca...

Mas eu sabia que você estava em seu próprio tempo, eu tinha que confiar.

Os olhos de Isadora... Ele percebeu que a insanidade continuava lá, bela e charmosa, um abismo cor de mel a sussurrar seu nome. Agora, porém, não tinha mais medo.

– Acho que podemos agora acertar nossos relógios, Isadora.

Ele a puxou e a beijou. E era como se o gosto de Isadora jamais houvesse deixado sua boca. E por um instante o tempo parou, o suficiente para que o passado, o presente e o futuro se alinhassem no ritmo exato do pulsar de seus corações.

Ele abriu os olhos. Ela olhava para ele com uma expressão de espanto.

– Isadora... eu já vivi isso antes...

Eles se olharam, o olhar vago, como se não estivessem ali. Como se buscassem algo perdido na memória do tempo.

– Eu também, Luca...

– Um déjà vu...

– Mas... nós dois ao mesmo tempo?

– Isso é possível?

– Nós já vivemos... isso antes...

Ele a abraçou e assim se deixou ficar, juntinho a ela, inteiramente envolvido pela sensação de já ter vivido aquilo antes... Fechou os olhos e tentou lembrar quando vivera aquela mesma situação mas tudo que lhe veio foi a sensação de estar girando, girando... Era como se estivesse num círculo, girando, sempre passando por aquele mesmo lugar... girando num círculo, sempre passando pelo mesmo ponto, sempre...

O mesmo ponto mas num outro nível – ele subitamente entendeu. Um outro nível! Porque na verdade não estava num círculo mas numa espiral. Sim, uma espiral, onde o tempo está sempre girando e retornando ao mesmo lugar para ser de novo, sim, para ser eternamente de novo... mas em outro nível, de outro modo. De outro modo!

– O que foi?– ela perguntou.

– Não sei, uma tontura...

- Há dias que você está estranho.
- Ele puxou-a pela mão e começou a correr.
- Vamos sair daqui... Rápido!
- Mas...
- Vem. Por aqui.
- Você enlouqueceu?
- Devia ter enlouquecido há muito tempo.
- E a viagem?
- Não mais irei.
- Não?!
- Fala baixo. É segredo.

Ele continuou puxando-a pela mão, correndo por entre a névoa.

- Mas... Por que desistiu de ir?
- Porque meu lugar é contigo.
- Mas... nós íamos nos encontrar logo.
- Não, não íamos.
- Como assim?
- Eu explico depois. Vamos, apressa.
- E a Companhia?
- Para o raio-que-o-parta a Companhia!
- Ah, não! – Ela estancou o passo, soltando sua mão da dele. – Explique logo essa mudança de ideia.

Ele parou mais adiante, ofegante, e voltou. Pegou-a pelos ombros e falou baixinho:

– Há uma maneira mais segura de chegarmos ao Brasil. Mas explico depois, não quero que me vejam...

– Não, Enrique! Só saio daqui depois que você me explicar!

Ele respirou fundo. Olhou para os lados, preocupado que o vissem ali. Lá atrás, entre o leve nevoeiro que fazia, o navio continuava ancorado no cais, balançando com as ondas, os marujos subindo as velas. Logo dariam pela sua ausência.

– Não sei, Catarina... Ocorreu algo naquele momento... De repente eu...

Enquanto ele procurava as palavras, ela olhou bem nos

olhos dele e de repente lhe chegaram lembranças de um estranho tempo que nunca houve, um tempo de tristeza, de loucura e solidão... Um tempo onde a vida dava voltas em torno de si mesma sem sair do lugar, repetindo-se mil vezes como as cantigas tristes que as mulheres de sua aldeia cantavam quando era pequena, cantigas sobre uma mulher que espera por seu amor, um amor bonito que se perdeu no tempo...

– De repente eu me vi... não, eu lembrei de mim... – ele continuava tentando encontrar as palavras. – Eu estava perdido... nós dois separados... Não sei explicar.

– Estamos juntos agora? – ela perguntou. – É só isso que preciso saber.

– Sim, meu amor... Estamos juntos.

Ele a puxou e beijaram-se. E aquele beijo teve um sabor diferente, um sabor irresistível de primeira vez. Depois deram-se as mãos e correram até sumirem no final da rua. Uma nova vida os esperava, numa terra nova. Num novo tempo.

GALERIA DE LEITORES ESPECIAIS

Obrigado a todos os leitores que adquiriram esta obra antecipadamente na promoção de pré-lançamento. Mais que leitores, estas pessoas são grandes incentivadoras do meu trabalho.

AL - Mariana Melo (Maceió)

AM - Thais Souza (Manaus)

BA - Pat Maria (Salvador)

CE - Fernando Veras (Camocim), Alzira Aymoré, Ana Érika Galvão, Ana Karine Oliveira, Arthur Valente, Eugênio Leandro, Fabiano Brilhante, Gilvanilde Oliveira Falcão, Glaucia Costa, Iana Bezerra, Marta Aurélia, Monica Fuck, Sandra Macedo, Verônica Guedes, Viviane Avelar (Fortaleza), Paula Izabela (Juazeiro do Norte), Meg Lia (Paracuru)

DF - Suely Andrade (Brasília)

MA - Mardonio Veras (São Luís)

PB - Aluska Cavalcanti, Emerson Figueiredo (Campina Grande), Christiane de Oliveira, José Maria Teixeira Jr. (João Pessoa)

MG - José Carlos Neves (Belo Horizonte)

PE - André de Sena, Rógeres Bessoni (Recife)

PR - Joelson Maximiniano (Curitiba)

RJ - Gabriel Falcão, Maria Emília Lino da Silveira, Pedro Camargo, Regina Coeli Carvalho, Waldemar Falcão, Wilza Mazur (Rio de Janeiro)

RN - Larissa Azevedo (Natal)

RS - Arlene Amorim, Edgar Powarczuk, Gisela Symanski (Porto Alegre)

SP - Jamile Mileipe (São Carlos), Virginia Mancini (Leme), Antonio Venâncio, Bárbara Leite, Bia Rocha, Celia Terpins, Cesar Veneziani, Graziely Camargo, Kátia Regis Albuquerque, Juliana Cupini, Leopoldo F Noschese, Lucilene Pacheco, Maria do Carmo Antunes, Renata Regina, Roberta Lossio e Tarcus Guedes (São Paulo)

INGLATERRA - Katiê Ribeiro (Plymouth)

PORTUGAL - Francisco Fontenele Neto (Lourinhã)

SUÉCIA - Luciana Bergstrom (Suécia)

Obrigado pelas observações valiosas:

Rosa Emília Costa (Fortaleza-CE), Daniela Ramos (Rio de Janeiro-RJ) e Marcelo Gavini (São Paulo). Obrigado por tudo: Wanessa Bento (Fortaleza-CE).



SOBRE O AUTOR

Ricardo Kelmer nasceu em Fortaleza, em 1964. Mora atualmente na cidade de São Paulo. cursou Letras e Comunicação Social, atuou em rádio e na produção de eventos, foi redator de publicidade e dono do bar

Badauê na Praia de Iracema. Integrou as bandas Os The Breg Brothers e Intocáveis Putz Band. Como produtor cultural, atua no espetáculo Viniciarte - Vida, música e poesia de Vinicius de Moraes, de sua autoria, e produz a festa Cabaré Soçaite. Publicou seu primeiro livro em 1995. Também é roteirista, letrista musical e palestrante.

Blog do Kelmer - blogdokelmer.wordpress.com

OUTRAS OBRAS DO AUTOR



O Irresistível Charme da Insanidade

(Romance - Editora Arte Paubrasil)

Luca é um músico, obcecado pelo controle da vida, que se envolve com Isadora, uma viajante taoísta que afirma ser ele a reencarnação de seu mestreamante do século 16. Ele inicia uma estranha aventura onde somem os limites entre sanidade e loucura, real e imaginário e, por fim, descobre que para merecer a mulher que ama, terá antes de saber quem na verdade ele é.

Nesta insólita história de amor, que acontece simultaneamente na Espanha quinhentista e no Brasil do século 21, os *déjà-vu* (sensação de já ter vivido certa situação) são portais do tempo através dos quais temos contato com nossas outras vidas.

Blues, sexo e uísques duplos. Sonhos, experiências místicas e ordens secretas. Este romance exercita, numa história divertida e emocionante, intrigantes possibilidades da vida, do amor, do tempo e do que seja o "eu".

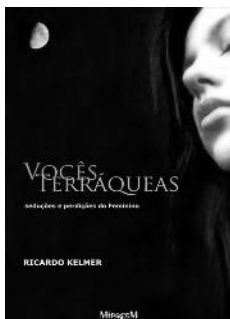


Guia de Sobrevivência para o Fim dos Tempos

(Contos - Editora Arte Paubrasil)

O que fazer quando de repente o inexplicável invade nossa realidade e velhas verdades se tornam inúteis? Para onde ir quando o mundo acaba?

Nos nove contos que formam este livro, onde o mistério e o sobrenatural estão sempre presentes, as pessoas são surpreendidas por acontecimentos que abalam sua compreensão da realidade e de si mesmas e deflagram crises tão intensas que viram uma questão de sobrevivência. Um livro sobre apocalipses coletivos e pessoais.



Vocês Terráqueas

Seduções e perdições do feminino
(Contos/crônicas - Miragem Editorial)

Nos contos e crônicas deste livro, Kelmer mistura humor e erotismo para celebrar o Feminino em suas diversas e irresistíveis encarnações. Ciganas, lolitas, santas, prostitutas, espãs, sacerdotisas pagãs, entidades do além, mulheres selvagens – em todas as personagens, o reflexo do olhar masculino fascinado, amedrontado, seduzido... Em cada história, o brilho numinoso dos arquétipos femininos que fazem da mulher um ícone eterno de

beleza, sensualidade, mistério... e inspiração.

Guia do Escritor Independente

Como publicar seus livros e gerenciar a carreira literária



As novas tecnologias possibilitam cada vez mais aos escritores a oportunidade de desenvolver suas carreiras sem necessariamente estarem ligados a alguma editora. Hoje é possível publicar, divulgar e vender os próprios livros usando-se a internet e outros meios alternativos, baratos e eficientes.

Com sua experiência no mercado editorial oficial e alternativo, o autor resume neste livro as idéias que divulga em suas palestras e oficinas, mostrando que os novos autores podem gerenciar a própria carreira independente, publicando e vendendo seus livros,

conquistando seu público leitor e realizando, assim, o velho sonho de ser escritor.

Baseado Nisso

Liberando o bom humor da maconha
(Contos/glossário)

Os pais que decidem fumar um com o filho, ETs preocupados com a maconha terráquea, a loja que vende as mais loucas ideias... Nesses contos estão reunidos aspectos engraçados e pitorescos do universo dos usuários de maconha, a planta mais polêmica do planeta. Inclui glossário de termos e expressões canábicos. O Ministério da Saúde adverte: o consumo excessivo deste livro após o almoço dá um bode desgraçado.

Matrix e o Despertar do Herói

A jornada mítica de autorrealização em Matrix e em nossas vidas
(Ensaio)

Utilizando a mitologia e a psicologia do inconsciente numa linguagem simples e descontraída, Kelmer investiga o filme Matrix e nos oferece uma visão diferente da obra que revolucionou o cinema e é considerada um fenômeno cultural, lotando salas no mundo todo, conquistando admiradores e instigando intensas discussões por onde passa.

Neste livro vemos que Matrix é uma reedição moderna do antigo mito da jornada do herói e sua história nos fala, metaforicamente, do processo de autorrealização do ser humano, com suas crises que levam ao despertar, o autoconhecer-se, os conflitos internos, a relação com o inconsciente, a autossabotagem, a experiência do amor, a morte e o renascer.

Nós podemos ser bem mais que meras peças autômatas de uma engrenagem, dirigidos pelas circunstâncias, sem consciência do processo que vivemos. Em vez disso, podemos seguir os passos de Neo e todos os heróis míticos: despertarmos, assumirmos nosso destino e nos tornarmos, finalmente, os grandes heróis de nossas próprias vidas.

Blues da Vida Crônica

(Crônicas)

Sociedade, relacionamentos, arte, internet, drogas, futebol, política, misticismo, Natureza, erotismo, mulher... O velho olhar kelmérico, agudo e bem-humorado, está de volta nesta seleção de 46 crônicas, boa parte publicada em sua coluna de jornal. Elas compõem o melhor da produção de crônicas do autor entre 2003 e 2006.

A Arte Zen de Tanger Caranguejos

(Crônicas)

Em sua maior parte publicados em jornais, revistas e sites na Internet, as crônicas e artigos deste livro trazem o sagrado e o profano tão típicos do estilo de Ricardo Kelmer. Feito caranguejos tangidos na mesma direção, aqui estão reunidos os vários Ricardos: o cronista gozador, o observador irônico e debochado dos costumes, o ousado viajante dos mistérios e também o pensador inquieto a desenrolar o novo infinito das possibilidades filosóficas e existenciais.

PALESTRAS

para colégios, faculdades e empresas

O DESPERTAR DO HERÓI

A jornada sagrada de autorrealização nos mitos, no cinema e em nossas vidas



RK fala de Mitologia, Psicologia, Autoconhecimento e Realização Pessoal em linguagem simples e descontraída para mostrar que o mito da Jornada do Herói, presente nas histórias de tantas culturas, é uma metáfora do processo de autorrealização, a jornada individual de todos nós rumo à nossa essência mais verdadeira e profunda.

Podemos ver esse mito em lendas, livros e filmes, como se fosse um precioso segredo – que muitos infelizmente esquecem e assim se perdem de sua essência mais legítima. Assim como os heróis dos mitos e do cinema, cada um de nós está predestinado a se realizar verdadeiramente e, com isso, tornar-se o grande Herói de sua própria vida. Mas antes é preciso, como o herói de Matrix, despertar, distinguir-se da massa, conhecer-se e assumir a tarefa que dará sentido à existência.

FILME DE APOIO: Matrix

Esta palestra é um resumo do livro "Matrix e o despertar do herói".

ESCRITOR DO SÉCULO 21

Livros e mercado literário na era da internet



Para pessoas interessadas em publicar seus livros ou para aqueles que desejam seguir a carreira literária. RK mostra sua experiência de 20 anos com jornais, revistas, sites e blogs, com as editoras que teve e como autor independente. O objetivo não é ensinar a escrever mas mostrar como é o ofício de escritor e que é possível ao autor, mesmo sem ter uma editora, publicar seus livros e conquistar seu próprio público.

ASSUNTOS: Vantagens e dificuldades da carreira - Mercado editorial oficial e alternativo - Alternativas de trabalho - Gráfica tradicional e gráfica rápida, custos, tiragens - Apoios e patrocínios - Divulgação, distribuição e venda - Internet como ferramenta de venda, divulgação e contato com leitores.

Esta palestra é um resumo do livro Guia do Escritor Independente. Este tema também pode ser desenvolvido em forma de oficina.

PERSONALIZE ESTE LIVRO

Este livro eletrônico pode ser baixado gratuitamente no blogdokelmer.wordpress.com. Caso você deseje ter um exemplar eletrônico exclusivo com dedicatória personalizada para você, entre em contato. Você pode também personalizar seu exemplar inserindo um texto de apresentação escrito por você e com sua foto. Seria um presente interessante para dar aos amigos, não?
Contatos: rkelmer@gmail.com